THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class D7
Book .G3

ESTUDOS

DE

HISTORIA

E

DE LITTERATURA

POR

LUIZ GARRIDO

SOCIO EFFECTIVO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

50, RUA AUGUSTA, 52

1879

1
1016
1252

ESTUDOS

DE

HISTORIA

E

DE LITTERATURA

ESTUDOS

DE

HISTORIA

E

DE LITTERATURA

POR

LUIZ GARRIDO

SOCIO EFFECTIVO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

50, RUA AUGUSTA, 52

1879

D7
.G3

Lifboa — Typographia da Academia Real das Sciencias

OS TRAGICOS

DA

GRECIA

OS TRAGICOS DA GRECIA

O grande deſenvolvimento que as sciencias teem tido nos noſſos tempos impõe a todos os que tratam lettras a imperioſa obrigação de eſtudar principalmente os livros modernos. Dos monumentos precioſos do lavor intellectual d'eſte ſeculo não pode diſtrair-ſe, ſem grave perigo, a attenção nocturna e diurna que o poeta romano ſeveramente preſcrevia. Os que não ſeguirem á riſca eſte preceito, os que, por indolencia, por capricho ou por goſto refinado, deſcurarem os trabalhos actuaes, não poderão nunca, por mais proveitoſa que ſeja, para alguns, a ſua applicação aos eſcriptores antigos, cultivar plenamente a ſua intelligencia. Seja qual fôr o motivo ou o pretexto que invoquem para juſtificar a ſua abſtenção, nada poderá deſculpal-os da limitação vo-

luntaria que impõem ao defenvolvimento da ſua capacidade scientifica; e as consequencias d'eſta como mutilação intellectual hão de forçoſamente revelar-ſe na carreira litteraria que porventura ſeguirem. Os proprios merecimentos que outr'ora os tornariam recommendaveis serão outras tantas armas que se hão de voltar contra elles, e com as quaes os ſeus inimigos deſtruirão, uma por uma, as cidadellas da ſua defesa.

Eſta obrigação é tão forte, que nada valem contra ella as repugnancias do goſto nem as objecções da razão. A ſciencia do ſeculo actual, já pelos ſeus methodos, já pelos ſeus reſultados, tem ferido e fere muitos eſpiritos que aliás deſejam ardentemente inſtruir-ſe e progredir, e a litteratura moderna, á qual ninguem ſeguramente poderá negar qualidades de primeira ordem, taes como o vigor, a fecundidade, a audacia, a profundeza, contraria fundamentalmente as almas delicadas, que encontram nos monumentos litterarios de outros povos e de outras edades a realiſação mais completa do ſeu ideal de perfeição. Mas eſſes meſmos, a quem deſagrada e moleſta, no mais intimo da conſciencia e do goſto, a brutalidade e o realiſmo da litteratura contemporanea, o abuſo da erudição que vae falſeando inſenſivelmente a hiſtoria, e a temeridade, que a ſciencia, por ſingular contradicção, allia frequentemente com a eſtreiteza na inveſtigação e a banalidade das illa-

ções, eſſes meſmos hão de vencer as ſuas legitimas repugnancias, ſe não quizerem condemnar a ſua intelligencia a uma das penas mais ſeveras d'eſta ordem de coiſas, digamos a mais ſevera, a eſterilidade litteraria.

Temos do contrario alguns exemplos, mas taes exemplos ſão apparentes, e não devem illudir-nos. Contra eſſes phenomenos mal intrepretados, por muito proximos, contra a ſignificação que parecem ter, á primeira viſta, levanta-ſe rigoroſamente a lição da hiſtoria, que nos eſtá moſtrando, em todas as épocas e particularmente nas de decadencia litteraria, a inanidade dos trabalhos de altiſſimos engenhos, que julgaram poder viver fóra do meio intellectual que os rodeava, e procuraram excluſivamente no paſſado a inſpiração philoſofica, os modelos d'arte, e a verdade scientifica. E, poſto que haja n'eſſas tentativas muitas coiſas dignas de conciliar a noſſa ſympathia, poſto que ſejam ſempre reſpeitaveis o amor do bello, a ſinceridade da escolha, a indefeſſa diligencia no eſtudo, a razão pronuncia-ſe abertamente contra ellas, ſem lhes admittir ſequer as circumſtancias attenuantes que os maiores criminoſos ſempre procuram invocar. Nas lettras, nas sciencias, na philosophia, na arte, bem como na politica, as reacções e as reſtaurações ſão coisas fugitivas e ſugeitas a deſſazer-se ao primeiro embate. Naſcem com os dias contados, e, quando chega para

ellas a hora extrema, nenhuma lagrima vae honrar-lhes a ſepultura.

Não se infira porém do que fica dito que a morte, a deſtruição das coisas intellectuaes, dos ſyſtemas, das fórmas litterarias, das crenças e das inſtituições, é, ſempre e em todas as circumstancias, a ſua condemnação perante a hiſtoria. Não vae tão longe o meu pensamento. Ainda no ſentido menos rigoroſo, eſtou longe de aceitar a doutrina dos factos consummados. Nunca julguei, e não julgo hoje, que a juſtiça eſtá ſempre do lado dos vencedores, e parece-me indubitavel que, n'eſſe immenſo cemiterio do paſſado, cujas oſſadas a hiſtoria conhece e deſcreve, muitos eſtão dormindo o profundo ſomno da morte que para ali foram lançados prematuramente, e cuja exiſtencia era um bem para a humanidade. Mas a eſſas victimas do poder myſterioſo, e aos noſſos olhos inſenſato, a que dava o nome de fatalidade a conſciencia religioſa dos antigos, e que nós julgamos deſignar ſufficientemente, chamando-lhe *acaſo*, falta o principio de vida que os ſeus devotos embalde procuram inspirar-lhes. Por isso a ſua reſurreição é impoſſivel. Nem ſó os entes caducos, cuja força vital ſe eſtinguiu naturalmente, eſtão inhibidos de recomeçar a exiſtencia. A meſma ſevera inhibição opprime os que ſuccumbiram quando ainda lhes corria nas veias ſangue quente e generoſo. Uns e outros cumpriram os

ſeus deſtinos, e não lhes é concedido reviver ſenão n'eſſe univerſo ideal que a razão humana creou, e que ſe chama *Hiſtoria*.

Mas eſſa reſurreição, bem differente das malfadadas reſtaurações, que apenas reſtauram um idolo, uma ſombra, uma chimera, tudo, emfim, excepto um ente capaz de viver, é tão real quanto as outras são imaginarias. No seio da natureza nenhuma força ſe perde, nenhuma idéa morre, nenhuma creação deſapparece, ſem deixar prole fecunda. E n'eſta inceſſante procreação, n'eſte encadeamento de gerações que ligam o tranſitorio que foi ao tranſitorio que eſtá ſendo a cada inſtante, ahi é que reſide a lei da hiſtoria, a verdade com tanto aſan inquirida, e cuja deſcoberta, tantas vezes apregoada, não é e não pode ser nunca ſenão uma hypotheſe proviſoria.

As evocações dos mortos ſão de ſua natureza fatalmente eſtereis, e ha n'ellas uns longes de ſacrilegio, que os fieis não vêem, mas que não escapam aos olhos severos dos profanos; porém a devoção esclarecida que todos devemos ao paſſado sabe arrancar ás cinzas dos tumulos as parcellas de vida permanente que animaram outr'ora os seres extinctos, e que são e serão, conforme as regras da fecundação intellectual, o principio creador das fórmas novas por que a vida geral se manifeſta.

No vaſto campo das lettras, nos dois grandes

territorios da producção intellectual, a indagação da verdade e a creação do bello, importa ſobretudo colher os fructos que proveem das sementeiras antigas. A origem remota como que lhes conſagra a exiſtencia actual com força incomparavel, e eſſa exiſtencia toma aos noſſos olhos um caracter de realidade subſiſtente que não podem ter ainda as ſementes que vamos lançando á terra, e cujos fructos são um problema. A natureza é eternamente fecunda, aproveita todos os elementos, conſerva-os e reprodul-os ſegundo a lei da evolução; mas não é dado ao homem diſtinguir ſeguramente a realidade das apparencias, e por tanto com frequencia lhe ſuccede enganar-ſe, quanto ao valor dos phenomenos, animando com a força da ſua phantaſia puras concepções chimericas, que de todo em todo carecem da vida objectiva. O que nos illude menos, poſto que ainda ahi não ſeja infallivel o noſſo criterio, é o que tem as ſuas raizes claramente firmadas no paſſado remoto. A creação actual é, e não podia ſer de outro modo, mil vezes menos evidente, e, por aſſim dizer, menos real, do que os reſultados das creações antigas, que, pela ſua perſiſtencia, demoſtram, com mais rigorofa certeza, eſſas creações.

Todavia a noſſa collaboração na creação actual deve absorver o melhor da noſſa actividade, e quer o genio ſcientifico do noſſo ſeculo que o

paſſado, todo eſſe cumulo de creações antigas, cuja comprehenſão é indiſpenſavel para a intelligencia que nos é dado ter da noſſa, eſteja ſendo revelado nos livros modernos como nunca anteriormente o havia ſido. D'ahi procede que a ninguem póde ſer licito encerrar-ſe nos limites do antigo ſaber, ſob pena de, a mais de ficar eſtranho ao viver intellectual contemporaneo, ir, por eſſe meſmo facto, privar-ſe do inſtrumento mais ſeguro de inveſtigação que podemos empregar no trabalho da comprehenſão hiſtorica. Os eſtudos actuaes, com effeito, teem a magica propriedade de elucidar, quanto poſſivel, a um tempo, o preſente e o paſſado. Por iſſo ſão duplamente precioſos, duplamente indiſpenſaveis.

Eſtas idéas, que enuncio muito a medo, porque, em taes materias, toda a affirmação é temeraria, reſultam, no meu entender, do modo por que hoje ſe comprehende a hiſtoria. Exiſtem hiſtoriadores ha muitos ſeculos, e as obras de alguns apreſentam qualidades excellentes, em que não teem ſido excedidas, nem ſequer egualadas pelas modernas; e não parece, quanto, em caſos taes, é licito conjecturar, deverem ſel-o pelas futuras; mas a ſciencia da hiſtoria só n'eſte seculo foi conſtituida, e da ſua conſtituição é que datam os eſtudos que podem e devem levar á intelligencia exacta do paſſado. Ora, como é impoſſivel a qualquer homem, por mais profundo que o phan-

taſiemos, preſcindir da cooperação dos outros, em materia de ſi tão vaſta, ſegue-ſe que a mais aturada applicação aos monumentos litterarios que reſtam dos noſſos antepaſſados ſerá forçoſamente meſquinha, ſe lhe faltar o auxilio dos trabalhos dos eſcriptores contemporaneos que para as coiſas da hiſtoria teem voltado a ſua attenção. E com iſto não ſão prejudicadas as faculdades eſpontaneas e originaes das intelligencias ſuperiores. Na arte, a erudição pode empecer a inſpiração, desanimando, pela critica, ou immobiliſando, pela admiração do bello, a potencia creadora; mas na ſciencia, ſó os eſpiritos acanhados é que não podem digerir todos os fructos do eſtudo. Quanto aos ſerviços que eſſes espiritos poderiam preſtar, em condições mais convenientes, nada perde a ſciencia, perdendo-os, porque ſão ſerviços ſecundarios que ha ſempre muito quem preſte.

A iniciação na ſciencia dos noſſos dias é eſſencial para quem pretende conhecer o paſſado, mas não menos importante e eſſencial para o meſmo fim é o eſtudo directo dos antigos monumentos litterarios. O eſtado actual da ſciencia não diſpensa ninguem d'eſſe exame, e, ainda quando os ſeus progreſſos forem muito maiores, quando os antigos tiverem paſſado inteiramente para os livros modernos, quando não houver um texto que não eſteja comprehendido, uma idéa que não

eſteja deſenvolvida, uma belleza que não eſteja deſcoberta, uma opinião que não eſteja apurada, quando a ſciencia das litteraturas tiver proferido o verbo final, n'eſſe dia que ninguem certamente verá, ainda então não devem ſer deſamparados os eſtudos antigos, já porque ha uma coisa que a ſciencia não pode nunca ſubſtituir, que é a inſpiração colhida directamente nos textos, inſpiração que não é a meſma para dois que a recebam, porque varia eſſencialmente com o eſpirito de cada um, já porque nas lettras ha duas partes diſtinctas, a ſciencia e a arte, e os progreſſos da primeira ſão totalmente eſtranhos á acção da ſegunda.

O meu penſamento ſerá mais claro auxiliado por um exemplo. São já hoje importantes os trabalhos que a Venus de Milo tem ſuſcitado, e não é de crer que a ſciencia deſcance, tão cedo, de a eſtudar e de lhe demonſtrar as bellezas. Pois bem, ſupponhamos a Venus de Milo tão completamente eſtudada, que não haja mais nada que dizer a eſſe reſpeito; ſupponhamos ainda, e eſta é a maior conceſſão poſſivel, que a eſthetica attingiu o ſeu limite de deſenvolvimento, que é uma ſciencia perfeita e acabada, como, por exemplo, a criſtallographia, que os ſeus principios não offerecem a minima duvida, que todas as ſuas partes eſtão conſtituidas com tal rigor, com tão inabalavel ſegurança, que ninguem receia do futuro

uma ſombra que ſeja de impugnação ou de modificação. N'eſte eſtado, que não é impoſſivel, mas que, attendendo á natureza d'aquella ſciencia, nada nos dá o direito de eſperar, é manifeſto que a Venus de Milo pode deſapparecer, que eſſe precioso monumento pode ſer deſtruido ou extraviado, ſem que a ſciencia tenha que deplorar a ſua perda. E todavia, quanto perderia a humanidade, ſe, pelo mais fatal dos deſaſtres, foſſe eſbulhada da eſtatua divina, ſe um accaſo funeſto lhe roubaſſe eſſe veſtigio, quaſi unico, na ſua perfeição ſuperior, da arte em que o povo artiſta por excellencia foi sobre todos excellente! É que o mundo intellectual não tem ſó a face ſcientifica. Comprehender e explicar é muito, mas não é tudo. Admirar o bello, gozal-o, aſſumil-o pela contemplação, é uma das mais nobres funcções da vida intellectual do homem, e eſſe prazer, ao qual, como prova da ſua origem celeſte, não faltam as amarguras e as anguſtias, porque não ha na terra nada que correſponda exactamente ao ideal, e por tanto ſatiſfaça completamente, só o podem dar os monumentos da arte, directamente e diſcretamente conſultados.

O que ſuccede com as artes plaſticas exiſte egualmente na litteratura. As epopéas de Homero, as odes de Horacio, os cantos de Dante, as eſtancias de Arioſto e de Camões, os dramas de Shakeſpeare, não ſão apenas a materia da

ſciencia litteraria. São obras d'arte, de valor ineſtimavel, que não ganham nem perdem, na poderoſa influencia que exercem ſobre as almas, pelas opiniões que a critica ácerca d'ellas profeſſa, e que, ou a ſciencia chegue ao mais profundo rigor, ou ſe deſſaça totalmente n'um cahos de theorias e de ſyſtemas, na anarchia ſcientifica mais completa que ſe poſſa imaginar, continuarão a deſpertar, em todos os que ſão dignos de as ſentir, as auguſtas impreſſões que o bello creado pelo homem pode communicar aos homens. A ſciencia preſta grandes ſerviços que ninguem deſconhece. Devem-ſe-lhe deſcobertas precioſas, demonſtrações reveladoras, actos de juſtiça que fazem ſurgir da ignorancia ou do eſquecimento obras verdadeiramente grandes; mas tudo iſſo ſão ſerviços, por aſſim dizer, externos. O ſeu poderoſo influxo é util á humanidade, mas a arte conſerva ſempre as ſuas prerogativas, e, ſe não é de todo independente, vive todavia n'uma eſphera diſtincta, de ſorte que a ſua vida não pode perder-ſe na vida da ſciencia.

Ora, ſe iſto aſſim é eſſencialmente, ſe as obras d'arte teriam, ainda quando a ſciencia tocaſſe as raias da exactidão, valor proprio, ſe o ſeu exame ſeria, em todos os caſos, um dos mais bellos exercicios da intelligencia humana, o que não ſerá hoje que as obras d'arte, as grandes e não ſó eſſas, offerecem ao noſſo eſpirito duplo inte-

reſſe, hoje que, ao prazer de admirar as bellezas d'eſſas creações se aſſocia o prazer, mais auſtero mas não menos ſatiſſatorio, da inveſtigação ſcientifica, hoje ſobretudo que, fóra do campo das ſciencias da natureza, as attenções dos maiores escriptores eſtão principalmente conſagradas á hiſtoria, e talvez mais ainda á hiſtoria litteraria do que á hiſtoria civil, quanto é poſſivel diſtinguir em trabalhos tão complexos como os exige o genio comprehenſivo da noſſa edade?

Ha, todavia, nos eſtudos d'eſta ordem, razões de preferencia que, ſegundo o pendor dos espiritos, e ſegundo muitas circumſtancias variaveis, já do meio em que ſe vive, já dos accidentes da vida litteraria, determinam a eſcolha d'eſte ou d'aquelle aſſumpto. Todas as grandes épocas litterarias ſe diſtinguem por alguma qualidade particular que as torna mais ou menos dignas de ſer eſtudadas, conforme a lição que ſe procura. Aſſim, os que ſe occupam da poeſia lyrica e dramatica dirigem-ſe naturalmente á Grecia, e ali vão tambem indagar as origens dos ſyſtemas os cultores da philoſophia, ao paſſo que os eſtudioſos da hiſtoria e da politica voltam a ſua attenção para a litteratura romana e para a dos tres ſeculos da hiſtoria moderna. Mas é certo que todas as grandes litteraturas offerecem materia para eſtudos de diverſas naturezas, e as épocas de que não reſta tão brilhante nome, os periodos litte-

rarios confuſos, ſem originalidade, pouco fecundos, cujos monumentos não apreſentam caracteres de perfeição, de grande alcance ſcientifico, eſſes *steppes* das lettras, cuja exiſtencia tem, ainda aſſim, razão de ſer, podem, bem como os ſeculos de tranſição e os de renovação litteraria, que fazem perdoar o incompleto e o proviſorio das ſuas obras pelo impulſo que dão ás idéas, offerecer aos curioſos da hiſtoria aſſumptos intereſſantes, por mais de um lado. Como eſtes trabalhos não eſtão ſujeitos a regra nem a diſciplina, como ſão de ſua natureza independentes, pouco importa que a ſciencia, n'uma dada época, procure eſte ou aquelle aſſumpto, com preferencia a outros não menos dignos de attenção. O importante é que todos ſejam inſpirados nos bons methodos ſcientificos, e proſeguidos com diligencia. O trabalho ulterior de claſſificação, reviſão e apuração, ſerá feito a ſeu tempo, fixando definitivamente o que ha, nos reſultados d'eſſes eſtudos, verdadeiramente intereſſante para a ſciencia, vindo d'eſta fórma a conciliar-ſe, com vantagem para todos, o principio da liberdade, ſempre fecundo em conſequencias uteis, e a unidade, que é eſſencial para o progreſſo ſcientifico.

A critica applicada aos monumentos litterarios da antiguidade grega e romana foi, durante muitos ſeculos, inferior, em reſultados importantes, ao que merecia a diligencia e o ſaber dos eſcri-

ptores que ſe davam a eſſes eſtudos. Eſtou bem longe de ſer ingrato para com os heroes da philologia e da erudição que, logo deſde a Renascença, conſagraram aos textos antigos o melhor das ſuas doutas vigilias, e para com os humaniſtas que, nos ſeculos ſeguintes, caminharam incanſavelmente pelas meſmas ſendas; mas a todos ou quaſi todos eſſes homens verdadeiramente benemeritos da ſciencia faltavam dois predicados importantes, o goſto, em que eram prodigioſamente inferiores aos auctores antigos, que, aliás, eſtudavam de continuo, e a intelligencia hiſtorica, que ſó os methodos modernos crearam, pòr aſſim dizer, tornando vulgar e quaſi obrigatorio o que era, em outros tempos, excepção. Houve ſempre genios extraordinarios, a cuja perspicacia não eſcapou a intima relação que exiſte entre a litteratura de um povo e a ſua hiſtoria, as ſuas inſtituições civis e politicas, os ſeus coſtumes, a ſua raça, n'uma palavra, todos os elementos que lhe conſtituem a civiliſação; mas ſó deſde Vico, e, para melhor dizer, muito depois de Vico, porque o grande livro da *Scienza nuova* eſteve longos annos mergulhado na mais profunda escuridão, é que a hiſtoria reconheceu o ſeu principio, delimitou o ſeu campo, e eſcolheu de entre os antigos proceſſos, empiricamente deſcobertos, os mais convenientes, adoptando outros novos, conforme as neceſſidades que a sciencia ia manifeſtando.

Actualmente, exiſtem grande numero de trabalhos hiſtoricos, fructo da applicação d'eſte ſeculo ás coiſas da antiguidade, os quaes conſtituem um vaſto inquerito ſobre o modo de ſer d'aquelles tempos; mas o feraciſſimo terreno eſtá longe de ter eſgotado os ſeus elementos de fertilidade. Ha largos tractos ainda por arrotear, outros que a ſciencia tem cultivado incompletamente, outros ainda cuja cultura tem ſido proſeguida com actividade, mas que, pela ſua ineſgotavel riqueza, promettem aos novos cultores fructos novos e talvez melhores. Pela ſua preeminencia intellectual e politica em dois momentos deciſivos da hiſtoria dos povos antigos, pelo incompleto dos monumentos que nos legaram, e pela eſtreita relação em que as ſociedades modernas eſtão para com ellas, offerecem a Grecia e Roma campo extenſiſſimo para as inveſtigações da ſciencia, e, por mais numeroſos que ſejam os eſtudos d'eſta ordem, ninguem, inſtruido em taes materias, haverá que os julgue baſtantes.

E não ſó pelas cauſas apontadas ſuscitam as coiſas antigas grande variedade de trabalhos. Em materias tão obſcuras, é ſacil e frequente a diſcrepancia dos criticos entre ſi, d'onde reſulta que tudo ou quaſi tudo é ſuſceptivel de ſer encarado por diverſos lados. Da divergencia de opiniões, do aspecto particular que as coiſas tomam, conforme os eſpiritos que as conſideram, procedem,

como é natural, reſultados contradictorios uns com os outros, que vão gerar novos trabalhos. Accreſce a tudo iſto que os progreſſos da ſciencia tornam hoje relativamente facil aos engenhos vulgares, a quem apenas ſe exige grande applicação, o ingreſſo em certos eſtudos que eram antigamente como privilegio de muito poucos, vindo aſſim a augmentar prodigioſamente, com o numero dos eſcriptores, o dos eſcriptos.

Um dos aſſumptos ſeguramente mais eſtudados é o theatro dos Gregos, ou, para melhor dizer, dos Athenienſes. E todavia, poſto que ſeja impoſſivel a qualquer peſſoa conhecer todos os trabalhos da critica, e d'ahi imprudente inſinuar que ainda ha lacunas que preencher, julgo não me aventurar muito, affirmando que ha ſempre n'aquelles monumentos, e particularmente na tragedia, materia para conſiderações valioſas. Monumentos de tal ordem, verdadeiros prodigios litterarios, promettem, em todos os tempos, e por mais curioſamente que tenham ſido eſtudados, revelações intereſſantes, quando forem examinados ſcientificamente, iſto é, com ſincera admiração, ſem idéas anticipadas e com muita paciencia. A admiração é indiſpenſavel, aſſim como a paciencia. A iſenção de prejuizos não obſta, por fórma alguma, ao ſentimento de reſpeito com que devem ſer conſideradas obras d'aquella ordem, tão grandes e tão geralmente louvadas. O

eſpirito do critico deve eſtar livre e deſembaraçado de prevenções, para que o ſeu juizo ſeja proprio e original; mas ha uma opinião que neceſſariamente ſe impõe ao eſpirito dos que não eſtiverem preoccupados com ſentimentos hoſtis, é a que proclama a excellencia e o alto valor litterario d'eſſas obras, que, mais que nenhumas outras talvez, dão teſtemunho do genio poetico do povo que as creou; e o critico que, por deſgraça ſua, ficar indifferente diante d'ellas, e lhes não comprehender as bellezas, deve deſconfiar de ſi primeiro do que ſuſpeitar o juizo dos que o precederam. A independencia intellectual é uma qualidade apreciavel, mas os paradoxos não ſervem ſenão para moſtrar, algumas vezes, o engenho dos ſeus auctores, e não contribuem, a não ſer pela impugnação que excitam, para os progreſſos da ſciencia. Na apreciação das producções litterarias contemporaneas, ou ainda das menos conhecidas dos tempos anteriores, a critica goza de mais amplas liberdades. Mas quando ſe applica a monumentos conſagrados pela geral admiração, convém que vá animada do reſpeito que eſſas obras ſummas da arte devem inſpirar a todas as almas bem formadas. De outra ſorte, arriſca-ſe a errar gravemente, como tem ſuccedido a muitos, e, o que mais é, com inteira ſinceridade. As tragedias gregas teem grandes bellezas, e algumas ſão obras perfeitas, mas nem todos os que as

examinam eſtão egualmente preparados para lhes deſcobrir as bellezas, para lhes reconhecer a perfeição. Em tudo o que é tranſitorio, no que caracteriſa um povo, uma litteratura, uma época da hiſtoria, e os differença de outros povos, de outras litteraturas, de outras épocas, a tragedia grega tem muitas coiſas que podem parecer condemnaveis a quem a eſtudar fóra do ponto de viſta hiſtorico, e preoccupado com as obras modernas, filhas de uma civiliſação differente. E ha, de feito, quem julgue e proclame que eſſas eſtranhezas ſão vicios graves. Mas os que eſtiverem profundamente convencidos da excellencia d'aquellas obras hão de reagir contra as primeiras impreſſões deſagradaveis, ſe porventura, o que a muitos não acontece, não forem logo do principio dominados, e, quando ſe lhes tiver tornado manifeſto que, nas partes eſſenciaes, nas qualidades proprias das producções poeticas, em todos os tempos e entre todos os povos, a tragedia grega reſiſte com vantagem a todos os reparos que ſe lhe poſſam fazer, é provavel que as meſmas coiſas que, á primeira viſta, lhes haviam repugnado tomem aos ſeus olhos outro aspecto, e que, auxiliados pelas luzes da hiſtoria, conſiderando os monumentos nas ſuas condições de geração e applicação, ſe lhes convertam em bellezas de primeira ordem os vicios anteriormente notados. A litteratura, com ſer materia de razão, tem ſeus pon-

tos de fé, e, para alguns eſtudos, julgo, ſenão indiſpenſavel, pelo menos muito util, que o critico profeſſe certas crenças. Eſtas como opiniões aſſentes, rochas firmes contra todas as impugnações, podem parecer uma limitação da liberdade do eſpirito, mas preſtam a todos o grande ſerviço de os precaver contra a temeridade dos ſeus juizos, forçando-os á attenção mais eſcrupuloſa, á modeſtia e á diſcrição.

Não menos eſſencial que o reſpeito é, n'eſtes caſos, a paciencia. Ha muitos a quem a leitura dos tragicos gregos enche immediatamente de admiração, e que ſão tão felizes, que ſe deixam tomar deſde logo pelas bellezas d'aquelles divinos modelos. Mas é um erro ſuppor que eſſas bellezas ſe denunciam todas a um exame ſuperficial, e que os monumentos da arte antiga ſão tão faceis de comprehender como os da arte moderna. Sem tratarmos agora da parte philologica e puramente hiſtorica d'eſtes eſtudos, circumſcrevendo-nos á parte litteraria, ainda aqui, n'eſte campo reſtricto, ha muitas coiſas para cuja intelligencia cabal é preciſa a mais aturada applicação. Sem reler, uma e muitas vezes, aquellas obras primas, ſem as meditar profundamente, comparando-as, já entre ſi, já com os monumentos correſpondentes de outras litteraturas e de outras edades, e, principalmente, ſem as referir ás condições da ſua creação, o genio particular do poeta, o do povo para

que eram feitas, as origens das fabulas, a ſua ſignificação hiſtorica e religioſa, as raizes poeticas, iſto é, as obras anteriores, que ſão como as premiſſas neceſſarias d'eſtas, e, finalmente, ſem avaliar a influencia que exerceram na litteratura grega e nas litteraturas eſtranhas, ninguem poderá julgar, com bom fundamento, tel-as conhecido como importa. Mas que bella recompenſa não eſtá guardada para os perſeverantes que não recuarem diante dos obſtaculos, e conſeguirem tratar familiarmente com eſſes admiraveis exemplares do genio poetico dos Hellenos! Por mais arduos que ſejam os ſeus trabalhos, todos ſe julgarão pagos e ſatiſfeitos. Ha, n'eſſas obras, alguma coiſa que tem o magico poder de captivar os mais rebeldes, e o encanto que ſe encontra, eſtudando-as, poucas ſão as que o podem evocar. Na litteratura dos antigos, ſó Homero e Virgilio, Platão, Herodoto e Tito Livio, Thucydides e Tacito, participam de egual privilegio. Só elles conſeguem ſatiſfazer o eſpirito, cada qual na sua esphera propria, tão completamente, que a critica, conſervando-ſe aliás ſempre armada, e não poupando os ſeus mais terriveis golpes, tem comtudo de ſe reconhecer vencida, quanto ao effeito geral, proclamando bem alto a enorme ſuperioridade d'eſſas creações.

É difficil em extremo definir claramente iſſo que todos ſentem, deſignar de modo diſtincto as

qualidades caracteriſticas d'aquellas compoſições. Ha n'ellas todavia uma qualidade commum, que as diſtingue de muitas obras notaveis do mundo antigo, e de que os modernos não apreſentam um unico exemplo, a ſerenidade. Depois que as lettras antigas começaram a ſer eſtudadas com certa liberdade que os ſervis imitadores do ſeculo XV e do ſeculo XVI não podiam comprehender, deſde que ſe tratou de reproduzir antes o eſpirito das grandes obras gregas e romanas do que as ſuas fórmas litterarias, tentaram alguns poetas roubar-lhes o ſegredo d'aquella admiravel ſerenidade que tanto nos maravilha. Mas nenhum, nem ainda o proprio Goethe, cujo genio abrangia o univerſo, pôde reſuſcitar na arte o que os antigos recebiam naturalmente do ſeu meio poetico, e que é repugnante com o eſpirito das ſociedades modernas, filhas de Roma e do chriſtianiſmo, complicadas e vehementes, ſempre inquietas, e de continuo perturbadas pela paixão, diſtraidas por mil coiſas meſquinhas que hoje eſtão no primeiro plano, e que a antiguidade relegava deſdenhoſamente para a categoria dos problemas ſecundarios, e a braços com terriveis queſtões politicas e ſociaes que inceſſantemente as trazem em ſobreſalto. Em relação a nós, os Gregos eſtão como vigoroſos adoleſcentes, cheios de vida e de eſperança, para homens maduros, a quem não falta a ſevera lição da experiencia, e

que, por iſſo meſmo, perderam quaſi todas as illuſões e a divina faculdade da alegria. Não peſavam ſobre elles, como peſam ſobre nós, trinta ſeculos de hiſtoria. Para eſſes bemaventurados, o paſſado apenas ſe revelava nas formoſas lendas, que eram, a um tempo, a ſua religião e a ſua hiſtoria, e que, pelo incerto das tradições, pelo variavel da interpretação, pela nuvem ſymbolica que as envolvia, pelas divergencias e pelas contradicções, deixavam ao ſeu eſpirito a mais ampla liberdade. Com a maravilhoſa potencia inventiva propria dos povos do meio-dia, e n'elles porventura deſenvolvida pelas condições do territorio que piſavam, foi-lhes dado crear todas as fórmas da arte, e viver tão poeticamente, que as ſuas proprias conſtituições politicas, eſſas coiſas proſaicas por excellencia, ſe nos apreſentam impregnadas da mais ſingular poeſia. Por iſſo nunca o ſeu eſpirito perdeu o admiravel equilibrio que ſe revela em algumas das ſuas compoſições litterarias, e de que nos dão exemplos mais deciſivos ainda os veſtigios da arte plaſtica. Nem as miserias dos primeiros tempos da ſua hiſtoria, nem as anguſtias patrioticas das guerras da independencia, nem os horrores das luctas fratricidas, nem eſſe longo agoniſar, que principia em Philippe de Macedonia e ſó termina com a conquiſta romana, nada conſeguiu perturbal-os. Predominou a todos os deſaſtres e a todas as hu-

milhações a ſuperioridade do ſeu genio tranquillo e poderoſo, e quando entrou com elles a confuſão da decadencia romana, a Grecia, tantas vezes vencida, não era mais do que uma ſombra.

Teem os Romanos com os povos modernos, iſto é, com as ſociedades a que deram origem, muito mais numeroſos pontos de contacto, e o ſeu genio era, ſem duvida, menos ſereno. Mas a gravidade, a dignidade, a força d'alma, que os caracteriſava, e que ſão qualidades mais vigoroſas, poſto que menos amaveis, do que a ſerenidade grega, poderam, quando fecundadas pelos raios brilhantes da poeſia e da philoſophia hellenica, alcançar, mediante algum artificio, o que aos Gregos concedia a prodiga natureza. Mas a arte antiga era tão apurada, que os reſultados do eſtudo apreſentaram muitas vezes os caracteres proprios das concepções originaes, e é juſto reconhecer que o genio terno de Virgilio, bem como os altos engenhos de Tito Livio e Tacito, ornaram as ſuas compoſições de muitas bellezas elevadas que admiramos nos modelos e nas producções correſpondentes dos Hellenos.

Devemos notar comtudo que os exemplos romanos ſão menos numeroſos e menos concludentes do que os gregos. Por mais que ſe revolva a litteratura grega, não ſe encontra, em época nenhuma, uma obra de primeira ordem, tal como o poema de Lucrecio, cuja leitura, provocando

a admiração, ſeja tão profundamente deſconſoladora. Na Grecia, a propria ſatyra, tão amarga e deſpiedada entre os Romanos, deixa o eſpirito muito mais tranquillo e ſatiſſeito. A ineſgotavel veia ſarcaſtica do cruel Ariſtophanes, que não poupa nada e nada reſpeita, pode tornar alvo das ſuas frechas, umas vezes certeiras, outras perdidas, mas ſempre agudas, Socrates ou Cleon, Euripides ou Lamacho, os deuſes do Olympo ou os oradores do Pnyx. Fiel ao genio traveſſo da comedia antiga, eſſa muſa indiſcreta tem ſempre a grande faculdade de nos fazer rir, e por tanto o reſultado dos ſeus brincos, não raro atrevidos, nunca afflige permanentemente. E até o genio mageſtoſo, ſombrio e violento do pae da tragedia, do titanico Eſchylo, como que ſe ſente mitigado pelos raios ſuaves do ceo da Grecia, por eſſa luz pura que reveſte de alvura e eſplendor as proporções colloſſaes dos ſeus deuſes e dos ſeus heroes. Por iſſo, a impreſſão colhida nos grandes monumentos da poeſia hellenica é ſempre benefica, e, mais que nenhuma outra, pode contrapor-ſe efficazmente ás terriveis impreſſões que em noſſas almas geram as compoſições, aliás por outros lados eminentes, de muitos poetas modernos.

Em obras de tão ſingular excellencia como eſſas de que temos fallado é inutil procurar ſupremacias. Mas quem ſe entregaſſe a eſſe eſteril e,

em certo modo, ſacrilego trabalho de comparação e claſſificação, certo que não iria pôr os tragicos gregos nos ultimos logares. Os nomes de Eſchylo, de Sophocles e de Euripides não teem acima, no ceo da poeſia, ſenão um nome, o de Homero, e outro ao lado, o de Pindaro. E, ſe reunirmos a eſtes nomes, que tão brilhantemente repreſentam a muſa epica, dramatica e lyrica dos Gregos, os nomes de Heſiodo, de Ariſtophanes e de Theocrito, teremos enumerado todos os grandes nomes da poeſia hellenica, já que de outros poetas, dignos porventura de hombrear com alguns d'eſtes, Sappho, Alceu, Anacreonte, Steſichoro, Simonides, não reſtam ſenão fragmentos inſufficientes para revelar cabalmente o ſeu genio.

D'aqui ſe vê que um eſtudo completo ſobre os tragicos gregos abrange parte conſideravel da litteratura antiga, mórmente quando, aos trabalhos que lhes forem eſpecialmente conſagrados, ſe aſſociar tudo o que reſpeita ás origens da poeſia dramatica, e o que ſe ſabe ácerca dos primeiros poetas qus abriram caminho ao engenho de Eſchylo, não eſquecendo as incompletas tradições e os raros fragmentos que reſtam dos succeſſores de Sophocles e Euripides, eſſes *poetae minores*, cujas obras não eſcaparam á mão avara do tempo, e que mereciam talvez, pelo menos alguns, ſer conſervados, quando não foſſe ſenão em fragmentos conſideraveis, como os que tornaram poſſivel

a reconſtrucção de grande parte da obra do poeta da comedia nova, o engenhoſo Menandro. E, como a tragedia dos Gregos foi inconteſtavelmente o principio gerador da tragedia romana, importa egualmente eſtudar, não ſó a collecção attribuida a Seneca, mas tambem os fragmentos de Ennio, de Pacuvio, de Accio e de outros que, não encontrando na terra latina os elementos das concepções dramaticas, foram procural-os, com varia fortuna e eſcaſſo proveito, aos unicos modelos que conheciam.

Mas o eſtudo ſerá ainda incompleto, ſe fôr limitado á antiguidade. A tragedia de Eſchylo não encontra entre os modernos nada que poſſa ſer-lhe comparado. Aquellas compoſições gigantéas fogem altivamente á imitação, pela ſimplicidade e pelo caracter religioſo, impoſſivel de reproduzir; mas outro tanto não acontece com Sophocles e ſobretudo com Euripides. Nas obras d'eſte ultimo filiam-ſe legitimamente as compoſições do theatro mais regular, e porventura o mais bello da Europa moderna, o theatro francez do ſeculo XVII, e, ainda nos eſcriptores dramaticos do fim do ſeculo paſſado e do principio do actual, em Alfieri e em Goethe, é viſivel a influencia dos tragicos de Athenas. Portugal ſatiſſez tambem o ſeu tributo de admiração e de eſtudo. A bella tragedia de Antonio Ferreira é, não ſó uma das primeiras compoſições dramaticas regulares da

edade moderna, mas a melhor de todas as que no ſeculo XVI procederam da generoſa emulação com os antigos.

Conſervados na integra, ſó hoje exiſtem monumentos da litteratura dramatica dos Athenienſes, e, ainda aſſim, apenas nos reſta parte do theatro dos ſeus tragicos principaes. Pela curioſa predilecção que a decadencia greco-romana conſagrava a Euripides, foi o ſeu theatro o mais reſpeitado pelo tempo, e é ſó d'elle que ſe conhece um exemplo do drama ſatyrico, genero litterario em que era eminente o ſeu predeceſſor Eſchylo. Do theatro d'eſte ultimo e do theatro de Sophocles eſcaparam muito poucas peças; todavia os monumentos actualmente exiſtentes baſtam para apreciarmos o genio dramatico d'eſſes poetas.

Segundo o teſtemunho unanime da antiguidade, foram eſtes os maiores poetas dramaticos. Vencidos em mais de um concurſo, por motivos hoje deſconhecidos, a ſua gloria triumphou d'eſſas injuſtiças que em todos os tempos ferem os homens de genio, e nenhum eſcriptor ouſou nunca conteſtar-lhes a enorme ſuperioridade. É todavia lamentavel a perda quaſi total dos iniciadores do theatro, Theſpis, Cherilos, Pratinas, Phrynichos, eſſes poetas mais lyricos do que dramaticos, que foram pouco a pouco deſtacando a tragedia do dithyrambo primitivo, até que o genio creador de Eſchylo a conſtituiu definitiva-

mente, e a dos rivaes e succeſſores dos tres grandes tragicos. Ion, Sophocles o moço, Agathon e muitos outros, que ſão hoje para nós pouco mais do que nomes, conſervaram a tradição da poeſia dramatica, ſem, ao que parece, introduzirem n'eſte genero litterario alterações importantes, e não ſó a Grecia, mas a Sicilia, a Grecia Magna, e, no largo periodo do helleniſmo oriental, Pergamo, o Egypto dos Ptolomeus, a Aſia dos Seleucidas, n'uma palavra, todos os paizes de civiliſação grega dominante, cultivaram aſſiduamente, com a inferioridade das decadencias, mas com a mais reſpeitoſa devoção, a arte em que os Athenienſes tinham ſido tão grandes. E os proprios barbaros não eſcaparam a eſta influencia. A ſupremacia litteraria dos Gregos, e a nullidade politica em que ficou a Grecia propria, deſde a conquiſta romana, fez dos Gregos os miſſionarios por excellencia das lettras e das artes. Levados pela neceſſidade a paizes eſtranhos, e profundamente inſtruidos pela ſorte adverſa nas humildes induſtrias dos pobres e pequenos, os Gregos, aſſim como os Italianos do noſſo ſeculo, encarregaram-ſe de encantar e divertir os povos rudes e poderoſos que os dominavam pela força, ſem lhes fazer perder o ſentimento da propria ſuperioridade intellectual. Eſte ſentimento, analogo ao que animava os Moſarabes forçados a emigrar para as ſerranias das Aſturias, era o unico

que lhes levantava um pouco a eſtatura, tão dobrada ao peſo da deſgraça, e ahi ſe funda provavelmente o que a ſua miſſão produziu, util e benefico. Aquelles rhetores, aquelles ſophiſtas, aquelles eſcravos, cantores, bailarinos, actores, artiſtas, grammaticos, cuja influencia nem ſempre foi pura, preſtaram comtudo á civiliſação o immenſo ſerviço de conſervar o ſacro fogo da ſciencia e da arte, em ſeculos de decadencia e entre povos barbaros e ſemi-barbaros, que pareciam incapazes de chegar, por ſua propria actividade, a eſſe eſtado ſuperior que ſe chama a vida litteraria.

Quaſi barbaros eram os Romanos quando pretenderam doirar a ſua rude civiliſação com a poeſia e com a arte. Nas artes plaſticas, ficaram ſempre, exceptuada a architectura, na imitação, e, na poeſia, ſó a muito cuſto encontraram a originalidade. Foi-lhes pouco favoravel a muſa tragica, a avaliarmos pelos reſtos ſubſiſtentes das obras primitivas, e os unicos dramas que ſe conſervaram intactos, os que ſão attribuidos a Seneca, não logram modificar eſta opinião. Puras compoſições de gabinete, improprias para o theatro, já, por eſta conſideração, ficariam, como obras dramaticas, em logar inferior, ainda quando não eſtiveſſem maculadas por outras notas de inferioridade. A ingenua e nobre muſa dos Gregos, tão ſimples na concepção, tão ſobria no deſenho dos

caracteres, tão elevada e ao mesmo tempo tão natural e verdadeira, não inspira, em sentido nenhum, aquellas obras monstruosas, filhas do estoicismo exagerado, artificiaes, sem interesse, posto que notaveis pelos ditos agudos e pelas energicas sentenças que os modernos d'ali teem aproveitado para o seu theatro, inteiramente destituidas de vida dramatica, e, para que resumamos n'uma só palavra todos os seus defeitos e todos os seus vicios, profundamente declamatorias.

Nem estas nem outras obras similhantes da litteratura latina podiam inspirar aos Romanos o gosto do theatro. E, de facto, nunca o theatro foi em Roma uma instituição analoga ao que fôra na Grecia, ou ao que é nas sociedades modernas. A musa dramatica dos Gregos era filha da religião, por isso as tragedias, ainda depois que se consagraram principalmente á pintura das paixões, conservaram um caracter singularmente elevado e magestoso, que não podiam ter os dramas romanos, oriundos da imitação. O genio grego era poetico, e os prazeres do espirito foram sempre communs a todos, n'aquella terra privilegiada, porque todos eram habeis para os gozar. Pelo contrario a litteratura romana não se dirigia senão a poucos. Essencialmente aristocratica, faltava-lhe o grande publico e a inspiração popular. Honraram-n'a grandes engenhos, mas a sua influencia foi sempre limitada.

O que era popular em Roma eram os eſpectaculos conſagrados aos certames corporeos. Eſſes eſpectaculos não haviam ſido deſconhecidos á Grecia, mas o que, no paiz claſſicó da belleza, fôra ſempre bello, util e moral, eivou-ſe entre os Romanos das monſtruoſas predilecções que lhes degradavam o caracter nacional, aliás, por outras feições, grande e digno. O que particularmente os deleitava não eram as bellas fórmas, a deſtreza conſummada, a agilidade, a graça, a harmonia das proporções, a parte artiſtica dos eſpectaculos. Para elles, o encanto principal reſidia na magnitude e na variedade das repreſentações, e, mais ainda, nas ferozes commoções que lá iam buſcar. Cem leões mortos a frechadas eram coiſa de muito maior apreço do que um athleta vencedor na lucta, e que diſputas equeſtres poderiam ſer comparadas com o ſangue correndo a jorros das veias dos gladiadores no deſmarcado amphitheatro! Que tal povo foſſe ſenſivel ás puras e nobres impreſſões da poeſia dramatica houvera ſido o mais ſingular dos prodigios, e diz-nos a hiſtoria que eſſe prodigio não ſe verificou. Tanto nos dias tormentoſos do ultimo ſeculo da republica como nos tempos do dominio imperial, no progreſſo das lettras, no ſeu eſplendor e na ſua decadencia, as unicas repreſentações, parecidas, em alguma coiſa, com a tragedia, que lograram alcançar o favor do povo, foram as pantomimas.

N'eſſas ridiculas parodias das grandes compoſições dramaticas dos Gregos é que ſe lhes vae encontrar, na antiguidade, o derradeiro veſtigio. Ao actor deſamparado ſuccedera o pantomimo triumphante.

Baſtam eſtas conſiderações para moſtrar qual foi a importancia da tragedia grega. Influencia d'eſta ordem, que ſe exerce durante ſeculos, nos povos mais differentes e nas mais ſingulares condições litterarias, reſiſtindo a todas as influencias oppoſtas, e atraveſſando victorioſa diverſos periodos de muitas e diverſas litteraturas, para reapparecer entre os modernos, não ſó, ſob a fórma de tradição, com força incomparavel, mas directamente, pela geração de novas fórmas litterarias, ſó pode ſer concedida ás obras extraordinarias, a eſſas que, apeſar de nacionaes por eſſencia, trazem profundamente eſtampado o caracter de univerſalidade que as faz reviver em todos os ſeculos e para todos os povos.

1878.

OS PRIMEIROS

CESARES

OS PRIMEIROS CESARES

I

Quando, nas horas ſupremas da agonia da liberdade romana, a republica ſe achou dividida em dois campos contrarios, os deuſes foram favoraveis ao oppreſſor da patria, mas a cauſa que eſtava deſtinada a ſuccumbir teve por ſi o voto de Catão. *Victrix cauſa diis placuit, ſed victa Catoni.* Eſte bello penſamento de Lucano importa porém uma injuſtiça, ſe não eſtendermos um dos elogios nelle formulados aos outros defenſores das leis e da liberdade, a eſſes ſobreviventes de Pharſalia, que foram fecundar com os ſeus reſtos mortaes Thapſo na Africa e Munda na Heſpanha.

A deſtruição da liberdade, foi, em Roma, não uma tragedia claſſica ſujeita á regra das unidades, mas um drama romantico, de acção varia-

da e complicadiſſima, repreſentado por muitas figuras, e mais apto para excitar o terror e a piedade do que as mais vigoroſas creações da Melpomene grega. Cada um dos epiſodios é por ſi ſó uma acção completa, lamentavel, com ſuas peripecias particulares e ſeu deſſecho proprio; os mezes e os annos ſuccedem-ſe, marcados pela morte, pelo exilio, pela ruina, dos mais nobres cidadãos, até á catastrophe final que vinga todas as outras; o mundo é o theatro, do Oriente ao Occidente, das mattas impenetraveis da Gallia até ás plagas ardentes da Africa; e, para que nada falte a eſta immenſa peça, de ordem compoſta, que abrange todos os generos; além das ſcenas pouco ſeveras que variam a cada paſſo os mais lugubres epiſodios, o eſpectador vê deſenrolar diante dos ſeus olhos uma acção correspondente ao drama ſatyrico com que os tragicos de Athenas fechavam as ſuas tetralogias. É a demora de Cesar em Alexandria, depois da batalha de Pharſalia, ſão eſſes ſingulares amores de um homem gaſto por todos os exceſſos, extenuado, epileptico, quinquagenario, com uma mulher que parecia reſumir na ſua peſſoa todas as ſeducções de um mundo que expirava, deſtituida da belleza cuja contemplação e adoração levanta os eſpiritos acima das cobiças terreſtres, mas no ultimo ponto tentadora, e profundamente verſada nas artes do voluptuoſo Oriente, do refinado

Egypto, e da refinadiſſima e voluptuoſiſſima e monſtruoſa raça dos Lagidas.

Eſte epiſodio curioſo moſtra o que valia a politica de Ceſar. Uma eſcola moderna, que pretende juſtificar todos os deſpotiſmos do paſſado, para nobilitar todos os do preſente, tem procurado impôr á noſſa admiração o politico previdente, o dedicado e eſclarecido amigo da humanidade, que, no ſeu dizer, exiſtiam em Ceſar. Para eſta eſcola, a quem ninguem poderá conteſtar eſpirito largo, deſdenhoſo de certas conſiderações que os homens tinham antigamente em muita conta, e que ainda hoje valem aos olhos de alguns, conſiderações de pouco tomo, em ſumma, taes como a honra, a legalidade, o patriotiſmo, para eſta eſcola, digo, Ceſar, calcando aos pés as leis do ſeu paiz; voltando contra a patria o exercito que a patria lhe confiara; ſeduzindo os cidadãos com oiro roubado aos povos cuja ſujeição lhe fôra commettida; exterminando os teimoſos, que reſiſtiam, em tres grandes batalhas, e n'um immenſo numero de combates menores; levantando a ſua vontade acima do poder ſoberano de Roma; fazendo e deſſazendo magiſtrados; confiando os cargos mais importantes do eſtado aos ſeus partidarios, aos ſeus amigos, aos ſeus predilectos [1]; conſtrangendo aquelles dos

[1] *Pueri.*

ſeus adverſarios que a morte poupara a uma cumplicidade diſſarçada ſob a fórma das magiſtraturas que lhes concedia; enchendo a republica de ſangue, de terror, de deſalento, de ignominia; provocando o ſuicidio de Catão, as fraquezas de Cicero, o crime de Bruto; commettendo todos eſtes attentados do modo mais audaz, mais deſcarado, mais deſdenhoſo; vibrando aos vencidos o ſupremo inſulto da ſua clemencia; n'uma palavra, não conſentindo que um ſó cidadão illuſtre ficaſſe immaculado, nem que um unico ſentimento nobre eſcapaſſe intacto do prodigioſo naufragio das inſtituições, dos coſtumes, dos principios, das virtudes romanas; Ceſar foi um bemfeitor da humanidade, um d'eſſes homens providenciaes, que apparecem de ſeculos a ſeculos para dirigir, caſtigar, reformar, melhorar os povos.

Deus eſcreve direito por linhas tortas. Aſſim diz o proverbio, aſſim eſtamos vendo todos os dias. Mas os que ſeguem n'eſte mundo pelas vias obliquas, repugna á conſciencia humana tel-os como bemfeitores da humanidade. A moral é uma ſó. O dever é uma lei abſoluta. Todas as vidas que contrariam a lei ſão, não ſó eſtereis, mas perniciosas. D'aqui não ha que ſair.

A modificação que reſultou do crime de Ceſar foi a muitos reſpeitos util ás claſſes menos favorecidas do mundo antigo, aſſim como aos povos que entravam como ſatellites humildes no grande ſyſ-

tema romano. Mas é preciſo ſeparar cuidadoſamente os beneficios devidos ás alterações conſtitucionaes d'aquelles que cumpre attribuir ao progreſſo natural das ſociedades. A Roma dos Antoninos, por exemplo, immenſamente inferior, na ordem politica, á dos Scipiões, levava-lhe grande vantagem na ordem moral. Havemos de inferir d'aqui que o deſenvolvimento e a victoria da philosophia eſtoica foi devido á revolução de Ceſar? que a rapida propagação dos principios chriſtãos foi um dos reſultados da politica de Auguſto?

Quem procura apreciar ſeriamente os actos dos homens extraordinarios que teem influido de modo deciſivo nos deſtinos das ſociedades deve indagar o que eſſes homens quizeram, e como quizeram, quaes foram as ſuas intenções, e que meios empregaram para as realiſar. Quando os actos eſtão em deſharmonia com as intenções, e eſſes actos foram uteis, o juizo favoravel que a obra merece não pode eſtender-ſe ao artiſta.

Ora a minha opinião a reſpeito da revolução ceſarea é que todo quanto mal ella eſpalhou ſobre o mundo deve ſer imputado a Ceſar, e que, pelo contrario, o bem que d'ahi reſultou não ſe lhe pode attribuir a elle. A intenção de Ceſar não era beneficiar os ſeus ſimilhantes, e muito menos fecundar o futuro, como agora ſe diz; a ſua obra foi uma obra de egoiſmo.

Que todo o mal tem de lhe ſer imputado é facil provar. Homens taes como Mario, como Antonio, como eſſes impetuoſos invaſores do imperio do Occidente, os Radagaſios, os Genſericos, aſſimelham-ſe mais, nos ſeus furores, ás forças cegas e inconſcientes da natureza do que ás forças livres e intelligentes a que o mundo ſocial eſtá entregue. Mas Ceſar não pode invocar a eſte reſpeito nenhuma circumſtancia attenuante. Corrupto, depravado, immoral, como poucos homens nos apparecem na hiſtoria, tinha-o dotado a natureza, n'uma hora funeſta, da intelligencia mais clara, mais extenſa, mais vigoroſa e mais infatigavel, de que ha memoria. Com eſte dom precioſo recebera elle outros de grande apreço, um raro bom-ſenſo, um ſingular imperio ſobre ſi proprio e ſobre os outros, as graças externas, a ſeducção, eſſe valor mais do que heroico que conſiſte em abſtrahir ſempre do perigo; e, para realçar os grandes dons naturaes que elle cuidadoſamente aperfeiçoava, fizera-o a ſorte naſcer n'uma d'eſſas poſições eminentes que ſervem admiravelmente de pedeſtal, tanto aos Syllas, quando apertam nos pulſos populares as algemas patricias, como aos Clodios, quando offerecem aos demagogos o preſtigio do ſangue que lhes corre nas veias, e o odio inextinguivel que abraſa os tranſfugas contra os do gremio que abandonaram.

Por tanto Cefar era refponfavel por todas as fuas acções. Não é difficil defcobrir qual o fito de todos os actos da fua vida publica. N'elle, defde o principio da fua carreira, tudo mirava ao poder fupremo. Não lhe confentia o alto efpirito que fizeffe ás fuas ambições os facrificios de Otho... *omnia ferviliter pro dominatione;* pelo contrario, a fua eftreia foi uma invencivel refiftencia á vontade do omnipotente dictador, cujos olhos perfpicazes defcobriram no effeminado mancebo muitos Marios. Efcapo, como por milagre, á inimizade de Sylla, não ceffou um fó dia o joven patricio, durante o periodo, pouco brilhante porém muito activo, da fua vida, que vae até ao começo da guerra das Gallias, não ceffou de levantar contra a republica, ifto é, contra as leis, contra as inftituições do feu paiz, todas as forças anarchicas que as precedentes revoluções tinham defenvolvido na fociedade romana. Inferior em gloria a Pompeu, em virtude e auctoridade a Catão, em eloquencia a Cicero, em riqueza a Lucullo e Craffo, reconhecendo que todas as fuperioridades eram precifas para alcançar o fim que fe propunha, depois de ter perturbado a republica por muitos annos com a lei agraria do tribuno Rullo, com a conjuração de Catilina, com o primeiro triumvirato, procurou na conquifta da Gallia a gloria, a auctoridade, a riqueza e o renome litterario, que lhe haviam de fer inftru-

mentos. Só a virtude, idéa antipathica ao ſeu eſpirito, e inconciliavel com os ſeus projectos, eſcapou á ſua ardente e univerſal ambição.

Não é meu propoſito eſboçar aqui um novo quadro da vida de Ceſar; mas eſta figura curioſa tem o dom de prender. Os factos da ſua vida, deſde que a republica lhe entregou o exercito das Gallias ſão conhecidos de todos; todos ſabem que, aos trabalhos glorioſos que dilatavam o orbe romano, conquiſtando para a republica novos ſubditos, cujas armas tinham de ſer em breve voltadas contra ella, ſe aſſociavam outros, menos brilhantes mas por egual conducentes ao fim almejado, trabalhos que ſe faziam na Gallia Ciſalpina durante o deſcanſo militar do inverno, e em Roma, por meio dos agentes do proconſul. E de tal fórma ſe relacionavam eſtas duas ſeries, que eram os amigos de Roma quem obtinha a prorogação do commando na provincia da Gallia, e o oiro roubado aos Gaulezes que recompenſava eſte importantiſſimo ſerviço. Com meios taes vae-ſe longe, ſobretudo quando ſe tem por adverſario um homem como Pompeu. A ſituação de Ceſar ia-ſe tornando cada vez mais forte, e a tal ponto deixou o partido do ſenado chegar as coiſas, que, tranſpoſto eſſe rio famoſo, cujo nome ſoa impropriamente como ſymbolo das reſoluções deſeſperadas, n'um abrir e fechar de olhos, toda a Italia ſe achou evacuada pelas

tropas fieis, e inteiramente rendida ao novo Sylla.

Por maior que foſſe o genio de Ceſar, eſte reſultado maravilha a todos, e d'ahi querem alguns inferir que os Romanos eram indignos da liberdade, pois que a não ſabiam defender. Não conſideram os propugnadores d'eſtas idéas que diminuem ſingularmente a eſtatura do ſeu heroe predilecto. Os Romanos não poderam defender a liberdade; outro tanto tem ſuccedido a muitos povos: todos nós temos telhados de vidro, e não convém atirar pedras aos dos antigos; não poderam ſalval-a, mas ſouberam morrer por ella.

Bem ſei que a republica eſtava em decadencia, que a tentativa de Ceſar teria ſido baldada dois ſeculos ou ainda um ſeculo antes; mas tambem ſei que outro homem que a tal ſe abalançaſſe, no oitavo ſeculo de Roma, e que não foſſe «a creatura mais intelligente, mais corrupta, e mais irreligioſa, que tem exiſtido[1]», teria ſuccumbido miſeravelmente. Não, eſſes homens que compoſeram as legiões de Pharſalia, de Thapſo, de Munda, que não cederam nem tranſigiram, preferindo a lucta deſeſperada ao indulto que a todos era offerecido, eſſes infatigaveis combatentes que ſe reuniam depois das batalhas, para procurar novos e mais irreparaveis deſaſtres, ho-

[1] Ampère *(L'histoire romaine à Rome).*

mens ſem fé mas não ſem virtude, que ſe contam aos centos de milhares, e que eram a flor da ſociedade romana, ao paſſo que os ſoldados de Ceſar conſtituiam uma horda coſmopolita, de que elle era o pae, o rei e o deus, que ſó a elle obedecia, e a quem elle deſtinava a conquiſta do mundo, eſſes homens não eram indignos de viver livres.

Imagine-ſe uma hypotheſe que ninguem taxará de abſurda. Ceſar é um bom cidadão, o defenſor das leis da ſua patria; Pompeu é o ambicioſo. Qual dos dois prevalecerá? Então já os Romanos ſão capazes de defender a ſua liberdade, já o ſophiſta lhes não pode lançar em roſto o ſeu infortunio.

Sejamos juſtos para com todos. Ha épocas felizes na vida dos povos, em que todos os attentados á liberdade ſão fruſtrados e punidos. Os Ceſares de então reſignam-ſe a ſervir a patria, e ſervem-n'a admiravelmente. Em outros tempos porém, a liberdade é como uma arvore antiga e de raizes frageis, abalada pelas rajadas dos ſeculos tumultuarios, e meio abandonada da ſeiva. Cumpre então velar por ella com mais terna e carinhoſa ſollicitude, amparando-a, nutrindo-a, defendendo-a. Porque é mais facil derribal-a, ſegue-ſe que a ſua exiſtencia ſeja menos reſpeitavel? Será porventura licito áquelles que teem vivido á ſua ſombra, que ſe teem alimentado dos

ſeus fructos, metter-lhe agora o machado ao tronco, com o pretexto da ſua antiguidade, para lhe ſubſtituir, eu ſei! cardos e eſpinhos? O homem que tal faça não ſerá um impio? Quem vibra um punhal ao ſeio de ſua mãe veneravel não é um parricida?

É, ſem duvida. Mas, dizia eu ainda agora, ſejamos juſtos para com todos. Haverá alguma coiſa que allegar em favor de Ceſar? Ha, no meu modo de ver. É pouco, mas eſſe pouco deve ſer dito. Sejamos imparciaes para podermos ſer ſeveros. E mais, a hiſtoria imperial offerece á obſervação entes tão repugnantes, onde ſó o mal ſe manifeſta, que é agradavel a quem eſtuda eſſa época demorar-ſe algum tempo com o grande homem que foi bem cruelmente punido nos indignos herdeiros do ſeu poderio, n'eſſes principes, a cujos nomes horrendos, Auguſto, Tiberio, Caligula, Nero, ficou eternamente ligado o nome glorioſo de Ceſar.

II

O que conſervou durante cinco ſeculos glorioſos a republica romana foi o privilegio.

Formada de povos diverſos pela origem, pela indole, pelas tradições e pelos coſtumes, deſeguaes nos direitos, ſegundo a ordem da ſua aggregação, a ſociedade romana tinha ſempre vivido em lucta aberta. Mas com eſſas luctas, meio legaes e raro ſangrentas, folga a liberdade. Os que pelejam para conſeguir a cidade, não para excluir d'ella os outros, ſabem medir os golpes, e parar a tempo. Todos os ſeus actos ſão calculados em conformidade com a ambição que os incita, e as virtudes que eſſe generoſo deſejo promove tornam-n'os dignos de o ver ſatiſfeito.

A virtude civica é a mola real dos povos. Inquietos na cidade, luctando ſempre, e ſempre vencedores, tanto os que alcançavam como os que cediam, os Romanos deſenvolveram nas ſuas

relações com os outros povos, viſinhos e remotos, eſſa maravilhoſa actividade, eſſa inquebrantavel conſtancia, que nos apparecem como um dos mais ſingulares exemplos da hiſtoria. Extinctas porém em Roma as diverſas cidades que naturalmente deviam formar uma ſó, a deſegualdade continuou a exiſtir em relação a outros aſſociados, que ſe achavam em poſição menos vantajoſa.

Sobrevieram então varias complicações. Ao paſſo que a acção de Roma nas regiões da bacia do Mediterraneo ſe exercia de modo deciſivo, a reacção da parte de alguns dos povos vencidos, cuja civiliſação era mais antiga que a dos Romanos, e a muitos reſpeitos ſuperior, contrabalançava, em ſubido ponto, as vantagens da extenſão do dominio. Além d'iſſo, Roma ia vivendo, e a vida das ſociedades, ora progreſſo, ora retroceſſo, ſempre progreſſo em algum ſentido, não é a immobilidade, é a mudança. As condições variaram. A grande ariſtocracia legendaria deſappareceu, os pequenos proprietarios, que tinham conquiſtado o mundo, ſumiram-ſe nos combates externos e internos, vencendo os Carthaginezes, os Macedonios e os Heſpanhoes, vencidos pelos uſurarios e pelos publicanos. Tomaram-lhes o logar os libertos. A illuſtre plebe de Roma tranſformou-ſe n'uma multidão ocioſa, impudente e miſeravel, que vivia da aſſiſtencia publica,

e tinha por occupações principaes vender o voto, frequentar os eſpectaculos, e mendigar no atrio dos ricos.

As crenças, as opiniões, os ſentimentos, o que é fundamental no homem e no cidadão, não tinham ſaido intactos da grande confuſão que precedera o triumpho, e menos ainda da corruptora prosperidade que ſe lhe ſeguiu. Ao vicio da crueldade, que era o vicio romano por excellencia, aggregaram-ſe a ſoberba e a inſolencia, que ſão proprias dos dominadores, a cobiça e a prodigalidade, que ſe engendram e auxiliam mutuamente.

Por tanto os projectos dos Gracchos não podiam ſer tão ſimples como os dos reformadores que os tinham precedido. A queſtão ſocial complicava-ſe com uma queſtão economica, que elles tentaram reſolver com mais zelo que prudencia, com boas intenções e por meios reprehenſiveis.

A reforma era complexa, os reformadores eram ouſados, e os homens de que ſe ſerviam, e a quem ſerviam, vicioſos. A hydra ſentiu renaſcer a cabeça; a revolução, inerte deſde a expulſão dos reis, apoderou-ſe da cidade.

Deſde o tribunado de Tiberio Graccho até á dictadura de Ceſar, nunca a republica gozou dias tranquillos. Todos procederam mal, patricios e plebeus, conſules e tribunos, oradores e ſoldados, cidadãos e Italianos. Nenhuma claſſe, nenhum

partido, pode declinar a reſponſabilidade tremenda do que ſe fez e do que ſe preparou. Os erros e as violencias de uns provocavam as reſoluções extremas e abſurdas dos outros, e ninguem pode hoje dizer, com boa fé, quaes foram os principaes e os mais perniciofos elementos, ſob cuja violencia foſſobrou a nau do eſtado, e com ella a liberdade.

Tambem não é facil decidir ſe os homens d'aquelles tempos poderiam ter evitado o naufragio. A cegueira com que todos ou quaſi todos procederam leva-me a crer que não. Mas os raros cidadãos previdentes, que obravam com conhecimento de cauſa, e entre eſtes os amigos ſinceros da liberdade, teem juſtificado direito, alguns á noſſa eſtima, todos á noſſa attenção.

É por iſſo que a vida de Sylla ſe propõe, não á admiração, mas á conſideração de todos. Caracter dos mais enigmaticos da hiſtoria, perſonalidade altiva e poderoſa, natureza cheia de contradicções, homem ſuſceptivel de viver feliz no mais ignobil deſcanſo, e capaz de dobrar á ſua vontade de ferro os ſeus concidadãos e os inimigos da ſua patria, Sylla eſtrema-ſe ainda dos ſeus contemporaneos pela coherencia do ſeu plano, e pela reſolução com que o executou.

A ſua reforma durou pouco; eſtava deſde a naſcença deſtinada a viver dias curtos e amargurados: mas valia incomparavelmente mais do

que os vãos projectos dos ſeus adverſarios. Sylla, não mais prodigo de ſangue do que eſtes, mas deſpiedado como a logica pura, apparece-nos ſob côres mais negras, porque o vemos mais ſereno. Todavia é certo que a ſua ſeveridade ſyſtematica poupou milhares de vidas, reſtabelecendo a ordem. N'aquellas convulſões ſociaes, a clemencia, que em quaſi todos os ambicioſos differe pouco da fraqueza, é as mais das vezes funeſta.

Longe de mim pretender rehabilitar a memoria de Sylla! Mas ha tanta injuſtiça em lhe exprobrar abſolutamente e abſtractamente o ſeu rigor, quanta condeſcendencia em aceitar como virtude a moderação de Ceſar depois de Pharſalia. Eſſes dois homens não differiam tanto como muitos ſuppõem. Ceſar não era cruel de ſua natureza, nem Sylla tão pouco; mas nenhum teve nunca a vida dos ſeus ſimilhantes na minima conta. O Ceſar de Pharſalia era o homem que tinha eſpoliado e exterminado impiedoſamente os Heſpanhoes e os Gaulezes, o meſmo que havia de entregar á ſegure do algoz, após cinco annos de captiveiro, o vercingetorix gaulez, e á eſpada dos ſeus legionarios os vencidos de Munda.

Eguaes pelo valor, pela vontade, e talvez pelo genio militar, indubitavelmente irmãos no profundo deſprezo que lhes inſpiravam os homens, e na alta eſtima que por ſi meſmos profeſſavam, ſepararam-ſe porém no motivo que governava as

ſuas acções, e no caracter da obra que emprehenderam.

Ceſar era uma natureza mais diſtincta, mais elegante, mais completa; mas era tambem mais immoral. Nada tão repugnante aos meus olhos como a precocidade e a conſtancia da ſua ambição. Sylla foi levado a intervir nos negocios publicos pela ſua rivalidade com Mario; nenhum acto anterior ao ſeu conſulado revelava n'elle o homem que tinha de dar o funeſto exemplo da oppreſſão militar da ſua patria, e a ſua reforma, executada por meios terriveis, era ſem duvida conſiderada por elle como obra patriotica. Se o ſeu fim conſiſtia em dominar, e nada mais, porque reſtabeleceu a ordem? porque reſtituiu ao ſenado a ſua antiga auctoridade? porque abdicou a dictadura?

Agora, por outro lado, que pretendia Ceſar? Oſtenſivamente, queria ſer o ſenhor. Por todos os meios, a troco de todos os ſacrificios, deſcendo ás acções mais condemnaveis, praticando os feitos mais glorioſos, ſem tregua, ſem heſitação, alcançou o que deſde o principio deſejara. Queria mais alguma coiſa? Não ſe ſabe: nada ſe pode preſumir com probabilidade. Que elle não ambicionava o poder ſupremo para reformar o calendario, para reedificar Carthago e Corintho, para emprehender obras publicas monumentaes, é evidente. Os projectos que os antigos lhe attribuem

ſão, em geral, deſtituidos de veroſimilhança. Ás intenções que os modernos lhe ſuppõem falta ſolido fundamento. Por minha parte, conſiderando os ultimos tempos da ſua vida, o deſprezo com que elle tratava os primeiros de Roma, aquelles que haviam de ſer os elementos de todo o governo regular que projectaſſe, a indifferença com que recebia os aviſos de quem pela ſua vida ſe intereſſava, o nenhum cuidado que parecia merecer-lhe a coiſa publica, pois que tornava tudo dependente de uma exiſtencia a cada inſtante ameaçada, e de nenhum modo protegida, conſiderando iſto e muitos factos cuja exactidão todos os hiſtoriadores nos atteſtam, ſou levado a concluir que Ceſar não queria ſenão governar. *Après moi le déluge.*

Governar ſem limites, reaes ou apparentes. Não era elle homem que ſe abaixaſſe a comedias como as de Auguſto; o Oriente tinha-lhe feito provar as doçuras do poder abſoluto. Iſto não é uma aſſerção gratuita. Bem que nos pareça abſurdo, Ceſar quiz ſer rei, e foi para evitar que o povo faſcinado e o ſenado corrupto lhe conſentiſſem na fronte o diadema que os punhaes dos conjurados o eſtenderam ſem vida aos pés da eſtatua de Pompeu.

Por tanto, quando Ceſar foi immolado aos receios tardios de alguns homens para quem a ſua vida devia ſer ſagrada, deixou o terreſtre involu-

cro uma alma extraordinaria, terminou uma exiſtencia a nenhuma outra comparavel; mas, ao relembrar eſſe tragico fim, a noſſa piedade não ſignifica ſympathia. Que boas qualidades havia no homem para que lhe votemos eſtima reſpeitoſa? Em que foram as ſuas acções uteis á patria, á humanidade? Se em Roma a liberdade devia deſapparecer para dar logar á unificação do mundo antigo, e ſe eſta evolução foi um progreſſo, Ceſar concorreu para elle aſſim como todos os revolucionarios que o precederam, os Marios e os Sulpicios, os Clodios e os Catilinas, aſſim como os politicos e os guerreiros que não ſouberam contrarial-o, os Pompeus e os Craſſos, os Scipiões e os Labienos, aſſim como eſſes miſeraveis triumviros que lhe ſuccederam, Antonio, Lepido, Octavio, e mais que todos eſte ultimo, deſde que a liſonja lhe trocou o nome deſhonrado pelo nome preſtigioſo de Auguſto.

Foi benefica a politica de Ceſar? Então tambem o foi a d'eſſes homens cujo nome deixo eſcripto, e cuja memoria (a de quaſi todos) ficou execrada. Comtudo a intervenção de Ceſar foi a deciſiva. Talvez. Antes d'elle a cauſa da liberdade não eſtava irremiſſivelmente perdida. Mas que ſignifica iſſo? Ceſar projectava eſtabelecer a unidade? Nada o indica. Pelo contrario, a ſua indifferença, o ſeu deſdem ſão manifeſtos. Quando elle ſuccumbiu, nem ao menos a tranſmiſſão re-

gular do poder, que é um dos poucos lados brilhantes da monarchia abſoluta, ſe podia effectuar. Evidentemente, a juſtificação de Ceſar, a attenuação dos ſeus crimes, não eſtá aqui; devemos ir procural-a a outra parte.

Deſde que as revoluções tinham começado a aſſolar a ſociedade romana, a liberdade, ſempre perſeguida, podera conſervar-ſe pela força da inſtituição antiga, e pela dedicação dos bons cidadãos. Convem que nos deſenganemos. A liberdade é o direito de todos, mas é a paixão de poucos, dos melhores. A eſſes incumbe velar por ella, defendel-a, e eſtender os ſeus beneficios aos homens que ſó conhecem o perigo quando já é tarde para a ſalvar.

Em Roma houve ſempre bons e dedicados cidadãos; mas a actividade dos maus, e a deſgraça dos tempos, fruſtrou muitas vezes as generoſas diligencias dos primeiros.

Antes de Ceſar, Roma tinha curvado ao jugo o collo ſoberbo, temporariamente, é verdade, e nunca de modo definitivo; mas emfim a tyrannia não era já ſem precedentes. Mario, Cinna, Carbo, Sylla, tinham tratado a republica como os magiſtrados romanos coſtumavam tratar as provincias. A ultima dominação fôra a mais terrivel, e tinha ſido tão abſoluta, que a idéa de liberdade ficou deſde então como que humilhada e diminuida.

Os amigos, os diſcipulos, os generaes do dictador, criados na eſcola tremenda da guerra civil, ſem o genio do chefe, mas tão pouco eſcrupuloſos como elle, aſpiravam ao poder ſupremo. Parecia iſſo tão natural como eram, nos ſeculos anteriores, as virtudes civicas, a dedicação ao ſerviço da patria, o reſpeito das ſuas liberdades. Ceſar, que naſcera com altiſſimo eſpirito, que valia mais do que os ſeus contemporaneos, tinha eſta pouco modeſta opinião de ſi meſmo arreigada profundamente no animo, e, além do inſtincto proprio que o incitava a procurar elevar-ſe, aguilhoavam-n'o os actos dos homens que repreſentavam em Roma os primeiros papeis. Por outra parte, circumſtancias particulares da ſua vida faziam-lhe deſejar uma grande revolução.

Era elle, como ſe ſabe, como por um diſcurſo ſeu fomos informados, deſcendente da deuſa Venus. Vê-ſe quantos deveres e de que eſpecie lhe impunha a ſua glorioſa eſtirpe. Por outro coſtado, é elle ainda que nol-o diz, corria-lhe nas veias ſangue de reis. Cumpria que a vida de quem vinha de tão alto foſſe a todos os reſpeitos larga e nobre. D'aqui deſpezas enormes, em feras, em gladiadores, em feſtins, em preſentes, em candidaturas, e Ceſar não era rico. Mas o credito ſacilitava-lhe o emprego de muitos milhões de ſeſtercios, e, quando o credito ſe eſgotou, lá eſtava Craſſo para ſervir de caução, e a Heſpanha com

os ſeus theſouros para ſolver a divida. Quanto ás deſpezas ainda mais conſideraveis, que exigiam os preparativos e os actos da guerra civil, eſſas ficaram á conta da Gallia e do erario romano.

A ambição de Ceſar parece-me, pois, relativamente legitima. N'uma ſociedade profundamente corrompida, quiz ſer o primeiro, e para o conſeguir era neceſſario deſtruir a liberdade. Nunca lhe teria conſentido a ambição dos ſeus indignos rivaes que repreſentaſſe em Roma um papel predominante, ſe elle tiveſſe ſeguido pela eſtrada direita. Quer iſto dizer que os outros teriam humilhado o ſeu genio? Não, mil vezes não! Mas a lucta no campo da legalidade promettia a Ceſar um logar eminente, nunca o primado que a ſua natureza deſejava.

A pequenez dos ſeus antagoniſtas é porém, a meu parecer, a ſua mais ſéria juſtificação. Catão, Cicero, Pompeu, ſão grandes por muitos lados, e os dois primeiros tanto mais, quanto nunca pretenderam deſtruir a liberdade da patria; mas a ambição de Pompeu é ridicula. Mero inſtrumento nas mãos de Ceſar, eſperando que a ſua gloria militar lhe ha de deferir todos os lucros do triumvirato, e preſtando ao ſeu futuro adverſario os ſerviços mais importantes que eſte podia deſejar, conſerva-ſe na mais preſumpçoſa inacção até aos primeiros relampagos da prodi-

gioſa tempeſtade contra a qual ſerão impotentes os ſeus tardios eſforços, e ſob cuja violencia tem de ſuccumbir. E ſe o grande Pompeu é ridiculo, logo que deſerta dos caminhos triumphaes da ſua legitima gloria, que diremos de Craſſo, de Metello Scipião, e d'eſſes mancebos que já ſe apreſentavam como os futuros dominadores, os Antonios, os Lepidos, os Dolabellas, os Cornificios? Se algum ha de ſer o ſenhor, mais vale Ceſar que os outros... Ai de nós! A dominação de Ceſar não exclue a de Antonio e de Octavio. Prepara-a, torna-a poſſivel, neceſſaria, inevitavel. Eis o crime de Ceſar, eis o ſeu caſtigo.

Ainda por outro lado lhe não poſſo perdoar. Que as naturezas inferiores deſejem o poder ſupremo, para deſlumbrar os contemporaneos, e enganar a poſteridade, comprehende-ſe. Mas o que eleva eſſes, diminue as almas extraordinarias, as creaturas originaes e verdadeiramente grandes. A ambição de ſermos uteis aos noſſos compatriotas, aos noſſos irmãos, é uma das mais nobres; mas a pureza da intenção é inconciliavel com a torpeza dos meios. E as ambições altas, ainda as terreſtres, não ficam por aqui. O aperfeiçoamento moral, a comprehenſão da natureza phyſica e ſocial, a realiſação do bello pela arte, ſão alvos muito mais ſublimes do que eſſas ſupremacias, cuja conquiſta exige uma immenſa hecatombe de riquezas, de vidas, de virtudes, e

que, completamente exercidas, ſão ainda mais oppreſſivas para o ſenhor do que para o eſcravo, mais penoſas para o poderoſo que a ſua poſição condemna á deſconfiança, aos cuidados raladores, á ſolidão do eſpirito e do coração, do que para o humilde que tem como eterno refugio a ſua conſciencia e Deus.

III

O crime dos idos de Março expulſa da ſcena a terceira[1] das quatro grandes figuras que dominam o drama da deſtruição da liberdade romana. A ſombra de Ceſar fôra reunir-ſe ás d'aquelles que tinham caido nas praias do Egypto e da Africa, victimas da ſua ambição; mas Cicero vivia. A cauſa do direito não era ainda deſeſperada.

Aſſim pareceu um inſtante, não ſó aos bons cidadãos que deſejavam ſinceramente a reſtauração da antiga auctoridade, mas aos homens que folgavam e lucravam principalmente com innovações, com perturbações e com deſtruições. Os primeiros alegraram-ſe; Antonio e Lepido tremeram: ſobreveiu então um mancebo que não ſe alegrava nem tremia diante das contingencias do futuro, e que, ſervindo-ſe de uns e de outros, en-

[1] Terceira na ordem por que deſappareceram.

ganando-os a todos, e triumphando d'elles e da republica, eſtabeleceu definitivamente o poder abſoluto.

Por que meios? Aponta-os a hiſtoria. São os que Ceſar empregara, a aſtucia e a violencia. Sem nenhuma das grandes qualidades do dictador, ſem alteza de genio, ſem ſeducção peſſoal, ſem o preſtigio da gloria militar, Octavio conſeguiu levar a cabo uma empreza ſeguramente mais difficil e talvez maior.

Ceſar tinha aplanado o caminho, mas a jornada era ainda longa e trabalhoſa. O termo era ſeductor; remoto, occulto, inacceſſivel, no parecer de muitos, exercia comtudo attracção poderoſiſſima ſobre naturezas que, em tempos normaes, não teriam ſaido da ſua ingenita apathia. Octavio, faſcinado por eſſa viſão preſtigioſa, luctou tenazmente com os elementos contrarios, com a rebeldia dos ſeus proprios inſtrumentos, com as repugnancias dos ſeus inſtinctos, e com as fraquezas do ſeu coração; luctou e venceu.

A perſeverança é a notavel qualidade que revela no triumviro o ſangue de Ceſar. Eſſes dois homens differiam muito, e tanto, que os defeitos, a que o filho adoptivo deveu em grande parte a victoria, ſão exactamente o oppoſto das qualidades que provocaram o aſſaſſinato de ſeu pae.

A ambição da realeza foi o eſcolho da carreira de Ceſar. Sobre as ſuas intenções, ſobre as ſuas

tentativas, n'eſſe ſentido, são accordes todos os hiſtoriadores. Eſte ſacto moſtra-nos, evidentemente, ao que me parece, que Ceſar não era o homem da humanidade, como alguns lhe chamam; era, em que pêze á ſua illuſtre linhagem, um *parvenu* do poder, que limitava a ſua mediocre ambição a cingir o diadema, a empunhar o ſceptro, a ambição de Cromwell e de Napoleão.

Não quero fazer a Ceſar a injuſtiça de o equiparar aos dois homens cujo nome acabo de eſcrever; a ſua ſuperioridade era immenſa. Ceſar valia mais que o primeiro e pelo menos tanto como o ſegundo á frente de um exercito; á teſta de um eſtado, valia mais do que qualquer dos dois. Mas, independentemente do ſeu papel de guerreiro e de ſoberano, era, como homem, o que os outros nunca foram, era, na phraſe de Royer-Collard, *un homme comme il faut*. Iſto revela muitas coiſas a quem pretende avaliar as individualidades humanas.

A ambição de Ceſar era logica, e propria de um eſpirito como o ſeu. Que mais cuſtarão as inſignias do que as realidades do poder? Mas não era prudente. O nome de rei [1] tinha ficado, durante muitos ſeculos, coberto de tamanho opprobrio, que eſſa pretenſão produziu o que não ti-

[1] Como deſignando o chefe do eſtado. N'outro ſentido era uſado em Roma.

nham produzido todos os crimes do dictador. Os ultimos Romanos levantaram-ſe, e a grande victima caiu-lhes aos pés, traspaſſada por vinte e tres punhaladas.

Eſte facto deve ſer apreciado por nós ſem que deſconheçamos os principios que preſidiam ás acções dos homens d'aquelles tempos. No parecer de todos os povos civiliſados, o homicidio é um crime; mas o tyrannicidio tem ſido indultado pela opinião de muitos, e pela de alguns exaltado como acto meritorio. Harmodio e Ariſtogiton, attentando contra a vida dos filhos de Piſiſtrato, Timoleon, ſacrificando ſeu irmão á liberdade da patria, Servilio Ahala, matando com ſuas proprias mãos o faccioſo Spurio Melio, tinham deixado de ſi memoria glorioſa, e por todos honrada; e, ſe a violenta repreſſão das ſedições dos Gracchos não encontrara tão unanime approvação, devemos attribuir eſte reſultado, não a uma correcta modificação no juizo publico, mas ás diſcordias que ſeparavam então os Romanos.

Aos olhos dos antigos, matar um tyranno não era crime. Não havia, n'uma acção d'eſta ordem, coiſa alguma que repugnaſſe a uma alma bem formada. Pelo contrario, os melhores eram exactamente aquelles ſobre cujo eſpirito eſte deploravel ſophiſma exercia mais forte preſſão.

Não admira pois que o chefe da conjuração foſſe o cidadão mais virtuoſo de Roma, aquelle

que devia, na hora extrema, blaſſemar a virtude, pelo muito que lhe ſacrificara inutilmente. Bruto tinha ſacrificado ao que julgara o ſeu dever mais do que a fortuna, mais do que a vida, mais do que a vida e a fortuna dos ſeus; ſacrificara-lhe os ſentimentos mais ſagrados e reſpeitaveis, a gratidão, a amizade, a honra.

Bruto não era filho de Ceſar. Quando elle naſceu, Ceſar, ainda adoleſcente, não tinha com Servilia, mãe de Bruto, e irmã de Catão, as relações que enganaram, n'eſte ponto, alguns hiſtoriadores antigos e quaſi todos os modernos. Prova-o uma anedocta curioſa, que Plutarco nos refere. Quando os cumplices de Catilina foram julgados pelo ſenado, na memoravel ſeſſão de que nos reſtam tres magnificos diſcurſos, Ceſar recebeu na curia um bilhete de Servilia, que denunciava de maneira pouco modeſta, ao que parece, os criminoſos ſentimentos dos dois amantes. Catão, ſempre vigilante, exige immediata leitura da miſſiva myſterioſa, e ſó deſiſte ao reconhecer o ſello de ſua irmã. Os termos ſingulares com que elle acompanhou a reſtituição do bilhete não veem para aqui, mas eſte facto, ſuccedido n'uma época em que Bruto tinha para mais de vinte annos, deſtroe inteiramente a hypotheſe do parenteſco: Ceſar nunca foi nomeado pela ſua conſtancia, em materia de galanteio. Abſolvamos pois do crime de parricidio o deſditoſo conjurado, já que de

outros o não podemos abſolver. Ceſar não era ſeu pae, mas tinha ſido o ſeu ſalvador, o ſeu bemfeitor, o ſeu amigo, e tal eſtima profeſſava pelo ſeu caracter, que a miudo lhe ouviam deſignar Bruto como o unico homem capaz de lhe ſucceder. Para o honrar, para o favorecer, tinha commettido injuſtiças manifeſtas, por elle proprio reconhecidas. A ſua amizade ia tão longe, que nem o temor, mais de uma vez confeſſado, que lhe inſpiravam os homens magros e pallidos, Caſſio e Bruto, tinha influido no ſeu procedimento para com eſte; e, no momento ſupremo, foi a apparição de Bruto que o fez ſuccumbir. Quaeſquer que foſſem os projectos de Ceſar, havia um homem que tinha o impreterivel dever, não ſó de o reſpeitar, mas de o defender contra todos, e eſſe homem era Bruto. Os beneficios aceitos obrigam.

Bruto não era todavia uma alma vulgar. Menos forte do que Catão, abraſava-o não menos ardente amor do bem. Cauſa dó a ſituação d'eſſes entes triſtemente privilegiados, que vivem em épocas contradictorias com as ſuas virtudes, e que ſão impellidos para o mal pela propria energia com que procuram o bem. Catão ſubtrahira-ſe a eſta deploravel neceſſidade pelo acto violento que poz termo á ſua vida; porém aquelles que, tão bem intencionados, e menos coherentes do que elle, ſe reſignaram a dobrar a cabeça á tyrannia, ficaram n'uma poſição intoleravel, cuja

ambiguidade ainda hoje é contraria á ſua memoria.

N'eſte caſo ſe acharam Cicero e Bruto. O primeiro tem ſido victima das calumnias da poſteridade, que lhe faz amargar os louvores preſtados ao ſeu prodigioſo talento litterario com a mais iniqua apreciação da ſua vida publica; Bruto tem ſido mais feliz, e todavia encontra-ſe na ſua carreira muito e muito mais que notar.

Cicero tinha aceitado o indulto inſolente do vencedor, e a condeſcendencia do ſeu caracter abatera-o mais de uma vez até á liſonja. Mas não tinha alienado a ſua liberdade, como provou, eſcrevendo o panegyrico de Catão, não pretendera nem aceitara mercês, e, apeſar d'iſſo, não entrou na conjuração.

Bruto procedera de maneira muito diverſa. A ſua adheſão ao governo de Ceſar parecia, e devia parecer, abſoluta. Eſperava elle porventura que o dictador retrocedeſſe no caminho por onde o via ſeguir? Não pode ſer. Bruto era homem eſclarecido, e Ceſar não illudia ninguem. O que ſe pode allegar em ſua defeſa é que o ſeu caracter, honradiſſimo mas pouco firme, o ſujeitava facilmente a influencias eſtranhas, e que os ſeus juizos e as ſuas determinações variavam com ellas. A juſtificação é fraca, mas não ha outra. As ſuas intenções foram ſempre puras; ninguem ſacrificou nunca ao dever tanto como elle

ſacrificou: porém o acto capital da ſua vida é reprehenſivel.

É eſte todavia o unico dos conjurados que tem algum titulo á noſſa ſympathia. Caſſio era deſde a inſancia conhecido pelo ſeu odio aos tyrannos, e tinha ganho grande nome militar no Oriente, por occaſião do deſbarato de Craſſo. Mas eſte homem, eſte guerreiro, eſte patriota, rendera, á primeira voz de Ceſar, depois da batalha de Pharſalia, os navios do ſeu mando, e, tendo voltado a Roma, aceitara os beneficios do inimigo publico. E era o ultimo Romano! Os outros, Cimber, Trebonio, Ligario, merecem ainda menos a noſſa eſtima; e mais que todos nos apparece ſob côres repugnantes o *Judas* Decimo Bruto, a quem Ceſar tinha commettido a tutela de ſeu filho.

Os inſtrumentos eram indignos, o acto foi execrando, e, além d'iſſo, impolitico. Cicero approvou-o depois de conſummado, mas nada indica que teria approvado o projecto, ſe d'elle lhe tiveſſem dado conhecimento. Ceſar ia perdendo todos os dias a popularidade que o ſeu tragico fim reſuſcitou, e que foi um dos mais poderoſos auxiliares de Octavio. Mas, quando o mal não tinha remedio, todos os bons cidadãos deviam adherir ao acto da libertação, unico meio que lhes reſtava de ſalvar a patria.

Cicero foi mais longe, ſe aconſelhou, como al-

guns affirmam, o aſſaſſinato de Antonio. Era o corollario fatal do primeiro crime. Os conjurados negaram-ſe a tiral-o, e as conſequencias d'eſta moderação foram o que todos ſabem.

Os ſenadores perderam pela ſua irreſolução os primeiros momentos, os mais precioſos; Antonio, que era o herdeiro natural do poder militar de Ceſar, e que de mais exercia a ſuprema magiſtratura, levantou o povo, chamou a ſi os veteranos, e uſou da ſua auctoridade no ſentido da reacção. Oppoſeram-ſe-lhe porém dois inimigos temiveis. Um, que eſta lucta immortaliſou na velhice, aſſim como o illuſtrara na edade viril a que tinha ſuſtentado contra Catilina, eſtava deſtinado a ſer victima das ultimas proſcripções. Era Cicero. O outro era um moço quaſi deſconhecido, valetudinario, taciturno, apparentemente timido e irreſoluto, mas que tinha por ſi uma grande força. Era o filho adoptivo e o herdeiro do dictador.

Eſte aprendiz de politica enganou o meſtre. Cicero julgou que um Ceſar podia ſer o inſtrumento da libertação de Roma, e, com a poderoſa influencia de que diſpunha, elevou-o, expulſando Antonio da cidade. Entretanto os conjurados partiam para as ſuas provincias.

Octavio aproveitou-ſe da poſição em que ſe achava para ſubjugar, a um tempo, Marco Antonio, que lhe fôra adverſo, e o partido do ſenado, que o protegera. Antonio é deſbaratado em Mo-

dena; por um acaſo, ſe acaſo foi, extremamente favoravel aos projectos octavianos, os novos conſules ſão mortalmente feridos na acção; e o moço general entra em Roma quaſi como ſenhor.

Comtudo não ſe julgava ainda baſtante forte. O nome de Ceſar podia muito com os veteranos, mas Antonio era um verdadeiro ſoldado, e como tal encontrava ſempre quem o ſeguiſſe. Com elle e com outro ambicioſo de ordem infima, o meſtre da cavallaria Lepido, formou o futuro Auguſto eſſa funeſta colligação, d'onde reſultou o ſegundo triumvirato e as proſcripções.

Cada qual ſacrificou aos rancores dos outros os ſeus parentes e os ſeus amigos. Cicero, trahido por Octavio, é aſſaſſinado; a ſua cabeça e as ſuas mãos ſão expoſtas na tribuna nova, ao lado da cabeça de Verres. Os conjurados levantam um grande exercito no Oriente, mas a fortuna dos triumviros, e a fatalidade que parece perſeguir a cauſa da liberdade, triumpham da pericia de Caſſio e do valor de Bruto. Os ultimos Romanos morrem, como Catão, pelo ſuicidio; Antonio e Octavio, contentando o «comparſa do triumvirato» com a Africa, repartem o mundo entre ſi.

A guerra maritima movida por Sexto Pompeu, filho do grande Pompeu, conſerva unidos os triumviros durante algum tempo. Mas o dia inevitavel do rompimento chega emfim. Octavio, já livre de

Lepido e de Pompeu, ataca o ſeu antigo alliado, a quem os annos, Alexandria e Cleopatra, tinham feito perder a actividade, que fôra ſempre a ſua grande qualidade militar. A lucta decide-ſe a favor do Occidente, e Marco Antonio vae acabar voluntariamente em Alexandria, nos braços de Cleopatra, uma vida manchada de crimes, mas onde ſe encontram alguns actos de heroiſmo, de generoſidade, e de nobreza de ſentimentos, que o levantam cem braças acima do ſeu meſquinho vencedor.

Fica ſó o hypocrita feliz, a quem os acontecimentos e a ſua rara perſiſtencia no crime tinham ſujeitado o orbe romano. As reliquias de Pharſalia, de Thapſo, de Munda, tinham cumprido os ſeus deſtinos nos campos de Philippes, nas praias da Sicilia, e nas ondas do Mediterraneo. O exercito deſapparecera. Reſtava um ou outro ſoldado, fiel mas impotente. Ora o que faz livres os povos não ſão as inſtituições, ſão os homens. Ceſar tinha começado a deſtruil-os; Octavio aniquilara-os. Os tempos eram vindos. O cruento triumviro podia receber o nome de Auguſto. O imperio eſtava fundado.

IV

O caracter publico do imperador Augusto é como o Jano bifronte dos Latinos. Até á batalha de Accio e á sujeição do Egypto, vemos um homem extraordinariamente cruel, sedento do sangue dos seus adversarios, deliciando-se com supplicios atrozes, esmagando as suas victimas, não só com a morte, mas com a deshonra, amigo falso, alliado perfido, o mais constante inimigo das liberdades da sua patria e da honra dos seus compatriotas, mais perverso do que Mario, mais implacavel do que Sylla, mais furioso do que Antonio. É tão odiosa a todas as almas bem formadas a figura do triumviro Octavio, que a posteridade, mal tem apanhado de relance o quadro horrendo das proscripções e das guerras civis, apressa-se a desviar d'ahi os olhos indignados, para contemplar deslumbrada a figura radiosa que inaugura as grandezas de Roma imperial; e, dei-

xando o vingador de Cefar em Alexandria, reata o fio da hiftoria romana com o omnipotente *imperator,* que vem prefidir, como conful, como proconful, como principe do fenado, como regedor dos coftumes, como pontifice maximo, como tribuno perpetuo, aos novos e maravilhofos deftinos do mundo romano.

Mudou-fe a fcena. Da groffeira cryfalida defprende-fe uma borboleta brilhante. Ao homem das profcripções fuccede o clemente Augufto, o reftaurador da ordem, o grande e benefico adminiftrador, o fevero cenfor dos coftumes, o amigo de Mecenas e de Horacio, o protector de Virgilio, das lettras e das artes romanas, o infpirador e o falvador da *Eneida*, o reedificador da cidade, o principe modefto e generofo, que fe contenta com a cafa de Hortenfio para fua refidencia, e que perdoa a Cinna.

A tranfformação é furprehendente, mas não deve enganar-nos. O homem que regeu o mundo pacificamente, com admiravel habilidade, durante quarenta e quatro annos, e deixou o poder abfoluto por tal fórma confolidado, que nem Caligula, nem Claudio, nem ainda Nero, poderam abalal-o, effe homem tão hypocrita, tão aftuto, tão fenhor de fi, que não commetteu, no longo periodo do feu principado, fenão um erro grave, era o mefmo que fe lançara como um furiofo nas vinganças, nos homicidios, nos incendios, nas ra-

pinas, aos dezenove annos, depois da morte de Cefar. Mas a edade tinha moderado a afpereza das paixões ferozes d'aquella alma, o trato focial tinha-o familiarifado com o coração dos homens e com a natureza das coifas, a experiencia tinha-lhe moftrado os terriveis refultados da franqueza defdenhofa de Cefar; e um genio domeftico, genio poderofo e formidavel, tinha vindo affentar-fe no feu lar, e unir-fe aos feus deftinos até o ultimo dia. A imperatriz Livia, exemplo fingular da perverfão das mais altas qualidades por uma paixão extrema e immoral, affociara a fua profunda diffimulação e a grande força da fua alma extraordinaria ás qualidades que deviam fazer de Augufto o modelo dos defpotas. Mais prudente e mais energica do que feu marido, ambiciofa do poder, mas contentando-fe com a realidade, e defprezando as apparencias, não cuidando fenão de affegurar o imperio ao feu filho predilecto, para dominar com elle, affim como dominava com Augufto, Livia foi o mais habil confelheiro d'efte ultimo, o feu moderador, o infpirador de muitas das fuas acções, e não errará muito quem attribuir a maior parte á fua influencia na eftranha metamorphofe que temos confiderado.

Augufto fôra com effeito, até á morte de Antonio, um homem que fó tornava notavel a fua perfpicacia e a fua precoce conftancia. Depois dos

ſemi-deuſes da grande tragedia, cujo epilogo elle ia repreſentar, depois de Pompeu, de Catão, de Ceſar, de Cicero, dos homens de genio, dos capitães inspirados, dos oradores ſobrehumanos, apparecia na ſcena um moço que não ſabia convencer o ſenado, nem perſuadir o povo, nem commandar as legiões, nem ao menos pelejar valeroſamente como um ſoldado, uma figura mediocre e ſem importancia, cuidaram todos. Foi porém a eſſa auſencia de qualidades diſtinctas que elle deveu a protecção de Cicero e do ſenado, ſem a qual teria ſuccumbido diante de Antonio. Os velhos politicos de Roma empregaram eſſe mancebo inexperto como arma contra o mais temido dos generaes do dictador, porque nada receavam d'elle. Se lhe tiveſſem deſcoberto eſpirito vaſto, alma magnanima, faculdades poderoſas, é de crer que o tiveſſem deixado eſmagar pelo ſeu inimigo. Mas quem havia de adivinhar no timido adoleſcente o inexoravel proſcriptor?

Os *optimates* enganaram-ſe, como todos ſabem. Auguſto não era orador, nem general, nem ſoldado, mas era homem, vinha animado de uma paixão terrivel, a vingança, e o deſejo da dominação abraſava-o. Não ſabia bater-ſe nos campos nem no Forum, mas havia uma coiſa que ſabia melhor do que ninguem, era tratar com os veteranos de Ceſar, ſeduzil-os com promeſſas de

recompenſas, de licença, de dominio, e ſobretudo liſongeal-os com a mais abjecta ſubmiſſão aos ſeus caprichos. Sabia tambem, e com ſingular perfeição, ſacrificar os amigos de hoje aos inimigos de hontem, alliar-ſe com eſtes, e trahir os novos alliados na primeira occaſião opportuna para cevar os velhos rancores. Sabia finalmente eſcolher e aproveitar os homens, e collocal-os nos logares adequados á ſua capacidade; ſabia pôr *the right man in the right place.*

Tendo começado pela diſſimulação, nos mezes que ſeguiram a morte de Ceſar, moſtrou, no periodo ſangrento das proſcripções, ferocidade mais ſelvagem que a dos ſeus collegas, o que quer dizer muito. A reſponſabilidade dos ſeus actos, n'aquella época, pertence-lhe excluſivamente. Mas, depois que Bruto e Caſſio foram vencidos, e que o univerſo romano ficou repartido entre elle e Marco Antonio, chegada a hora do governo, governo irregular, imperfeito, inferior ao do ſeu principado excluſivo, mas governo todavia, encontrou em Agrippa e Mecenas dois inſtrumentos excellentes, a cuja acção deveu em grande parte o bom reſultado dos ſeus efforços.

Agrippa era o braço, e, quando cumpria tomar uma reſolução viril, era o coração. Companheiro de Auguſto deſde a infancia, viera com elle de Athenas a Roma auxilial-o na ouſada petição da herança de Ceſar, e não o abando-

nara nunca. Quando Augusto tremia, deslumbrado pelo clarão dos relampagos, aterrado pelo fragor dos mares enraivecidos ou pelos clamores dos inimigos, Agrippa estava a seu lado para fazer as suas vezes. Mas a dedicação e os serviços de Agrippa não paravam aqui. Tendo saido triumphante da lucta com Sexto Pompeu, o grande maritimo aceita a edilidade, para tornar affecto a Augusto o povo romano, por meio da execução de obras publicas que lhe fossem uteis, e lhe agradassem; vencedor de Antonio, corre sem demora a Roma, pacifica os veteranos que nem Livia nem Mecenas sabiam domar, e recomeça a sua eterna peregrinação armada, da Hespanha á Germania, da Germania ao Oriente, dos campos de batalha ao palacio minado pelas traições, destruindo todos os inimigos de Augusto, até que uma morte prematura, resultado d'aquella vida de fadigas, põe termo aos seus serviços.

É muito, e qualquer soberano, por mais exigente que o imaginemos, contentar-se-hia de bom grado com um amigo tão devoto. Mas Agrippa fazia a Augusto sacrificios ainda mais penosos. Não contente de lhe sacrificar a saude, sacrificou-lhe uma coisa ainda mais preciosa, as affeições, e por fim a honra.

Era casado com uma mulher que estimava, e que lhe trouxera uma grande fortuna. Mas Augusto deseja unil-o á sua pessoa por uma alliança

de ſamilia, e o docil ſoldado, tendo repudiado a ſua companheira fiel, une-ſe com Marcella, filha de Octavia. Correm os dias, morre o herdeiro preſumptivo, o genro de Auguſto, Marcello; é preciſo caſar a filha do imperador com um homem capaz de ſucceder no governo. Agrippa, que a ingratidão do ſeu amigo tinha deixado ultimamente n'um meio-exilio, é, por conſelho de Mecenas, chamado a Roma, e obrigado a repudiar Marcella, recebendo, com a promeſſa do imperio, a mão de Julia, e a deſhonra.

O ultimo ſacrificio, e, apparentemente, o maior, é a união com Julia, e a reſignação á vida eſcandaloſa que ella vivia; mas aqui é poſſivel que não foſſe ſó a dedicação muito real de Agrippa aos intereſſes de Auguſto o que determinou o ſeu procedimento. A mão de Julia era o penhor do imperio. Se o marido offendido tiveſſe moſtrado a ſeveridade que lhe cumpria moſtrar, a eſperança do poder fugia-lhe. Ora o valente guerreiro não era eſtranho aos calculos da ambição.

Esta figura de homem honrado, cuja vida não moſtra outras manchas ſenão as que ſobre ella lançam as torpezas conſentidas de Julia, eſtá porém muito longe de nos ſer ſympathica. Quanto mais eminentes ſão as faculdades do vencedor de Antonio e de Pompeu, tanto mais nos indignamos de que homem tal preſtaſſe o ſeu auxilio á obra criminoſa de Auguſto. O que teria ſido

d'eſte ſem Agrippa não é facil conjecturar; mas não vemos quem lhe teria alçançado as victorias neceſſarias. Agrippa foi o ſeu unico general. Quando a morte o arrebatou, ainda no vigor da edade, não havia guerra ſenão nas fronteiras; mas ainda aſſim a ſua falta foi muito ſenſivel, e os ultimos annos do principado de Auguſto ficaram infamados pela perda das legiões de Quinctilio Varo, primeiro ſignal das victorias dos homens do Norte, a quem o futuro guardava o triumpho, a deſpeito da prodigioſa concentração de forças do imperio romano.

É Mecenas uma figura muito menos alta, e a ſua cooperação era ſem duvida menos neceſſaria. Todavia Auguſto deveu ao gordo Etruſco ſerviços valioſiſſimos. O que Agrippa era na guerra era Mecenas na paz. O primeiro era um general, o ſegundo um diplomata. Um commandava as legiões, o outro conciliava os poetas. Ambos aconſelhavam o principe ſegundo os intereſſes communs, e a ſua morte deixou Auguſto entregue á influencia excluſiva de Livia, de Livia que baſtava para o guiar com paſſo ſeguro, mas que, aſſim como ſabia guial-o, podia alguma vez tranſvial-o, ou abandonal-o aos impetos do ſeu violentiſſimo caracter, o que de feito ſuccedeu, e n'uma occaſião memoravel[1].

[1] Quando as infamias da vida de Julia lhe foram deſco-

Augufto tinha pois raro talento para adquirir foldados, para conciliar alliados, e deffazer-fe d'elles, para conhecer e empregar os homens neceffarios; mas a fua aptidão para o poder ia mais longe. O mundo, canfado de tantas e tão prolongadas perturbações, pedia a ordem, a paz, a fegurança; os republicanos militantes de Roma tinham perecido, mas o efpirito republicano tradicional, ifto é, o amor ás inftituições antigas, ás fórmas conftitucionaes do governo confular, animava ainda o povo, que efquece difficilmente. Augufto comprehendeu effas aspirações e effas fympathias, e, com a fua portentofa diffimulação, com a paciente hypocrifia, que o trato do mundo aperfeiçoara, mas que era n'elle uma qualidade ingenita, foube fatiffazer a tudo e a todos.

O fyftema das profcripções era excellente para aniquilar promptamente os inimigos irreconciliaveis, mas não podia deixar de fer tranfitorio. Por meios taes não fe governa. Affim, logo que a oppofição radical defappareceu, o triumviro moderou as fuas iras, não que o feu caracter fe tiveffe modificado generofamente: o que elle era ainda, e fempre foi, bem o moftrou o feu proce-

bertas por Livia, Augufto, impellido pelo mais cego furor, publicou a defhonra de fua filha. Ao cair em fi, dizem que exclamara: «Se eu não tivera perdido Mecenas e Agrippa!»

dimento nas ultimas luctas; mas o intereſſe fallou mais alto do que o inſtincto.

Vencidos porém os ultimos adverſarios, os menos temiveis, porque combatiam por um homem, não por um principio, Auguſto, vendo-ſe ſenhor inconteſtado do mundo, que ſe curvava diante da ſua omnipotencia, e já começava a adoral-o como um deus bemfazejo, começou a repreſentar, em ſeguida á lugubre tragedia, cujo deſenlace fôra mais horrendo do que as ſuas mais horrendas peripecias, uma comedia ſiniſtra mas compoſta com tão ſingular habilidade, e executada com tão imperturbavel firmeza, que logrou enganar, ſe não os contemporaneos, pelo menos a poſteridade.

Auguſto é o typo dos monarchas abſolutos dos tempos antigos, aſſim como Luiz XIV de França o dos tempos modernos. Comtudo, apeſar da mageſtade da ſua attitude durante os quarenta e quatro annos do ſeu principado, apeſar da grandeza que um logar tão eminente communica a quem o occupa por tanto tempo, o clemente imperador apreſenta-ſe aos olhos attentos que o eſtudam mais como um actor que deſempenha magiſtralmente o ſeu papel, do que como um d'eſſes homens extraordinarios que o ſeu genio torna dignos e capazes de reger os deſtinos de um povo. Não perguntava elle, nos ultimos inſtantes, aos ſeus amigos ſe tinha repreſentado bem a

farça da vida? *ecquid iis videretur mimum vitae commode tranſegiſſe?*

Tinha-a repreſentado admiravelmente. Encontrara a republica humilhada, dilacerada pelas diſcordias civis, defendida por poucos, ameaçada por eſſa horda terrivel cujos actos chamam e chamarão por eſſes ſeculos além a maldição de todos ſobre a memoria de Ceſar; encontrara-a n'uma ſituação perigoſiſſima, em que todas as probabilidades eram pela cauſa injuſta; mas encontrara-a de pé. Tinha-a encarado, não de frente, que os ſeus olhos obliquos não ſabiam, mas com penetração, com tenacidade e com odio implacavel. Medira as forças, arremeſſara-ſe a ella, e, quando ſoou a hora extrema, deixou-a proſtrada, ſem vontade, ſem vigor, ſem vida.

A foice da morte tinha cortado impiedoſamente aquellas deſditoſas gerações, não conſentindo, tão ſeguros e promptos eram os ſeus golpes, que os filhos aprendeſſem as virtudes civicas de ſeus paes, nem que os paes ſe retemperaſſem no generoſo enthuſiaſmo de ſeus filhos. A tradição eſtava interrompida. Uma geração intermedia, ſem caracter diſtincto, ſem as virtudes da guerra, e ſem as virtudes da paz, aceitou de bom grado a vergonhoſa tranſacção que Auguſto lhe propunha, as fórmas republicanas e um ſenhor.

Aceitou-a, e não ſatiſfeita de conſentir no primeiro logar o cidadão mais perverſo de Roma,

não contente de curvar a cabeça áquelle cuja vida abominavel merecia mil ſupplicios, elevou-o até aos ceos n'uma apotheoſe unanime, que ſeria atroz, ſe não foſſe ridicula.

Por honra da humanidade, não creio que tal endeuſação foſſe ſincera. Os filhos das victimas não podiam adorar o algoz dos ſeus. Mas a humanidade é fraca; aos povos eſcravos que já não ſabem brandir o ferro, reſta a liſonja; Tiberio ſuccedeu a Auguſto: não admira que a Virgilio e Horacio ſuccedeſſem Ovidio e Paterculo.

Para o cantor de Tityro e de Melibeu, Auguſto é verdadeiramente um deus. *Namque erit ille mihi ſemper deus.* Deſculpamos a apotheoſe do triumviro ao poeta que lhe devia a conſervação da fortuna e da vida; mas Horacio, que ſempre ſoube eſquivar-ſe aos favores imperiaes, Horacio, o mais engenhoſo, o mais ſenſato dos poetas, que recebera da prodiga natureza, com as qualidades ſolidas e amaveis, eſſa alta inſpiração que faz os lyricos, e que lhe permittia o hombrear com Pindaro, o altiloquo cantor do *juſtum ac tenacem propoſiti virum* e das glorias de Roma republicana, conſagrando muitos e muitos dos ſeus poemas á glorificação do nome e das victorias d'eſſe cobarde proſcriptor que os deſtinos contrarios tinham levantado ao poder ſupremo!... Aſſim foi, comtudo. Os poetas ſeduzidos cantam; os artiſtas perpetuam nas ſuas obras im-

mortaes a effigie do divino ſoberano; os monumentos eternos celebram nos ſeus immenſos caracteres de marmore a grandeza de Auguſto; o deſditoſo Ovidio entoa no hyperboreo Ponto os mais hyperbolicos louvores ao ſeu algoz, e quando o ſeculo ſe fecha com a exaltação de Tiberio, um grave hiſtoriador [1] vem auctoriſar todas eſſas adulações com a pompa mageſtoſa da ſua phraſe ſervil. A poſteridade, deſlumbrada pelo eſplendor do grande ſeculo, pelo magico eſpectaculo da grandeza do imperio, e da inexcedivel perfeição das obras que eſſe tempo nos legou, eſquece os crimes de Octavio, e aceita a gloria de Auguſto.

A unidade do orbe romano é um grande facto; o reſtabelecimento da ordem foi ſem duvida um grande beneficio: mas Auguſto deve porventura ſer tido como bemfeitor da humanidade? Quaes eram as ſuas intenções? De que modo concorreu para o progreſſo realiſado? Definitivamente, que foi a ſua obra? É o que importa conſiderar.

[1] Parterculo.

V

A hiſtoria do imperio romano fórma ſaliente contraſte com a hiſtoria da republica. E todavia o imperio reſultou da republica, não como uma monſtruoſidade, mas naturalmente, por meio de uma geração regular.

É eſte o caſo de dizer que os paes valem mais do que os filhos. Aſſim ſuccede ſempre nas épocas de decadencia. *Abyſſus abyſſum*... O mal gera o mal fatalmente, logicamente e ſoberanamente, até que um novo elemento de vida refaz o corpo ſocial. Roma, grande durante o periodo republicano, grandioſa, pela força adquirida, nos primeiros tempos do imperio, deſce todos os degraus da precipite eſcada da decadencia, e parece proxima a perecer quando o chriſtianiſmo vem pôr o remate á grandeza da ſua obra de civiliſação, convertendo-a, de ſenhora que tinha ſido, em mãe deſvelada e ſalvadora.

A meu ver, ſe o imperio pode ſer amniſtiado pela hiſtoria, deve-o ao ſerviço que preſtou, tornando, pela união de todos os povos civiliſados do mundo greco-romano, mais facil e efficaz a propagação da religião chriſtã. Como porém a unidade podia ter ſido eſtabelecida e conſervada por outra fórma mais juſta e mais conforme aos intereſſes particulares do povo romano e aos intereſſes geraes da humanidade, a hiſtoria deve, ainda n'eſte ponto, propôr mais do que uma objecção aos apologiſtas dos Ceſares.

Quando digo que o imperio reſultou naturalmente da republica, affirmo apenas que as guerras civis, tão prolongadas e tão crueis, que vão dos Gracchos a Auguſto, a dilatação immenſa do eſtado romano, a perverſão dos coſtumes, a caducidade da conſtituição, e muitas outras cauſas que todos conhecem, tornavam poſſivel o eſtabelecimento do deſpotiſmo imperial. Não creio porém que eſte foſſe o unico deffecho poſſivel da ſituação, e muito menos que foſſe o melhor.

Já por vezes o tenho dito n'eſtas conſiderações, poſſibilidade não é para mim o meſmo que legitimidade. Porque o eſtado de uma ſociedade facilita o triumpho dos mais criminoſos attentados, não admitto que actos taes poſſam juſtificar-ſe. Moralmente, os criminoſos que vencem valem tão pouco como os que ſuccumbem. N'eſte ponto Ceſar é egual a Catilina. Para a ſocieda-

de, as revoluções que ſatiſfazem algumas neceſſidades, e por iſſo ſão parcialmente logicas, ſão mais funeſtas do que podem ſer as que contradizem radicalmente a hiſtoria dos povos, porque as primeiras fundam muitas vezes uma fórma iniqua mas duravel, ao paſſo que as outras ſão de ſua natureza ephemeras, e, não raro, produzem involuntariamente o contrario d'aquillo que pretendem, robuſtecendo pela lucta a tradição que lhes é adverſa.

A revolução ceſarea vae para a primeira claſſe. D'ahi a ſua força, d'ahi as importantes conſequencias da ſua victoria, d'ahi a grandeza da ſua acção, d'ahi a immenſidade das ruinas que accumulou. Compenſando o mal e o bem, qual deve ſer o *veredictum* definitivo? Variam os juizos; o meu é-lhe contrario.

Os ſeus apologiſtas argumentam ſempre com uma palavra: unidade. Não podem invocar em ſeu auxilio outra mais bella, magica: liberdade; ſe tiveſſem direito a iſſo, eſtava eu com elles: mas pretendem deſtruir a deciſiva objecção que em nome da liberdade, do direito eterno e univerſal, lhes é propoſta, inſinuando que a liberdade republicana tinha ſido em Roma um privilegio, que os Romanos tinham provado no ultimo ſeculo da republica a mais irremediavel incapacidade para uſar d'ella, e que, ſe a liberdade politica deſappareceu com o eſtabelecimento da di-

ctadura dos Cefares, a liberdade civil eftendeu a maior numero de homens os feus immenfos beneficios, que a cidade continuou a expandir-fe, e em mais larga efcala, até á conftituição antonina, que a fez tão vafta como o orbe romano, e que a liberdade municipal efcapou até á invafão dos Barbaros. Apparecem depois os louvores á reparadora adminiftração imperial, á *immenfa paz do mundo*, dos Antoninos, á grande e *humana* jurifprudencia de Gaio e Salvio Juliano, á diffufão das luzes, á litteratura romana das provincias, a tudo o que fignifica, por uma parte, a morte da velha Roma, e, pela outra, a exaltação de Roma univerfal, da cidade uma, que comprehende todos os povos, e prepara os novos deftinos do mundo.

Efta apreciação é, pelo menos, de altos efpiritos. Quem vê as coifas affim, vê-as muito de cima. Vel-as-ha claramente? Aqui é que furgem as duvidas.

As partes fão, em geral, verdadeiras; a conclufão é falfa. A liberdade, em Roma, era um privilegio. Quem o contefta? E que tem fido nos primeiros periodos da hiftoria de todos os paizes onde fe tem defenvolvido regularmente? O que cumpria provar era que o privilegio romano tinha caracter tal de exclufão, de immobilidade, que tornava impoffivel a fua extenfão. Ora, não vemos nós os plebeus romanos, ifto é, os cida-

dãos de ſegunda formação, egualados aos primitivos, os patricios? Não vemos, além das conceſſões particulares e dos deſmembramentos do privilegio, municipios, Lacio, direito italico, toda a Italia incorporada na cidade, depois da guerra ſocial? E não veriamos, ſe a republica tiveſſe ſubſiſtido, o movimento emancipador continuar com a meſma actividade, produzindo, como conſequencia neceſſaria, a unidade ſocial? Com uma ſó differença: tudo o que o imperio realiſou pelo deſpotiſmo, arbitrariamente, caprichoſamente e por vezes abſurdamente, teria ſido realiſado pela liberdade.

Os Romanos não podiam ſer livres! Os contemporaneos dos Gracchos, de Mario, de Sylla, de Ceſar e de Auguſto abuſavam da liberdade! Não me dou por convencido. Reconheço que as diſcordias civis tornaram poſſivel o eſtabelecimento do deſpotiſmo, e que a ſujeição dos Romanos a Julio Ceſar tornou talvez inevitavel a ſua conſolidação. Mas, aqui como em toda a parte, creio que a liberdade teria curado as feridas que fazia melhor do que as podiam curar os empiricos que d'iſſo ſe encarregaram. O governo de Roma, imperfeito por certo, mas o melhor da antiguidade, tinha-a levantado ao cume da gloria e do poderio, como nunca ſe tinha viſto, e como nunca mais ſe viu; mas concebido para uma cidade pequena e conquiſtadora, não podia convir

a um eſtado a que a ſua propria extenſão impunha limites. Todavia, eſte governo podia ter ſido modificado ſegundo as novas condições da ſociedade romana pediam; o principio da repreſentação, que não era deſconhecido aos antigos, teria gerado uma conſtituição mais conveniente; e os faſtos da republica univerſal não ſeriam menos brilhantes do que ſão os da communidade guerreira.

Mas a decadencia? *Abyſſus abyſſum*... E quem nos diz que a decadencia não provinha, em grande parte, da incapacidade fundamental da fórma conſular, e que, convocados para a cidade, por um ſyſtema mais amplo, os novos membros da ſociedade romana, não teria vindo d'elles o principio vivaz e regenerador que podia ſuſtar a decadencia? Mas eſſes povos entraram na cidade, e a decadencia pronunciou-ſe mais. Embora. O que era poſſivel á liberdade ſeria loucura eſperal-o do deſpotiſmo. A liberdade cria, porque é o direito; o deſpotiſmo eſterilifa, porque é a iniquidade.

Parece-me tudo iſto verdadeiro, tanto hiſtoricamente como philoſophicamente: em theſe e na hypotheſe. O chriſtianiſmo foi o elemento regenerador dos Romanos, mas a ſua acção foi individual, não paſſou das almas para a ſociedade politica. Os chriſtãos eram livres, porque ſó temiam a Deus; como a liberdade lhes vinha de

um principio ſuperior, tão livres ficaram no dia do triumpho quanto tinham ſido nos dias de provação: a liberdade publica não lhes deveu nada.

Outro tanto nos pode enſinar o eſtoicifmo pratico dos oppoſicioniſtas aos primeiros Ceſares. Quando ſoou para elles a hora da victoria, os ſeus principios geraram principes admiraveis, mas deixaram o povo eſcravo. É que os diſcipulos do Portico nunca tinham votado á liberdade eſſe ardente, tenaz e excluſivo amor que ella exige para ſe render; o ſentimento que os animava ſó merece o nome de amor platonico.

A ſuperioridade da adminiſtração imperial é evidente. Os beneficios da ordem foram, durante alguns annos, muito grandes. Mas, é licito perguntar, a ordem não ſe teria eſtabelecido ſem a intervenção do herdeiro de Ceſar? De certo que ſim, porque a paz octaviana tem umas ſimilhanças terriveis com a proſtração que ſuccede ás grandes criſes. Parece-me que muitos lançam na balança a favor de Auguſto beneficios que lhe não ſão devidos. A ſua adminiſtração foi melhor que a da republica, e não ſó o foi, mas devia ſel-o, o que é mais deciſivo; comtudo, como a adminiſtração republicana não era eſtacionaria, como, pelo contrario, tinha chegado a tal ponto de perfeição, que pôde offerecer a Auguſto, não ſó os modelos neceſſarios, mas um peſſoal conſideravel, ſem o qual elle nada teria creado, a minha ad-

miração pelas glorias adminiſtrativas do imperio é muito moderada.

A paz do orbe romano é o facto mais brilhante. Aſſim ella ſe tiveſſe conſervado durante os ſeculos que gemeram ſob o latego dos Ceſares! Mas o poder abſoluto tem ſeus perigos, aſſim como a liberdade; no perfido elemento onde navega o ſeu baixel não ſão menos frequentes os eſcolhos, menos temeroſas as tempeſtades. Se a morte, talvez violenta, de Auguſto, e o aſſaſſinato dos ſeus tres immediatos ſucceſſores, não provocam a lucta civil, a exaltação de Galba deſencadea todos os furores da guerra interna e externa, e, poſto que os Flavios e os Antoninos conſigam reſtabelecer e conſervar a ordem, com a morte de Marco Aurelio renaſce uma hedionda anarchia, que ſe prolonga, com pequenas interrupções, até Diocleciano e Conſtantino.

A juriſprudencia progrediu muito durante o imperio, mas pela eſtrada que lhe tinha aberto a republica. A ſociedade que publicou o Edicto do pretor reclama a maior parte na gloria dos deſenvolvimentos ſubſequentes. Aqui tambem, temos o direito de ſuppôr que a liberdade teria feito mais e melhor.

O deſenvolvimento da litteratura nas provincias, e o remoçamento das lettras romanas pelos eſcriptores eſtranhos á Italia é um facto que ſó podia começar no oitavo ſeculo de Roma;

mas quem lançou os alicerces d'eſſa obra foi um republicano, Sertorio. A ninguem tanto como a elle deveu a Heſpanha a prioridade da ſua civiliſação, que lhe alcançou o primeiro papel na edade argentea das lettras latinas, onde avultam os nomes dos Senecas, de Lucano, de Pomponio Mela, de Floro, de Marcial e de Quintiliano. A litteratura, mal das protecções mecenaticas, pouco ou nada deve ao poder imperial. A grande época das lettras é a da queda da republica. O periodo claſſico, que ſe ſegue, fica-lhe muito abaixo em inſpiração, é menos rico em genios originaes, e os grandes eſcriptores que o honraram, e cujas obras teem ſido, ſão e hão de ſer, as delicias da humanidade, ſão todos de origem e muitos de caracter republicano.

Por outra parte, a litteratura ſoffreu, como tudo o que é grande, bello e bom, com o eſtabelecimento da monarchia abſoluta. A adulação é a muſa dos eſcravos. Os grandes aſſumptos litterarios e hiſtoricos eram vedados aos eſcriptores independentes. A voga do theatro, que nunca fôra grande, decaiu, ao paſſo que augmentava a do circo e a do amphitheatro. Quanto á eloquencia, eſſa fôra do principio *pacificada* por Auguſto. Que ficava? Ficava a rhetorica.

N'um longo periodo de mais de quatro ſeculos, e para um grupo de homens tão conſideravel como o que então fallava a lingua latina, ſó

apparece um eſcriptor de verdadeiro genio, e, ainda aſſim, a compoſição das ſuas obras deve-ſe ao accidente que concedeu á ſua velhice os principados de Nerva e Trajano, depois de lhe ter dobrado a cabeça ao jugo ignominioſo de Domiciano. A indignação, que foi a muſa de Tacito, inſpirou tambem altamente o formidavel Juvenal; mas a litteratura latina apreſenta em todos os ramos deploravel mediocridade, mormente ſe a compararmos com os productos contemporaneos da imaginação hellenica, com os fructos precioſos d'eſſa quarta e quinta e ſexta refloreſcencia, que ſão as obras de Plutarco, de Luciano, de Arriano, de Porphyrio, de Longino, de Julião, e do verbo final da poeſia e da philoſophia pagã, Proclo. Não menos deſſavoravel lhe ſerá a confrontação com a litteratura ſacra do Oriente e do Occidente.

A obra de Auguſto não me parece pois digna de admiração. As grandes coiſas que honram o periodo imperial devem-ſe á iniciativa republicana ou á acção de entidades que ſão eſtranhas ao poder, a philoſophia do Portico e o chriſtianiſmo. Uma grande ſociedade, n'um alto eſtado de civiliſação, não pode ficar improductiva. Mas o deſpotiſmo tem o dom de eſteriliſar tudo. Ainda quando os ſeus ſerviços tiveſſem, na hypotheſe, ſido mais importantes, o juizo da philoſophia e da hiſtoria não devia ſer-lhe favoravel, porque a deſ-

truição da liberdade não tem, em circumſtancia nenhuma, juſtificação poſſivel. Mas os ſerviços que o ſyſtema novo preſtou, e que lhe ſão tomados em conta, não os podemos referir a Auguſto, já porque o fito de todos os actos d'eſte imperador foi ſempre, e primeiro que tudo, conſolidar o poder abſoluto, já porque o reſtabelecimento da ordem, depois da morte de Antonio e Cleopatra, de toda a maneira ſe havia de verificar. A moderação [1] de Auguſto tornou o ſeu principado muito menos humilhante para os Romanos, muito menos odioſo e peſado do que foram depois o de Tiberio e de quaſi todos os outros imperadores; mas eſta moderação era neceſſaria. Longe de mim negar a Auguſto a juſtiça que fiz a Ceſar! Auguſto era um homem eminente, ſem qualidades brilhantes e ſem grandeza real, mas dotado de admiravel perſpicacia, firmeza e reſolução. Inconteſtavelmente, tinha naſcido para governar, porém o mundo pagou bem caras as poderoſas faculdades d'eſſe homem, que, repreſentando, alternativa e por vezes ſimultaneamente, uma tragedia cruenta e uma perfida comedia, conſeguiu aterral-o, enganal-o e eſcraviſal-o.

1870.

[1] Moderação e não clemencia. *Clementiam non voco laſſam crudelitatem,* dizia Seneca.

O FATALISMO

NA HISTORIA

O FATALISMO NA HISTORIA[1]

I

Veiu eſte livro accreſcentar conſideravelmente uma divida que os leitores portuguezes ha muito tempo contrahimos. *O Chriſtianiſmo e o progreſſo,* a *Inſtrucção nacional,* a *Hiſtoria da inſtrucção popular*, e outros eſcriptos, que ſão de todos conhecidos e por todos bem conceituados, teem provado ſobejamente que é para muito o ſr. D. Antonio da Coſta. Sabiamos todos que elle reune a pouco vulgar engenho laborioſidade e probidade litteraria menos vulgares ainda, e, além da erudição geral que taes qualidades ſuppõem, a mais ſegura competencia relativamente ás materias de que ſe occupa. Tinhamos por tanto juſto motivo para eſperar mui-

[1] *Tres mundos,* por D. Antonio da Coſta.

to de uma obra ſua, mas as noſſas eſperanças foram excedidas. No meu conceito, a publicação dos *Tres mundos* é um dos maiores ſerviços que, n'eſtes ultimos annos, teem ſido preſtados ás lettras portuguezas.

Seria ridiculo, e o primeiro que aſſim julgava era o ſr. D. Antonio, pretender comparar os *Tres mundos,* em perfeição litteraria, com algumas das obras que teem viſto recentemente a luz publica, por exemplo, com o *Tartufo,* com o *Avarento,* ou ainda com o *Fauſto* do ſr. Caſtilho. Mas eſtas obras, de natureza diverſa, e por muitos lados ſuperiores á do ſr. D. Antonio, não podem exercer, em relação á litteratura nacional, a influencia benefica que, no meu entender, lhe eſtá reſervada a ella. Por outro lado, ſeria injuſto equiparal-a á publicação ultimamente feita por um homem que foi outr'ora dos primeiros entre os eſcriptores d'eſta terra, e que, depois de larga ſequeſtração litteraria, voltou ao mundo das lettras com um livro rancoroſo e violento, procurando reaccender o fogo ſiniſtro das paixões politicas, e parecendo querer fundar a mais curioſa hereſia politico-religioſa de que tenho noticia. O livro do ſr. D. Antonio pertence a outro campo. É um eſcripto de boa fé e de pura intenção, muito conſcienciosoſo e muito inſtructivo, capaz de ſer entendido pelos ignorantes, e digno de ſer meditado pelos ſabios. Não é uma compoſição de genio, mas é uma obra

de merito real e ſolido, que ha de durar ainda quando já tiverem encontrado o eterno deſcanſo nas lobregas catacumbas litterarias muitos dos livros de que mais ſe tem fallado n'eſte paiz.

Por minha parte, como admirador enthuſiaſta que ſempre tenho ſido das coiſas da antiguidade, folgo ſinceramente com a feliz, audaz e fecunda iniciativa que o ſr. D. Antonio da Coſta ouſou tomar, obrigando pelo credito de que goza o ſeu nome, os leitores portuguezes de 1873 a ſair dos ſeus habitos litterarios, a contrariar as ſuas inclinações, a deſamparar os ſeus eſcriptores predilectos, para ſe occuparem, durante algumas horas, das inſtituições romanas, das invaſões barbaras e das pacificas conquiſtas chriſtãs. Milagre foi eſte que poucos taumaturgos poderiam ter feito. Coube a gloria ao ſr. D. Antonio da Coſta, e por iſſo lhe dou os mais cordeaes parabens.

Em Portugal conhece-ſe pouco a litteratura e a hiſtoria, pouquiſſimo a litteratura e a hiſtoria da antiguidade. Todos os livros bons que ſe publicam ſão excepções; nenhum ſe liga, mais ou menos, a certo eſtado do eſpirito nacional, a certas inſtituições, a certo movimento litterario. Um paiz onde não ha theatro, onde os periodicos extranhos á politica não podem durar, não tem propriamente vida litteraria. E para tudo iſto ha uma explicação muito ſimples e muito triſte. O amor das lettras morreu entre nós.

Vivia comtudo, não ha muitos annos ainda. No ſegundo terço d'eſte ſeculo, alguns homens eminentes, verdadeiramente benemeritos da patria, iniciaram em Portugal um periodo litterario brilhante, que promettia ſer fecundo. N'aquelle tempo o jornal litterario exiſtia. Que o diga o ſr. Alexandre Herculano e tantos outros. O meſmo jornal politico recebia d'ahi valioſos ſubſidios, que faziam d'elle uma coiſa bem differente d'iſſo que por ahi ſe vê hoje. Os livros bons publicavam-ſe a miudo, e a ſua apparição não deſpertava, como actualmente ſuccede, um ſentimento geral de ſurpreza. Emfim, a inſtituição que melhor do que todas as outras ſerve para aquilatar o eſtado litterario de um povo, o theatro, via ſurgir eſſas creações immortaes que ſe chamam *Gil Vicente, Fr. Luiz de Souſa, a Herança do Chanceller.*

Que vivia é inconteſtavel. Porque morreu, não ſei, nem é meu propoſito indagal-o aqui. Limito-me a affirmar o facto. Em Portugal eſcreve-ſe pouco, e d'eſſe pouco pouco é bom. O meſmo bom é accidental.

Dir-me-hão talvez os que me acharem ſevero em demaſia que os grandes eſcriptores ſão ſempre accidentes. Não conteſto. Um grande poeta, um grande hiſtoriador, um grande critico, não ha inſtituições que os poſſam gerar. Por iſſo, eſtou longe de eſtranhar que não tenha apparecido, em noſſos dias, n'eſte paiz, um Virgilio ou

um Racine, um Salluſtio ou um Gibbon, um Leſſing ou um Sainte-Beuve. Mas, ſe os genios-extraordinarios ſão ſempre excepções, outro tanto não ſuccede com o talento, que exiſte em toda a parte, que é vulgar entre nós, e que, ſe as condições ſociaes o favoreceſſem, havia de produzir, como de razão, fructos excellentes.

Ninguem eſtranhe porém a eſterilidade de que todos nos queixamos. Em Portugal eſcreve-ſe pouco porque ſe ſabe pouco, e ſabe-ſe pouco porque ſe eſtuda pouco. Ninguem ſabe grego. Poucos leem correntemente os livros latinos. As altas ſciencias litterarias, as ſciencias auxiliares da hiſtoria, a grande e difficil erudição, ſão deſconhecidas entre nós. Archeologia, diplomatica, numiſmatica, epigraphia, ethnologia, philologia, ſanſkrito, mythologia comparada, hiſtoria das religiões, ſão profundo myſterio para quaſi todos. Os raros que entendem de alguma d'eſtas coiſas eſtão como Ovidio entre os Getas. Ninguem os entende a elles. *Barbarus hic ego ſum quia non intelligor ulli.* E d'eſta profunda ignorancia reſulta o eſtado actual da noſſa ſociedade, iſto é, a mais evidente decadencia litteraria.

Decadencia deploravel, que facilmente ſerá ſuſtada. Empenhem-ſe n'iſto os que podem. Queiram, e tudo eſtá ſalvo. Parece que ha n'eſtas coiſas como um circulo vicioſo, do qual é impoſſivel ſair. Sem leitores não ha quem eſcreva. Não

ſe eſcrevendo é impoſſivel que ſe leia. Mas, de facto, nunca os phenomenos ſociaes ſe apreſentam com tal caracter. Se os bons talentos que temos quizerem do coração e de vez reſuſcitar n'eſta terra os grandes trabalhos litterarios, que ſão o timbre de todas as civiliſações illuſtres, que ſe armem de paciencia, de perſeverança, e de iſenção. Eſqueçam por um momento que os ſeus eſcriptos hão de ſer lidos, e trabalhem ſem outra preoccupação do que a arte. Conſtituida a ſciencia, apurado o goſto, proclamada bem alto a futilidade de muitas coiſas que ſão tidas por litterarias, os reſultados hão de ſer maravilhoſos. Como todos os elementos, o publico é deſpota e é eſcravo conforme o adulam ou o ſubjugam. Dos eſcriptores é que deve vir o exemplo.

Algumas tentativas teem ſido feitas ultimamente n'eſte ſentido. Ainda ha pouco ſe publicou ácerca das origens da noſſa juriſprudencia, um trabalho, de ſi importante, importantiſſimo como ſymptoma. Parte da geração que ſe eſtreia hoje nas lettras parece diſpoſta a conſideral-as uma coiſa ſéria, não ſe poupando aos mais arduos lavores, e arroſtando varonilmente com a malevolencia de alguns, e com a indifferença de quaſi todos. Cumpria porém que o exemplo vieſſe de eſcriptores mais conhecidos, e por tanto mais aptos para ſuſcitar o amor dos eſtudos ſeveros. Um dos iniciadores mais

competentes era, ſem duvida alguma, o ſr. D. Antonio da Costa.

O exemplo ahi eſtá. É eſſe livro excellente, abundante em noticias curioſas, bem compoſto, ſolidamente fundado, e, o que mais é e mais vale, tão preſtante em philoſophia como em hiſtoria. É um bom livro e é uma boa acção. Não baſta perfilhar os ſãos principios, não baſta deduzir rigoroſamente, e proclamar altamente as verdades, é preciſo inſiſtir, inſinuar, n'uma palavra é preciſo fazer amar o bello e o bem. Ora o auctor dos *Tres mundos* parecia talhado de molde para eſſa grande miſſão. Caracter reſpeitavel, ſympathico a todos, nome litterario alcançado por longos trabalhos, tudo concorre para fazer do ſr. D. Antonio *the right man*, como dizem os Inglezes. Iniciar os aſſignantes do *Diario de Noticias* nos myſterios da antiguidade, e divulgar ao meſmo tempo as boas doutrinas que reſultam do exame attento da hiſtoria, poucos em Portugal o poderiam fazer tão bem como o ſr. D. Antonio da Coſta, e raro haverá que o podeſſe fazer melhor. Mas, como eſſe o não fez, a gloria da utiliſſima iniciativa cabe inteiramente ao diſtincto e modeſto eſcriptor, cujas obras ſeriam dignas de viver em quanto duraſſe a noſſa lingua, ſe a perfeição da fórma correſpondeſſe n'ellas á doutrina e á erudição. Mas eſſa inferioridade relativa não obſta a que os *Tres mundos* nos apreſentem frequen-

tes vezes paginas excellentes, onde teriam que admirar e aprender muitos que hão de ſer os primeiros a formular os reparos que a leitura d'eſte livro, em mais de um ponto, infelizmente ſuſcita.

II

O primeiro capitulo dos *Tres mundos* é, e não podia deixar de ſer, fundamental. O plano que o ſr. D. Antonio da Coſta adoptou preſcrevia-lhe abſolutamente que indicaſſe, antes de compor o quadro dos coſtumes da ſociedade romana do imperio, as cauſas que tinham creado em Roma a monarchia abſoluta. Ora, da maneira por que ſe aprecia a época extraordinaria das ultimas luctas pela liberdade reſultam certos corollarios altamente importantes em relação aos tempos poſteriores. Os eſcriptores que ſão favoraveis á revolução ceſarea julgam de ordinario o imperio com muita indulgencia, ao paſſo que os republicanos intranſigentes, os legitimiſtas da eſcola de Catão de Utica, ſão inexoraveis na mais acerba ſeveridade. O ſr. D. Antonio não ſegue nenhuma das eſcolas extremas. O ſeu coração não eſtá com os glorioſos vencidos de Pharſalia e de Phi-

lippes, e todavia o ſeu juizo ácerca do imperio é dos mais rigoroſos. Dá-ſe commigo um caſo analogo, mas em diverſo ſentido. Tenho admirado ſempre eſſa grande e fecunda unidade romana que ſó ſe perfez com o imperio, unidade que, bem longe de ſe limitar ao mundo politico, abrangeu todas as fórmas da vida ſocial, deſde a litteratura e as artes até o direito e a religião. Tenho ſempre julgado, e julgo ainda, que no mundo romano principalmente é que eſtão firmadas as raizes da noſſa civiliſação; que tudo ou quaſi tudo o que honra a noſſa hiſtoria, e é ſeguro penhor da proſperidade que ambicionamos, vem, por derivação mais ou menos directa, da antiguidade claſſica; e que, por outra parte, os grandes vicios que nos corroem, os temeroſos inimigos ſociaes que nos ameaçam, procedem de origem bem diverſa. Sem embargo, porém, nunca pude negar o mais fiel tributo de admiração e ſympathia aos heroes da liberdade o do direito, que ſacrificaram eſpontaneamente, na batalha deciſiva, a fortuna, a vida, alguns a propria honra.

Larga tem corrido a diſcuſſão ha perto de vinte ſeculos reſpeito á quéda da republica romana, e a ninguem foi dado ainda apurar a verdade de modo que lograſſe convencer a todos. Entendem uns que era inevitavel a quéda da republica, e por iſſo, qualquer que ſeja o conceito

que formem de Julio Cefar, acham razões juſtificativas da ſua intervenção nos negocios publicos. Filia-ſe n'eſta eſcola o ſr. D. Antonio da Coſta. Outros, e com eſtes é que eu me aſſocio, attribuem a Ceſar a parte principal no grande crime da deſtruição da liberdade, e crêem que, ſe a fortuna de Roma tiveſſe feito d'eſſe homem um bom cidadão, a republica poderia ter ſubſiſtido.

Que o ſr. D. Antonio da Coſta pertence á primeira eſcola prova-ſe com o ſeguinte trecho do ſeu livro:

«Porque é que ſuccumbiu a republica romana? Pelo capricho de um ambicioſo porventura? Como acredital-o?

«Pois um homem, por mais eminente que ſeja, pode abalar uma inſtituição cimentada com ſolidez? Pois a reorganiſação de um povo eſtá á mercê de uma vontade excluſiva, ou depende de um complexo de cauſas, embrionarias no começo, viris quando ſe ligam, omnipotentes e invenciveis quando chega o momento? Um retrogrado habil retarda a realiſação do progreſſo; um progreſſiſta ouſado anticipa a conquiſta das idéas. É ſó iſto o que a lei dos acontecimentos concede ao homem. Superior ao homem eſtá a humanidade, a grande razão das coiſas, a que elle chama orgulhoſamente ſua, mas que por mais eſforços que empregue lhe não é dado dominar. Im-

perantes rolam eſtupidos de paſmo pelos degraus de um throno que ſuppunham eterno; povos accordam algemados ao aceno de um homem, que elles apunhalam para recuarem ainda mais; e o punhal não os ſalva, porque o mal não eſtava no homem, eſtava n'elles. Que foi que regenerou a conſpiração ſenatorial? Do dictador apunhalado ſurgiu um imperador em logar da republica virtuoſa, que já não era ſenão o phantaſma de uma recordação. Ao republicano Ceſar ſuccedeu o Ceſar imperial!»

Apreſenta-ſe n'eſtes periodos uma propoſição generica que não poſſo aceitar em toda a ſua extenſão. É certo que a humanidade, ſer permanente, tem uma eſphera de acção muito mais ampla do que o individuo, de ſua natureza tranſitorio e limitadiſſimo; mas d'aqui a concluir que o eſforço individual exerce ſempre influencia minima nos factos ſociaes é grande a diſtancia, e não me parece que a philoſophia e a hiſtoria abonem tal illação.

Enſina a philoſophia, e moſtra a hiſtoria, que a vida da humanidade é uma lucta inceſſante entre a liberdade e a fatalidade. A fatalidade é a condição inferior da natureza, a liberdade é o ſublime attributo do homem. Por iſſo devem os phenomenos ſociaes ſer eſtudados no ponto de viſta da liberdade, não no ponto de viſta da fatalidade. De outra fórma falſeia-ſe a hiſtoria,

contradiz-ſe a philoſophia, e edifica-ſe neceſſariamente o erro.

Ora a doutrina do ſr. D. Antonio da Coſta leva-nos logicamente ao fataliſmo em hiſtoria. Por mais largo abuſo que ſe faça das palavras, não ſerá poſſivel demonſtrar que a humanidade tem conſciencia propria, diſtincta da conſciencia de todos os homens, que tem intelligencia ſua, e por tanto que procede livremente. Logo, tudo quanto ſe ſubtrahe á acção particular e intelligente do individuo, para o attribuir á acção anonyma e cega da humanidade ſae da eſphera da liberdade para entrar nos dominios da fatalidade.

A acção da humanidade, qual a revela a hiſtoria, é o reſultado dos eſforços particulares dos homens; mas a combinação das energias individuaes, umas com outras, no tempo e no eſpaço, dá logar a factos de ordem ſuperior, que nos apparecem com um caracter particularmente generico, e dos quaes ſe póde dizer que ſão creações da humanidade. Não deve porém eſquecer que todos os ſeus elementos reſultam da acção ſingular dos individuos, reſtituindo-ſe a eſta a primazia de que a pretende deſtituir a eſcola fataliſta.

O erro dos fataliſtas procede, a meu ver, de olharem mais para os reſultados do que para as acções particulares conſideradas em ſi meſmas e no ſeu alcance virtual. Quem eſtuda os grandes

phenomenos hiſtoricos, e os compara com o homem pequeno que ſomos, é naturalmente levado a negar que exiſta relação directa e ſufficiente entre tal cauſa e tal effeito; mas, ſe paſſar d'eſſe eſtudo ao exame profundo das forças individuaes, que tão inefficazes lhe pareciam á primeira viſta, a ſua opinião ha de modificar-ſe. A força de que diſpõe o homem iſolado é limitadiſſima, mas o homem ſocial eſtá em condições diverſas. Succede, e não raro, que uma e muitas e milhares e milhões de vontades ſe aggregam a outra mais poderoſa do que qualquer d'ellas, e ſe lhe ſubordinam, augmentando d'eſta fórma prodigioſamente a força da ſua acção. Eis como ſe formam eſſas grandes perſonalidades hiſtoricas que influem do modo mais deciſivo na vida das ſociedades. Que eſſa influencia ſeja ſempre logica, que ſeja ſempre benefica, não ſe pode demonſtrar. Para que aſſim aconteceſſe era miſter que a força eſtiveſſe ſempre pelo lado do direito. Mas todos nós ſabemos que os homens ſão ſuſceptiveis de cair em erro, que alguns deſejam a iniquidade, e que eſſes muitas vezes prevalecem.

Por todas eſtas conſiderações, rejeito em theſe a propoſição do ſr. D. Antonio da Coſta, e, ſe a rejeito no ſentido generico em que primeiro apparece, por não menos inaceitavel a tenho quando applicada ao exemplo por elle eſcolhido.

III

Creio que um homem eminente pode abalar uma inſtituição cimentada com ſolidez, mas abſtenho-me de diſcutir eſte ponto, porque eſtou diſpoſto a reconhecer que a inſtituição romana não eſtava, no oitavo ſeculo, em taes circumſtancias. Conteſto porém que a decadencia da republica foſſe tal como a pinta o ſr. D. Antonio da Coſta, e tenho a meu favor uma razão concludente. Uma inſtituição moribunda não inſpira a ninguem o amor, a dedicação, a paixão do ſacrificio, que a inſtituição romana ſoube inſpirar, nos ſeus ultimos dias, aos milhares de cidadãos que succumbiram em ſua defeſa nos immenſos campos de batalha de Pharſalia, de Thapſo, de Munda e de Philippes. Para alguem dar a vida pela manutenção de certa fórma politica, é preciſo que a eſſa fórma ſe ligue intimamente a idéa das duas ſupremas divindades do cidadão, a patria

e a liberdade. Quando aſſim não é, quando as neceſſidades ſociaes exigem imperioſamente uma evolução ou uma revolução, a fórma condemnada pode encontrar alguns fanaticos, pode ſuſcitar alguns martyres, mas não conſegue levantar em ſua defeſa um povo inteiro, ſobretudo quando eſſe povo é como o povo romano.

Poderão dizer-me que o povo romano eſtava com Ceſar. Mas quem o diſſer engana-ſe. A populaça de Roma, ſentina das nações, os libertos, os eſtrangeiros ambicioſos de honras e direitos, os homens perdidos de todas as parcialidades, n'uma palavra, todos aquelles que podiam lucrar com a dominação de um ſó homem, formaram a devota cohorte pretoria de Ceſar, e o terrivel exercito que deſtruiu todas as reſiſtencias. Mas qual teria ſido a acção d'eſtes elementos deſconnexos, ſe lhes tiveſſe faltado o genio univerſal e a vontade poderoſa d'eſſe homem extraordinario, que, ainda aſſim, eſteve, por mais de uma vez, elle e os ſeus, a dois paſſos da ruina? De nenhum effeito, no tempo em que Ceſar fez d'ella o que todos ſabemos.

Nas ſociedades antigas, e ainda, poſto que em grau menor, nas modernas, apparece o povo como uma entidade diſtincta da maſſa da nação. O povo romano era o grupo de homens da communidade romana que tinha participação no governo da patria. Ora eſte grupo não abrangia,

nem podia abranger, a totalidade dos membros da aſſociação. Os verdadeiros cidadãos, e d'eſtes os melhores, eſſas grandes almas, com as quaes, após vinte ſeculos, convivemos ainda, cheios de admiração pelas ſuas raras virtudes, e de compaixão pelo ſeu tragico deſtino, foram os inabalaveis defenſores da liberdade e do direito. Se algum d'elles, Pompeu, por exemplo, pode com juſtiça ſer notado de ambicioſo, a maior parte foram guiados unicamente pelos mais ſantos principios. Nem ſe comprehenderia o contrario. As eſperanças que o caracter, os precedentes e os projectos de Ceſar faziam conceber aos ſeus partidarios, não as podia inſpirar a ninguem o feliz vencedor de Sertorio e de Mithridates, cuja incapacidade para as coiſas grandes era n'aquelle tempo notoria. Não podia por tanto deixar de ſer differente o motivo que levou tantos homens illuſtres ao campo de Pompeu. Sem illuſões ácerca da probidade politica do ſeu cheſe, e por tanto ſempre de ſobreaviſo, entendiam que era dever ſeu preſtar o neceſſario auxilio ao homem que os poderes legaes tinham eſcolhido para defenſor da patria, e cujos projectos, quaeſquer que foſſem, não poderiam, ainda no caſo da mais completa victoria, conſtituir um perigo nacional.

Os Pompeianos eram inconteſtavelmente a melhor parte da ſociedade romana. A ſua dedicação

moſtra que a decadencia não era tão irreparavel como julga, com outros, o ſr. D. Antonio da Coſta. Quando uma ſociedade conta no ſeu gremio homens d'aquella ordem, e, de mais, quando eſſa ſociedade acaba apenas de chegar ao primeiro periodo da virilidade ſcientifica e litteraria, e já apparecem obras como o poema de Lucrecio, os *Commentarios,* o *Jugurtha,* a *Miloniana,* quando nas aſſembléas politicas rugem as *Catilinarias,* e no foro judicial as immortaes *Verrinas,* não é juſto, não é philoſophico, affirmar que eſſes homens, eſſes cidadãos, eſſes poetas, eſſes oradores, eſtavam, pela natureza das coiſas, irremiſſivelmente votados á eſcravidão.

Agora, como contraprova, indaguemos quem eram os amigos de Ceſar. Amigos politicos, quero eu dizer, porque, segundo já obſervou o illuſtre auctor da *Hiſtoria romana em Roma*, Ceſar nunca teve de outros. Quem eram eſſes partidarios que o acompanharam nas ſuas criminoſas expedições, colheram os fructos das ſuas victorias, e lhe herdaram o poder? Reuniu-ſe porventura a Ceſar, antes de Pharſalia, algum cidadão juſtamente nomeado, cuja memoria mereceſſe eſcapar ao eſquecimento, para atteſtar a juſtiça d'aquella cauſa? Nenhum, que eu ſaiba. Os Ciceros, os Catões, os Brutos, os Favonios, os Caſſios, os Labienos, os Bibulos, os Marcellos, todos eſtavam no campo de Pompeu. Em redor

de Cefar os perfonagens mais confpicuos são Antonio e Lepido, os homens do triumvirato e das profcripções; Curião, devaffo elegante; Salluftio, hiftoriador de genio, moralifta hypocrita, concuffionario defcarado; Dolabella e Cornificio, perdidos como Curião, fem as fuas diftinctas qualidades; Celio finalmente, o mais eloquente, o mais culto e o mais ambiciofo dos moços romanos, cujo efpirito delicado não pôde supportar por muito tempo as ignominias da fervidão, e que fuccumbiu obscuramente n'uma infenfata tentativa de revolta, quando era capaz de exercer os mais elevados cargos da republica. Com eftes, o banqueiro Balbo, o general Hirtius, epicureo pratico, e outros cujo nome fó os eruditos conhecem.

Comparem-fe os dois grupos, e veja-fe de que lado eftavam os homens de bem. Mas não bafta porventura efta confideração? Será precifo que uma razão fuperior santifique a caufa dos adverfarios de Cefar? Supponhamos que affim é. Quem nol-a vae indicar é o fr. D. Antonio da Cofta.

Diz-nos elle, quando faz a enumeração dos partidos, que o partido tradicional perfonificado em Catão era o partido da legitimidade. Não lhe erra o nome. Mas que significa, na sua intenção, a palavra *legitimidade?* Sem duvida o mefmo que *direito*. Logo o partido de Catão era o

partido do direito. Mais alto juizo ninguem d'elle poderia formar.

Mas, accrescenta o fr. D. Antonio, esse partido «era o symbolo apenas do passado já impossivel.» Não sei como se pode affirmar isto. Os partidos conservadores nunca padeceram em Roma da molestia que padecem os seus modernos successores; nunca preconisaram a immobilidade politica. O fr. D. Antonio sabe-o melhor do que eu. Os Romanos foram sempre essencialmente politicos, e, como a sua vida nacional interior foi uma lucta pegada de pretensões, de resistencias e de transacções, ninguem soube ainda tão bem como elles até que ponto se deve ir no caminho da reacção, e quando é necessario parar. O seu procedimento n'essas pelejas memoraveis é a eterna admiração dos seculos. Os partidos conservadores transigiram, sempre que a transacção foi necessaria, isto é, sempre que as pretensões dos seus contrarios se apresentaram com manifesto caracter de justiça e opportunidade. Que o não fizessem de bom grado, bem se pode suppor; mas é certo que a cidade não teve nunca que deplorar as consequencias da resistencia cega e absoluta.

Não ha fundamento para attribuir ao partido de Catão menos intelligencia das necessidades publicas, e menos patriotismo, do que aos antigos partidos conservadores. Catão era, não só uma

conſciencia altiſſima, mas um eſpirito muito perſpicaz e muito eſclarecido. Não é eſta a idéa que geralmente ſe fórma d'elle, mas é a verdadeira. Leia-ſe a ſua vida em Plutarcho, leia-ſe a ſua correſpondencia em Cicero, releia-ſe o admiravel diſcurſo que Salluſtio lhe attribue no *Catilina,* e ter-ſe-ha do ſeu caracter e do ſeu engenho uma noção exacta. Como havemos de ſuppor que elle pretendeſſe conſervar o eſtado n'uma immobilidade impoſſivel?

A verdade é que Roma tinha pactuado sempre com as circumſtancias e com as neceſſidades. Não muitos annos antes da revolução ceſarea tinha-ſe dado um facto que comprova ſatiſfatoriamente a minha aſſerção. A guerra ſocial, motivada pela pretenſão que tinham os Italiotas a entrar no gremio da cidade romana, decidiu-ſe duas vezes contra elles, já quando pelejaram contra Roma unida, já quando auxiliaram contra Sylla as partes Marianas. Ora o reſultado das victorias romanas foi nem mais nem menos do que obterem os vencidos o que pretendiam. Aſſim procediam em Roma os partidos conſervadores.

Crê o ſr. D. Antonio da Coſta que a fórma do governo de Roma devia ſer modificada. N'eſte ponto eſtamos concordes. A fórma imaginada para a cidade latina, e applicada depois com tão maravilhoſa induſtria ao governo de tantas e tão grandes nações, tinha cumprido os ſeus deſtinos.

Mas, em quanto me não provarem que a modificação neceſſaria não podia realiſar-ſe ſem que pereceſſe a liberdade, hei de conſervar a firme crença de que os grandes republicanos luctaram por uma cauſa, não ſó juſta e ſagrada, mas digna do triumpho e capaz de o alcançar. Não nos deixemos deſlumbrar pela victoria, e conſideremos que homem era Ceſar. Porque uma cauſa ſuccumbiu ao eſforço de um homem extraordinario, qual elle era, auxiliado por um inſtrumento admiravel, o exercito das Gallias e a legião innumera dos perdidos de Roma, e porque, morto o ſeu mais poderoſo inimigo, não logrou melhor fortuna, não devemos concluir que eſſa cauſa eſtava irremediavelmente votada á perdição. Nos acontecimentos politicos, pequeniſſimos accidentes illudem muitas vezes as mais ſeguras previſões e as mais generoſas eſperanças. Se as dimenſões do nariz de Cleopatra foram, ſegundo dizia Pascal, um facto de primeira ordem nos deſtinos do mundo, que influencia não devia exercer, n'uma época de profunda perturbação ſocial, o genio de Ceſar?

Por tanto, nem a revolução ceſarea era uma neceſſidade incontraſtavel, nem a humilhação do partido republicano por Auguſto prova a impotencia d'eſſe partido. Sem homens baldada ſerá a reſiſtencia. Ora os republicanos convictos acabaram ás mãos dos oppreſſores da ſua patria

n'eſſas ſublimes jornadas que immortaliſaram o ſeu nome, e foi ſobre os ſeus cadaveres que ſe fundou o edificio do imperio. A geração nova, criada ſem o exemplo da liberdade, aprendeu facilmente a dobrar o collo á tyrannia que ſe lhe apreſentava com as preſtigioſas apparencias da paz, da boa adminiſtração e da gloria do nome romano; mas, ainda aſſim, era tão pura e tão viva a chamma patriotica que ardia no peito dos vencidos, que um dos ſeus raios divinos foi abrazar, nos tempos do deſpotiſmo, o coração de Thraſeas e a intelligencia de Tacito. Sob o tyrannico jugo de Nero e no benefico principado de Trajano, as conſciencias rectas proteſtaram ſempre. Que mais é preciſo para juſtificar a cauſa que ſe decidiu em Philippes? Perante a hiſtoria os vencidos ſão os vencedores.

IV

Pareceu-me conveniente inſiſtir nos prolegomenos do livro do ſr. D. Antonio da Coſta, attenta a ſua importancia. No ponto capital, diſſentimos, elle e eu, radicalmente; e, coiſa ſingular, ao paſſo que o ſr. D. Antonio, aceitando a monarchia abſoluta como uma neceſſidade, julga o eſtado do povo romano, nos ſeculos em que ella dominou, com deſpiedado rigor, eu, que eſtou muito longe de admittir as doutrinas fataliſtas, inclino-me á indulgencia, e, muitas vezes, quando eſtudo eſſes tempos, ſinto-me poſſuido de admiração. É facil proferir a palavra *decadencia,* mas o ſr. D. Antonio ha de conceder-me que uma decadencia que leva quinze ſeculos a deſtruir um eſtado é uma decadencia reſpeitavel e muito digna de que ſe lhe dê outro nome. Ora, ſe a chronologia não engana, a batalha de Philippes foi pelejada antes do naſcimento de Chriſ-

to, e a tomada de Conſtantinopla pelos Turcos tem a data de 1453. N'eſſes quinze ſeculos revoltos, o imperio romano edificou, pelas armas, pelas lettras, pelo direito e pela religião, uma obra admiravel, a maior de quantas a hiſtoria commemora. Os monumentos e os veſtigios d'eſſa creação, o *Corpus Juris,* a Egreja victorioſa, a hereſia vencida, o Pantheon, o Colyſeu e Santa-Sophia, os Germanos civiliſados, os Hunos deſtruidos, a barbaria oriental repellida pelas heroicas muralhas de Conſtantinopla durante o periodo anguſtioſo dos progreſſos do iſlamiſmo, os modernos iniciados nos maravilhosos exemplos da arte e da litteratura claſſica, e ſobretudo eſſas auguſtas creaturas, que ſão a eterna honra e a ineffavel conſolação da humanidade, Antonino, Marco Aurelio, Theodoſio, S. Ambroſio, S. Jeronymo, Paula, S. Severino, Boecio e João Comneno, atteſtam glorioſamente o que ella foi e o que lhe devemos. Por tanto, e ſerá eſta a concluſão, perſiſto em crer que os homens dos ultimos tempos da republica eram dignos de viver livres, e, como não poſſo duvidar dos beneficios da liberdade, tenho para mim que, por muito grandes que foſſem os ſerviços que o imperio romano preſtou, maiores teria preſtado a republica univerſal. Sem preoccupação alguma ácerca das fórmas de governo, procurando ſómente, quando eſtudo eſtas coiſas, onde eſtá a legitimi-

dade, furto-me ſempre com o mais eſcrupuloſo cuidado ás concluſões da escola hiſtorica fataliſta, cujos principios ſão adoptados pelo ſr. D. Antonio na ſua theoria da quéda da republica romana; e creio que o diſtincto eſcriptor, ſe attentar bem nas conſequencias naturaes d'eſſes principios, ha de ſentir por elles a repugnancia que merecem. A verdade hiſtorica não pode ſer contraria á verdade moral.

Não me levem a mal os amigos litterarios do ſr. D. Antonio da Coſta a liberdade e a franqueza com que apreſento a minha opinião. Entre os amigos deſconhecidos eſtou eu tambem. Mas a critica não pode ſer condeſcendente, ſem contrariar a ſua propria natureza. A ſinceridade do louvor prova-ſe com a iſenção da cenſura. Se o livro do ſr. D. Antonio não déſſe logar a reparos, eſcuſado era eſte artigo. Para cartaz baſta o nome do auctor. Mas, por iſſo meſmo que o livro tem grande merito, cumpre aprecial-o rigoroſamente. O ſr. D. Antonio não preciſa de ſer animado; não é eſcriptor biſonho que ſe arrufe com as rudezas da critica, nem eſpirito auctoritario que ſe irrite com a contradicção. Os ſeus livros revelam-n'o muito liberal e muito cortez. Ora, como eu ſó trato aqui das opiniões e dos juizos do eſcriptor, ſem trazer o homem á eſtacada da critica, eſpero que as minhas duvi-

das lhe hão de parecer uma prova de que tenho o ſeu livro na maior conſideração, e de que deſejo aſſociar-me, quanto em mim cabe, ao grande penſamento que lh'o inſpirou, forcejando por chegar á verdade n'um ponto eſſencial em que as ſuas razões eſtão longe de me parecer concludentes.

1873.

AS OBRAS

DE

PROSPER MÉRIMÉE

AS OBRAS

DE

PROSPER MÉRIMÉE[1]

I

A litteratura franceza é populariſſima em Portugal. Poemas, romances, theatro, hiſtoria, critica, tudo lemos e relemos com notavel e deſculpavel ſoffreguidão.

Diſſe *deſculpavel*. Devia ter dito *louvavel*. A litteratura antiga e moderna de Portugal eſcaſſamente poderia ſatiſſazer ás neceſſidades intellectuaes de tantos homens que eſtudam, e ás neceſſidades *intellectuaes* tambem de tantiſſimos a quem as lettras ſervem de mera diſtracção. Os antigos, além d'aquellas onde ſe lê o nome fulgurante de Luiz de Camões e mais alguns que ſão outros tantos aſtros no ceo da noſſa patria,

[1] Eſte artigo foi eſcripto e publicado n'um jornal poucos mezes antes da morte de Proſper Mérimée.

ſó nos legaram obras valioſas pela linguagem, pelo eſtylo ou pelas noticias que n'ellas ſe conteem. São eſtas as qualidades que tornam uma compoſição litteraria intereſſante para todos os tempos? Quer-me parecer que não.

As obras duraveis ſão as que naſcem marcadas com o ſello de uma grande ſuperioridade poetica, porque deſpertam e hão de deſpertar ſempre no eſpirito dos que as contemplam a idéa divina do bello, e as que apreſentam tal caracter de univerſalidade, que as torna coſmopolitas, e por tanto dignas de ſer conſultadas pelos homens de todas as edades.

N'eſtas circumſtancias ſe acham para nós os monumentos da antiguidade grega e romana. Os Gregos e os Romanos pertencem á hiſtoria; os ſeus herdeiros ſomos nós todos, povos da Europa, em primeiro logar os do Occidente, e n'eſtes principalmente os da raça latina. Por mais que hoje ſe empenhem eruditos e poetas na louvavel tarefa de reconſtruir a lingua grega, e com ella a nacionalidade hellenica, por mais puro latim que na actualidade ſe poſſa eſcrever em Roma, ninguem nos conteſtará a gloriofa procedencia, ninguem ouſará proteſtar contra as noſſas legitimas pretenſões. Somos Gregos e Romanos na litteratura, na philoſophia, nas artes, nas inſtituições; é por iſſo que a litteratura grega e romana tem para nós uma importancia que não

podem ter as litteraturas contemporaneas dos outros povos do Europa. Em todas eſtas revela-ſe mais ou menos ſinceramente o caracter nacional; ora o que nós queremos encontrar nas obras eſtranhas á noſſa nacionalidade é exactamente o contrario; é o caracter univerſal, o coſmopolitiſmo.

Nenhuma litteratura pode competir, a eſte reſpeito, com a litteratura grega e romana; mas, rechaçadas n'um ponto, as modernas aggridem n'outro, e com vantagem. Para penetrar nas litteraturas antigas exige-ſe muito eſtudo, não pouca intelligencia e conſtancia, o conhecimento de uma lingua difficil, de outra difficilima, emfim todos os eſforços neceſſarios para reviver pelo penſamento dezenove, vinte, vinte e cinco ſeculos atraz.

São delicioſos os fructos d'eſtas diligencias; ninguem que os tenha colhido ſe atreve a deſdenhar d'elles: ſão o fructo do *lotos*. Mas quantos ſe propõem conquiſtal-os á cuſta de tantos lavores? Poucos, e não admira, nem é de eſtranhar.

A moderna litteratura portugueza é, a muitos reſpeitos, digna de louvor. No pequeno quadro de livros bons que a exiguidade da noſſa população nos conſentiu que produziſſemos durante os ſetenta annos d'eſte ſeculo, alguns ha que merecem ſer equiparados ás melhores producções

das litteraturas eſtranhas. *D. Branca* e *Camões* ſão flores ineſtimaveis, de tal belleza e fragrancia como ſe não encontram outras facilmente nos jardins de Italia, de França e de Inglaterra. O *Fr. Luiz de Souſa* marca, com o *Carmagnola* e o *Adelchi* de Manzoni, o ponto culminante do theatro moderno. No romance hiſtorico, a patria de Alexandre Herculano, de Garrett, de Rebello da Silva, de Mendes Leal, de Andrade Corvo, não cede a palma senão á grande Inglaterra, não digo bem, ſó a cede ao meſtre dos meſtres, a Walter Scott. *Henry Eſmond, Cinq-Mars, Noſſa Senhora de Paris,* a *Chronica do reinado de Carlos* IX, os *Noivos,* ſão obras de merito extraordinario; mas nenhum paiz ſe pode orgulhar de ter produzido, n'eſte genero, tantas e tão boas narrações como eſſas que ſe intitulam o *Arco de Sant'Anna,* o *Monge de Ciſter,* a *Mocidade de D. João* V, *Um Anno na côrte,* os *Moſqueteiros d'Africa,* o *Balio de Leça.*

Na hiſtoria, o nome do ſr. Alexandre Herculano é-nos um glorioſo brazão; na poeſia lyrica, a noſſa fórma predilecta, não faltam cultores nem obras primas; na interpretação dos poetas eſtranhos, temos um artiſta que é uma excepção maravilhoſa, o ſr. Castilho; emfim a critica, a hiſtoria, a poeſia, o romance dos ultimos tempos, teem-nos revelado nomes taes como os de Silva Gayo, Thomaz Ribeiro, Pinheiro

Chagas, e outros que ſeria longo e é inutil enumerar aqui.

Eſtas riquezas eram, porém, inſufficientes; cumpria recorrer aos theſouros eſtranhos. Aſſim fizemos e ſeduziram-nos principalmente as opulentas minas e os habeis artiſtas da França.

Fallando com mais exactidão, as joias francezas é que vieram ter comnosco. Procurar quem as queira é uma das ſuas naturaes propriedades. Tanto ſe eſquivam e diſſimulam as dos paizes inſulares e transrhenanos, quanto eſtas ſe aviſinham, ſe moſtram, ſe offerecem. Ás vezes até chegam a ſer importunas.

Embora. São bellas, ſcintillantes, de ſummo valor, e mais raras do que geralmente ſe ſuppõe. São raras as joias. As pedras que as imitam ſão vulgares, e fingem tão bem, e os impostores ſabem compor tão habilmente um adereço de pedras boas e falſas, que muitos, aliás experimentados, ſe enganam a miudo.

Deixemos a allegoria. A litteratura franceza antiga e moderna, a primeira ainda mais que a ſegunda, ſubſtituiu, nos eſtudos de quaſi todos os povos da Europa, a litteratura grega e a litteratura latina; tornou-ſe uma litteratura internacional, e como tal predominante. Deve eſta rara fortuna ás excellentes qualidades da ſua lingua, excellentes ſobretudo para os eſtrangeiros, —o que não é claro não é francez,—e ás não

menos excellentes qualidades dos ſeus grandes eſcriptores, á amplidão intellectual e á generoſidade que os caracteriſa, de Montaigne a Voltaire, de Fénelon a Chateaubriand, de Monteſquieu a Tocqueville. Os modernos livros francezes que nós mais familiarmente conhecemos pertencem á chamada litteratura de imaginação, romances, poeſias, dramas. Eſta claſſe é vaſta; encontra-ſe ahi muito e muito bom que eſcolher; mas em Portugal temos ido em geral ao peor.

Ha nomes que a ſua reputação europea impõe á admiração de todos. Cá chegaram os de Victor Hugo, de Lamartine, de Alfred de Muſſet. Temos-lhe pago, pagamos, e continuaremos a pagar, o merecido tributo. Mas, perguntarei, ſão ſó eſſes os grandes poetas da França no ſeculo actual? Não haverá outros, eguaes a muitos reſpeitos, em alguns pontos ſuperiores? Ha, mas Portugal conhece pouco Alfred de Vigny, pouquiſſimo Victor de Laprade e Sainte-Beuve, nada, abſolutamente nada, Auguſte Brizeux e Auguſte Barbier.

Não pretendo collocar todos eſtes nomes a par d'aquelles que primeiro eſcrevi; ſó um poderá com justiça reclamar eſſa honra; é o de Alfred de Vigny, o auctor d'*Eloa*, de *Moiſés*, de *Dolorida;* mas os *Idyllios heroicos* e *Pernette*, de Victor de Laprade, o *Pianto*, de Barbier, *Maria*, os *Bretões*, de Brizeux, e, mais que todos eſtes,

pela viva expreſſão das moleſtias moraes proprias do noſſo ſeculo, as *Conſolações,* de Sainte-Beuve, merecem que os examinemos e eſtudemos. Por minha parte, não duvido affirmar que d'eſſe eſtudo reſultariam effeitos mais proficuos do que da eterna repetição das obras de Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Muſſet.

Eſta aſſerção é ineſperada; convém que expenha as minhas razões. Ninguem lê com maior admiração e mais viva ſympathia do que eu as *Folhas do outomno,* as *Harmonias,* as *Noites,* e a *Carta a Lamartine.* Comtudo Victor Hugo perdeu-ſe, como o Satanaz de Milton, por um deſmeſurado orgulho, que o ſeu viver de vinte annos a eſta parte tem augmentado e vae augmentando todos os dias. Lamartine fugiu para a politica, para a hiſtoria improviſada, para a critica litteraria de imaginação; de ſorte que, depois do *Jocelyn,* onde avultam mais os ſeus defeitos de todos os tempos, compenſados porém pela magnitude da compoſição, pela ſublimidade dos penſamentos, e pela incomparavel formoſura do eſtylo, depois de *Jocelyn,* as ſuas paginas poeticas contam-ſe, ſalvam-ſe com difficuldade, do pelago de banalidades em que as afunda e eſconde uma fada malicioſa.

Alfred de Muſſet, logo abaixo de Byron o poeta mais poeta do ſeculo, e o mais deſgraçado (vem a ſer o meſmo), depois de ſe ter eſtreado como

poucos acabam, acabou, finou-ſe intellectualmente antes da edade das obras vigoroſas; uma boa parte da collecção dos seus poemas deſperta em nós as triſtes reflexões que nos aſſaltam ao lermos a *Quéda de um anjo,* os *Raios e as ſombras* e as *Canções das ruas e dos bosques.* O genio transviado e extenuado é um dos mais doloroſos eſpectaculos que ao homem é dado conſiderar; eſte doloroſo eſpectaculo, mal de nós, baſtantes vezes nol-o offerece a poetica trindade, Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Muſſet.

Com os outros poetas cujos nomes citei não ſuccede outro tanto. Nenhum, a não ſer Alfred de Vigny, chegou a ſer popular; e, ainda aſſim, eſte tornou-ſe conhecido principalmente pelo ſeu romance *Cinq-Mars,* obra inferior ás ſuas producções anteriores. Sainte-Beuve ganhou a gloria á lançada viva, e por vezes traiçoeira, na eſtacada da critica; Victor de Laprade não ouviu o ſeu nome repetido por todos os eccos da França ſenão depois que fez da lyra um chicote, e azorragou ſem piedade os miſeraveis que deſhonram a ſua patria.

Barbier teve um momento de immenſa popularidade. Infelizmente, eſſa popularidade não era fundada n'uma judicioſa apreciação do merito litterario dos ſeus *Jambos.* Os vencidos de 1830, os deſilludidos, os zombadores, que nunca faltam

em França, e com eſtes todos algum verdadeiro entendedor, applaudiram o vigor, a certeza, a diabolica habilidade do moço poeta, em quanto o viram marcar com o ferro em braza a fronte dos ignobeis vencedores. Mas quando o poeta, deſprezando a facil gloria da ſatyra, ſe voltou para a contemplação do ideal, e para a interpretação da realidade, o ſilencio envolveu o ſeu nome.

Brizeux nem eſſes rapidos momentos de celebridade inebriante pôde obter. O deſgraçado auctor de *Maria,* da *Flor d'oiro,* dos *Bretões,* das *Hiſtorias poeticas,* morreu, como tinha vivido, quaſi excluſivamente conhecido dos homens de lettras.

Ora a popularidade legitima, a gloria, é o maior dos bens para o homem, mas quaſi ſempre influe perniciosamente ſobre o poeta. Quem chega a eſſas alturas vertiginoſas perde a cabeça, e para que os pés lhe não reſvalem no abyſmo, ſegura-ſe a qualquer tronco, por diſforme que ſeja, a qualquer ſaliencia de penedia, por mais rude que ſe lhe revele o ſeu contacto. Pelo contrario, os poetas a quem as ſummas alegrias foram negadas, quando Deus lhes deu uma verdadeira alma de poeta, alada e todavia preſa á terra por laços indeſtructiveis, eſſes perſeveram, luctam e vencem... depois de mortos.

Eis o motivo por que eu julgo conveniente que

nos relacionemos com eſſes que não ouſo chamar *poetae minores,* mas que ſão entre nós pouco conhecidos. Ahi não ha deſvairamento, nem deſlumbramento, nem deſcuidos, nem pretenſões ridiculas, nem extenuação. Tudo ſão conſelhos ſeguros, tanto as victorias como as derrotas, porque o artiſta nunca ſe deſampara.

Aſſim como o ſeu renome europeu nos tem feito conhecidos alguns dos maiores poetas da França, os nomes de alguns dos seus grandes narradores ſão-nos tambem familiares. George Sand e Balzac ſão admirados entre nós como os corypheus do romance moderno; comtudo poucas obras ſuas correm em portuguez, e os originaes não ſão dos livros que mais frequentemente apparecem nas mãos de quem é capaz de os entender.

Nos tempos mythologicos da *Ipſiboé,* do *S. Clair das ilhas* e do *Cego da fonte de Santa Catharina,* romances dos quaes Deus me livre de dizer mal, a mim que em menino lhes devi tantas horas delicioſas, Alexandre Dumas e Eugène Sue, Frédéric Soulié e Paul de Kock invadiram Portugal. A victoria foi prompta e imbelle, porque os noſſos velhos auctores cederam o campo facilmente. Os invaſores não ſe contentaram de aſſentar as ſuas tendas no noſſo territorio; ſeduzidos pela amabilidade dos vencidos, deram-ſe logo á conſtrucção de monumentaes palacios e caſtellos, pouco elegantes, mas ſolidos, eſpaçoſos

e commodos, onde por largos annos diffructaram em paz a ſua conquiſta.

Peſado foi o ſeu jugo, mas, diz o proverbio, *atraz de mim virá quem bom me fará*. Hoje, que nós, Portuguezes, humildes ſubditos do viſconde Ponſon du Terrail, levamos o abatimento a ponto de quaſi nos orgulharmos da noſſa ſujeição, hoje, que todos os jornaes publicam em folhetim os romances do fecundiſſimo viſconde, e que as ſuas obras atulham, tanto no original como em verſões, as caſas dos livreiros, ſeja-me licito recordar com ſaudade o tempo em que o noſſo enthuſiaſmo por eſte genero de litteratura nos levava ás vezes a eſcriptores taes como Méry e Léon Gozlan, Paul Féval e Emmanuel Gonzalès, os quaes ao menos, como o Alexandre Dumas e o Frédéric Soulié dos melhores dias, ſabiam o que é e o que vale um bom livro, e cujos trabalhos *litterarios* foram mais de uma vez muito bem ſuccedidos.

Comtudo nem uns nem outros ſão os bons romanciſtas da França. Os Francezes, que tambem peccaram n'eſte ponto, ſabem-n'o hoje e reconhecem-n'o. Creio que os proprios eſcriptores que nós em Portugal admiramos não ſe illudem ácerca do merito real das ſuas obras. A ſua *profiſſão* é rendoſa, por iſſo a exercem. Nós porém perſiſtimos. George Sand e Balzac ſão ſufficientemente notorios. Mas quantos homens ha hoje

em Portugal que conheçam e apreciem Jules Sandeau e Charles de Bernard, Paul de Molènes e Victor Cherbuliez? E Prosper Mérimée, maior que todos estes? E Edmond About, Paul Perret, Amédée Achard? Engano-me. Jules Sandeau foi revelado ao publico portuguez, porque encontrou entre os seus raros admiradores um traductor como o sr. Pinheiro Chagas. Egual fortuna teve Octave Feuillet. Corre tambem na nossa lingua alguma coisa de Edmond About e de Amédée Achard. Mas a maior parte dos escriptores acima apontados são para quasi todos os leitores portuguezes nomes e nada mais. Alguns nem isso.

Proponho-me fallar do mais illustre, de um escriptor que é ao mesmo tempo romancista, poeta dramatico, critico, historiador, antiquario, que em todas estas provincias litterarias tem ganho logar distincto, e que na do romance não vê ninguem acima e poucos ao lado. Este quasi desconhecido em Portugal é Prosper Mérimée, o auctor de *Colomba*.

II

As obras de Proſper Mérimée dividem-ſe chronologicamente em tres grupos. De 1825 a 1829, o theatro preoccupa o joven eſcriptor, que adopta para quaſi todas as ſuas compoſições a fórma dramatica. Ao *Theatro de Clara Gazul* ſuccedem a *Jacquerie* e a *Familia de Carvajal*. A *Guzla,* publicada logo em ſeguida a *Clara Gazul,* parece dever collocar-ſe naturalmente em outro grupo, mas, n'eſta compoſição, aſſim como nos epiſodios da *Chronica do reinado de Carlos* IX, que fecha o periodo, a ſimplicidade da concepção, a rapidez do dialogo, a pintura energica dos caracteres, a ſobriedade dos incidentes, tudo revela o poeta dramatico.

A *Chronica* eſtá nas fronteiras dos dois periodos. É uma collecção de pequenos dramas e comedias, alguns apenas eſboçados, outros completos na ſua brevidade, todos caracteriſados pelas qualidades que notámos nas compoſições ante-

riores; não é um romance, porque lhe falta unidade. Comtudo eſta fórma, mais ampla e mais accommodada ao genio moderno, torna-ſe a predilecta do auctor. *Mateo Falcone, Tamango,* o *Vaſo etruſco,* acompanhados em breve de obras de maior folego, taes como as *Almas do purgatorio* e o *Duplo engano,* preparam lentamente a obra incomparavel, a perola do moderno romance francez, *Colomba.*

O anno que viu naſcer eſta maravilha aſſignala-ſe, nos faſtos litterarios de Proſper Mérimée, pelo ingreſſo do eſcriptor em novos dominios. O *Enſaio ſobre a guerra ſocial,* publicado diſcretamente, não expoſto á venda, e ſómente communicado a alguns meſtres e amigos, promette deſde logo á França um hiſtoriador que, ſem perder os ſeus dotes de romanciſta, ſe revela profundo e conſcienciosſo erudito.

No terceiro periodo, accumulam-ſe obras de differentes generos, onde comtudo predomina a tendencia para a hiſtoria e para a erudição. A *Conjuração de Catilina,* a *Hiſtoria de D. Pedro o Juſticeiro,* a *Hiſtoria dos falſos Demetrios,* e, ainda ha poucos annos, os *Coſacos d'outr'ora,* eſtão inconteſtavelmente no primeiro plano. Porém *Carmen* e *Arſène Guillot* provariam a quem d'iſſo duvidaſſe que, em Proſper Mérimée, a erudição não deſtruiu a arte; as *Scenas hiſtoricas* contam-ſe no numero das mais bellas paginas

que teem ſaido da ſua penna; e um conto fantaſtico, publicado em ſetembro de 1869 na *Reviſta dos Dois Mundos, Lokis,* moſtra evidentemente que o poeta perſiſte, não ſó a deſpeito da ſciencia, mas ainda a deſpeito dos annos.

Eſtes trabalhos não ſão porém os unicos que os biographos conſcienciosos de Proſper Mérimée terão que regiſtrar. A ſua actividade intellectual pedia campo mais vaſto para ſe exercer completamente. Attrahido deſde os ſeus primeiros annos para as indagações hiſtoricas, firmado n'eſſes habitos de eſtudo pelos grandes reſultados que d'ahi tinha tirado, o moço eſcriptor encetou, ao lado da ſua carreira litteraria propriamente dita, uma carreira parallela de trabalhos bem diverſos, poſto que relacionados com os primeiros. A critica artiſtica, a que tem conſagrado parte do ſeu tempo, já no deſempenho das ſuas funcções officiaes, já por inclinação propria, não abſorvia de tal fórma as ſuas faculdades de apreciação, que lhe não conſentiſſe frequentes e feliciſſimas excurſões nas provincias da critica litteraria e hiſtorica. Os ſeus enſaios biographicos e criticos ſobre Byron, Cervantes, Grote, Ticknor, Merivale, ſão uma boa amoſtra do que elle poderia ter feito n'eſte genero, ſe a univerſalidade das ſuas aptidões o não diſtraiſſe por tantos caminhos.

Eis o quadro da vida litteraria de Proſper Mérimée. Seria impoſſivel comprehender nos aper-

tados limites de um artigo a apreciação completa de cada uma das ſuas obras. Ser-me-hia a mim ainda mais impoſſivel dar conta de todas ellas com verdadeiro conhecimento de cauſa. Para as avaliar devidamente, requer-ſe, ſe não talento como o ſeu, pelo menos ſaber tão vaſto e tão profundo. Deixando por iſſo o antiquario, direi ſómente, a reſpeito do poeta e do hiſtoriador, o que me offerece a familiaridade em que de ha muito vivo com as ſuas obras, e a verdadeira admiração que me inſpira o ſeu raro talento.

O *Theatro de Clara Gazul* foi publicado ſob a egide de um duplo pſeudonymo. O auctor, receando as conſequencias de uma publicação talvez prematura (tinha então apenas vinte e dois annos) eſcondeu prudentemente o ſeu nome. Comtudo, ſe ha eſtreias que não devam inſpirar receios, *Clara Gazul* é ſem duvida d'eſſas taes. Os pequenos dramas de que ſe compõe a collecção nem de longe denunciam a verdura dos annos do ſeu actor; o penſamento é claro, a expreſſão preciſa, a acção o mais rapida e o mais franca poſſivel. Não merecem todos louvores eguaes. Alguns ha que ſão apenas eſboços, mas, tanto n'eſtes como nos dois mais importantes, os *Heſpanhoes na Dinamarca* e *Inès Mendo,* a ſimplicidade do plano, o deſenvolvimento logico dos caracteres, a verdade dos factos, tudo provoca a noſſa admiração.

Os *Hefpanhoes na Dinamarca* indicam no auctor rara independencia de efpirito. Tomar por heroina uma mulher que a defgraça levou a exercer o trifte officio de efpia não é idéa que occorra naturalmente a um mancebo. Comtudo Profper Mérimée fabia que a poefia refide em todos os factos da vida humana; o trabalho do poeta confifte em obfervar, em generalifar, em efcolher. Nos corações mais depravados, nas mais abjectas fituações, ha uma coifa que perfifte fempre; é a individualidade humana, capaz de amor, de facrificio, de abnegação. Quanto maiores fão os obftaculos que fe oppõem ao defenvolvimento da parte divina do noffo fer, tanto mais vivo é o intereffe que em nós excita o efpectaculo d'effa lucta. Mas, como todos os homens fomos, por condição, limitados, pequenos, cheios de contradicções e de fraquezas, a verdade fuperior fó pode fer obtida por meio da abftracção. Cumpre que o poeta, fundando-fe na obfervação e na hiftoria, que é a obfervação do paffado, deftaque do contingente o neceffario, do accidente o effencial. De outra fórma, poderá furprehender a noffa fenfibilidade, nunca mover profundamente o noffo coração. Quando uma obra de arte nos faz chorar, a caufa das noffas lagrimas fão as noffas proprias miferias que vemos nas alheias; o que excita a noffa admiração, o noffo enthufiafmo, é a grandeza, a magnanimidade de

que cada um de nós ſe ſente capaz; as noſſas indignações ſão levantadas pelos actos que, em rapidas e ſiniſtras apparições, nos teem por vezes enluctado e como que enodoado a mente: n'uma palavra, o que commove o homem é a paixão humana, é o homem.

O proceſſo acima indicado é a funcção da imaginação. A *folle du logis* não pode crear, no ſentido rigoroſo da palavra. Do nada nada ſe faz. Mas pode conceber o que não exiſte na realidade concreta, e dar por tanto exiſtencia a ſeres de natureza complexa, verdadeiros e todavia impoſſiveis.

Não ſe ſabe qual ſeja a eſthetica de Proſper Mérimée. Ninguem mais diſcreto do que elle. Os ſeus ſegredos ſão verdadeiros ſegredos; não ſe revelam. Mas não ſerá temeraria ouſadia conjecturar que as ſuas idéas não vão longe das que acabo de indicar. Todas as ſuas obras aſſentam n'um eſtudo paciente da realidade; comtudo ninguem que as leia attentamente poderá negar que a imaginação repreſente n'ellas um papel importante. Os ſeus romances e os ſeus dramas, com não ſerem inventados, iſto é, conſtruidos de materiaes proprios, não ſão por iſſo meras anecdotas. Os ſeus caracteres não ſão retratos, ſão typos. As ſuas obſervações exercem-ſe ſobre o mundo real, e vão comtudo além da realidade.

Moſtra iſto que a imaginação pode e deve exercer acção importante no eſtudo e na expoſição da hiſtoria. A hiſtoria não ſão os factos da tradição, é a reſultante, a ſignificação, o ſentido de todos elles. O hiſtoriador conta, mas não conta tudo. Pinta, mas pinta idealiſando, iſto é, eſcolhendo, avultando. Julga, mas julga do alto, com ineſgotavel indulgencia para com os homens, com ſeveridade inflexivel para com os factos. É por iſſo que raras vezes ſe commove. A verdade tem de reſultar do todo da compoſição; de outra fórma, pode-ſe canſar o auctor a indical-a, que nós os leitores ficaremos indifferentes ou incredulos.

A impaſſibilidade, ou antes a complexa e ſincera imparcialidade, é por tanto um dever do hiſtoriador. Não que lhe ſeja prohibido intereſſar-ſe, pronunciar-ſe interiormente por uma idéa, por uma opinião, por um homem, por um partido; mas a ſua obra não deve reſentir-ſe d'eſſas ſympathias. Se aſſim não for, temos um advogado, não um juiz, menos um artiſta.

Ora Proſper Mérimée foi deſde o principio um verdadeiro artiſta. Comprehendia o valor da tradição, eſtudava os modelos, e guardava-ſe cuidadoſamente de os imitar. A ſorte favoreceu-o, trazendo-o ao mundo n'uma época em que o eſpirito humano, canſado de ſe exercer n'um campo ſevera e inflexivelmente demarcado, aſpirava a

expandir-ſe em todos os ſentidos. O eſtudo e a imitação dos grandes poetas modernos era, na apparição do brilhante meteoro romantico, o proceſſo geralmente empregado pelos eſcriptores francezes para attingir á creação da poeſia nova. Eſte proceſſo pode chamar hoje um ſorriſo aos noſſos labios; mas é indubitavel que, ſe a imitação não produziu nem podia produzir reſultados uteis, o conhecimento familiar das litteraturas eſtranhas, menos puras e correctas, mas de mais livre inſpiração do que a litteratura franceza, devia ſer fecundo.

Nos *Heſpanhoes na Dinamarca,* não ha ſombras de imitação. Concepção, execução, tudo é peſſoal, original. A idéa é audaz. De uma parte, um moço official, bravo, generoſo, enthuſiaſta, invocando ardentemente eſſe facto deciſivo na vida de alguns homens, a que ſe dá o nome de amor. Da outra, uma deſditoſa mulher criada na mais criminoſa das profiſſões, alma não pervertida mas quaſi deſhumana, quer dizer, ſubtrahida pela educação e pelos azares da vida ao imperio da lei moral. Encontram-ſe os dois, e mal ſe offerece ao mancebo um enſejo de manifeſtar a grandeza, a generoſidade do ſeu caracter, eis que ſurge o amor, violento, irreſiſtivel, imperioſo, omnipotente, e tão involuntario, tão puro, tão deſintereſſado, de ambas as partes, que, apenas Madame de Coulanges reconhece que não é di-

gna de inſpirar tal ſentimento, quando a ſua conſciencia, acordada emfim, ſe levanta contra a idéa de unir a abjecção á pureza immaculada, D. Juan, e o leitor com elle, eſquecem de repente todas as nodoas do paſſado, e julgam as culpas ſufficientemente expiadas pela profunda humilhação do criminoſo, pelo ſeu arrependimento, pela ſua abnegação: de ſorte que os conſelhos da prudencia vulgar, os dictames da moral inferior, perdem toda a ſua auctoridade, deixando actuar livremente os ſentimentos heroicos que ſão a prova da noſſa divina origem.

Fazer-nos aceitar um deſfecho d'eſtes, tão paradoxal, tão ineſperado, e ao meſmo tempo tão verdadeiramente moral, é de meſtre, evidentemente. Mas, ſe conſiderarmos que o auctor pouco mais tinha de vinte annos quando conſeguiu eſte reſultado, a noſſa admiração ſobe de ponto. Ha aqui, independentemente do talento, alguma coiſa que collabora para o effeito final. Eſſe elemento é, a meu ver, o ſyſtema, iſto é, a obſervação exacta, e a livre interpretação.

A *Jacquerie* foi publicada dois annos depois de *Clara Gazul,* mas não indica progreſſo ſenſivel. Pelo contrario. O penſamento não é indeciſo, a lingua é firme, as diverſas acções intereſſam; mas ſão tudo epiſodios. Acção principal, ſubordinação, unidade, debalde as procurariamos. Ora, ſem unidade não ha drama. A *Fa-*

milia de Carvajal é uma obra muito mais vigorosamente concebida. Mas o assumpto é por tal fórma repugnante, a paixão que gera o drama é tão hedionda e ao mesmo tempo tão excepcional, que o nosso espirito como que se torna indifferente. O auctor é castigado por onde peccara. Procurou a energia n'uma monstruosidade, e o seu talento, aliás admiravel n'esta mal inspirada composição, perde todo o seu imperio sobre nossas almas.

Chegamos ao livro que consagrou a reputação de Mérimée, a *Chronica do reinado de Carlos* IX. É a mais vasta das suas composições poeticas, e uma das mais interessantes. Todavia, como já indiquei, não ha aqui um verdadeiro romance, porque não ha unidade. Os amores de Mergy e Diana de Turgis são um episodio habilmente contado; não chegam a adquirir a importancia de uma acção principal. Os outros episodios ligam-se mal com este, e o todo apresenta-se aos nossos olhos sem essa proporção, essa harmonia, que é uma das maiores bellezas das obras poeticas, e condição essencial da perfeição. Todavia, posta esta restricção, o nosso juizo é favoravel; e, se o é absolutamente, muito mais o deve ser, se compararmos este livro com a maior parte dos romances historicos que a litteratura europea nos offerece depois de Walter Scott. Exceptuando quatro ou cinco obras admiraveis, todos são in-

feriores á *Chronica,* tanto pela verdade hiſtorica como pela verdade humana. Algumas das qualidades mais apreciaveis de Mérimée, a ſimplicidade, a ſobriedade de ornatos, a energia e a vivacidade na expreſſão, manifeſtam-ſe n'eſte livro mais explendidamente do que nos anteriores, e fazem d'elle como que um precurſor das obras primas que ſe preparavam.

E tão de perto as annunciava, que, ainda no anno de 1829, data da publicação da *Chronica,* um pequeno romance, um ſimples conto de menos de vinte paginas, revelava aos Francezes que o ſeu paiz poſſuia mais um grande eſcriptor. *Mateo Falcone,* com effeito, ſe é licito aos contemporaneos anticiparem-ſe ao juizo da poſteridade, parece deſtinado a durar tanto como a lingua franceza.

III

Com *Mateo Falcone* e *Tamango* entramos no periodo das obras admiraveis, em que a critica pouco tem que reparar. Comtudo ainda aqui ſe propõem algumas duvidas. O aſſumpto de *Mateo Falcone* ſerá um aſſumpto poetico? *Tamango* não ſoffre objecções n'eſte ponto. As aventuras de dois deſgraçados que a violencia dos homens e as ſuas proprias paixões reduzem á eſcravidão, e que padecem n'eſſe horrivel eſtado todas as miſerias a que os humanos andam expoſtos, eſta triſte hiſtoria, tão velha como o mundo, e quem ſabe ſe tão eterna como elle, contada de modo ſingular, ao principio ironicamente, e pouco a pouco n'um *creſcendo* portentoſo de paixão refreada mas impetuoſa, é inconteſtavelmente ſuſceptivel de nos captivar a attenção, e de nos commover profundamente. Acontecerá porém o meſmo com *Mateo Falcone?* O acto ſelva-

gem de um homem que pune a traição de uma creança de dez annos, ſeu filho, immolando-o deſpiedadamente, ſem quaſi lhe dar tempo para acabar as ſuas orações, não levantará em noſſos peitos tão ardente reprovação, que nos torne inſenſiveis a todas as bellezas da obra, por maiores que ſejam? Não haverá aqui alguma coiſa como o que já notei em relação á *Familia de Carvajal?* As monſtruoſidades, as excepções, ſão porventura a materia propria da poeſia?

A reſpoſta é ſimples. Leiam e releiam *Mateo Falcone*. O acto do Corſo é violento, deſeſperado, mas é profundamente humano. Não vejo n'elle ſenão a vicioſa alteração de um dos noſſos mais altos ſentimentos, o ſentimento da honra ſolidaria, da reſponſabilidade do chefe da familia. De Mateo a Don Joſe de Carvajal a diſtancia é immenſa; ſepara-os um abyſmo. E mais não quero ſoccorrer-me a uma conſideração que parecerá deciſiva a muitas peſſoas. *Mateo Falcone* é fundado n'um caſo que ſuccedeu na Corſega, e que vem contado no diario de um viajante inglez. Iſto porém não me ſatiſfaz a mim. Que me importa que um dos meus ſimilhantes praticaſſe um feito extraordinario, ſe eu me não reconheço na alma d'eſſe homem, nos ſeus ſentimentos, na ſua reſolução? Ora, nenhum facto ſocial ſe produz com eſſe caracter de univerſalidade eſſencial nas obras de arte. Ao poeta é que cabe interpretal-os, dan-

do-lhes a verdade ſuperior que em tão ſubido grau nos apreſenta *Mateo Falcone*.

A *Tomada do reducto*, a *Partida de gamão*, o *Vaſo etruſco*, a *Venus d'Ille*, as *Almas do Purgatorio*, não dizem nada de novo aos leitores de *Mateo* e de *Tamango*. Eſtas narrações, excellentes pela maior parte, todas dignas de ſerio eſtudo, não accreſcentam uma linha á eſtatura litteraria de Proſper Mérimée. Provam a fecundidade do ſeu eſpirito, a variedade do ſeu talento; mas nenhuma pode competir em ſimplicidade e energia com as duas primeiras, ſobretudo com *Mateo*. Não era iſto porém um ſymptoma de decadencia. Em primeiro logar, obras perfeitas ſão ſempre excepções; o talento não baſta, nem ainda o genio: é preciſo um concurſo de circumſtancias que raras vezes ſe dá, e que é abſolutamente independente da vontade do homem. Por outra parte, *Colomba* eſtava proxima, e *Colomba* não é uma obra ſem antecedentes. É um apogeu, não um ponto de partida.

Colomba filia-ſe evidentemente na litteratura antiga. A genealogia da joven montanheza da Corſega remonta-ſe ás mais puras heroinas da tragedia grega. Eſtas relações não eſcaparam á obſervação de criticos taes como Sainte-Beuve, Guſtave Planche, Saint-Marc Girardin; mas não era preciſo ſer um critico eminente para as deſcobrir. Todos os leitores de *Colomba* que forem

familiares com Eſchylo e Sophocles reconhecerão na figura principal d'eſte romance uma irmã de Electra. A idéa que as domina é a meſma, a vingança. Os meios que empregam para chegar ao ſeu tão almejado fim ſão tão pouco eſcrupuloſos da parte da donzella moderna como da parte da virgem antiga. Na tragedia grega, a fatalidade impelle o braço de Oreſtes, aſſim como, no romance francez, o concurſo de circumſtancias quaſi fataes dirige os dois tiros da eſpingarda de Orſo della Rebbia contra os irmãos Barricini. A obra antiga é mais mageſtoſa, mais elevada, não mais ſerena, nem mais verdadeira do que a moderna. Colomba eſtá talvez para Electra como uma miniatura para uma eſtatua (ſe bem me lembro, é o que diz Saint-Marc Girardin); mas Orſo é inconteſtavelmente ſuperior a Oreſtes. O progreſſo realiſado nas idéas moraes, da antiguidade aos noſſos dias, denuncia-ſe na comparação d'eſtas duas figuras. Oreſtes ſó é grande pela deſgraça, facto eſtranho á ſua perſonalidade; Orſo é grande, porque tem uma vontade varonil e firme que o leva para o bem, porque é um individuo, iſto é, uma alma.

A litteratura antiga tem ſido ha perto de um ſeculo objecto de ardentes e ambicioſos eſtudos. Deſde as tentativas de André Chénier, que pretendia eſcrever o que Homero, Alceu, Theocrito, eſcreveriam, ſe viveſſem no ſeculo XVIII, até

as recentes imitações de Swinburne, muitos poetas modernos teem ſeguido as piſadas dos ſabios, e, auxiliados pelo ſeu dom privativo, a imaginação, teem procurado roubar ao genio antigo o ſegredo das ſuas maravilhas. Todavia os reſultados não ſão animadores, e, n'eſte ponto, a infanteria peſada dos criticos e dos antiquarios tem batido as phalanges aladas dos inſpirados. A imaginação pode muito, mas a ſciencia tambem preſta alguns ſerviços, e o maior de todos é enſinar, pela demonſtração das bellezas das obras originaes, que a imitação nunca pode gerar uma obra poetica. Os modelos querem-ſe verſados aſſiduamente, para ſe lhes pedir conſelho, nunca para reproduzir as ſuas bellezas proprias. É conveniente que perguntemos aos claſſicos como procederam; inquiridos por quem é digno de tratar com elles, reſpondem ſempre com franqueza: mas os que levam a ouſadia a ponto de ſe perſuadirem de que alcançaram apoderar-ſe dos ſeus proceſſos ſão inevitavelmente punidos, dando a exiſtencia a ſeres inanimados, ſem originalidade e ſem poſſibilidade de viver. Ha eſcriptores cujas obras ſão uma lição proveitoſa a eſte reſpeito. Que vale o *Moiſés* de Chateaubriand ao pé dos *Martyres?* Quem ouſa comparar a *Noiva de Meſſina* com *Maria Stuart?* Comtudo Chateaubriand e Schiller ſão dois dos maiores poetas dos tempos modernos. O ſeu genio era immenſo e

nunca decaiu. Qual é pois a razão da differença? *Moiſés* e a *Noiva de Meſſina* procedem da imitação, não ſão creações.

A compoſição de *Colomba* é admiravel. Tudo ſe dirige a um ſim, a vingança da orfã a quem um crime roubara ſeu pae. Os amores de miſs Nevil e Orſo della Rebbia ſão um idyllio encantado, mas não ſervem na acção geral ſenão de obſtaculo aos planos de Colomba, concorrendo aſſim para o reſultado final. Orſo, educado em França ſegundo principios muito differentes dos que regulam as acções de ſua irmã, reage contra a *vendetta* que pretendem impor-lhe, com a honeſtidade dos ſeus ſentimentos, e com as inſpirações do ſeu amor. Mal pozera o pé no navio que o deve levar á ſua patria, começa contra elle a conſpiração das paixões nacionaes. Um groſſeiro marujo canta em trovas rudes mas ſentidas o dever imperioſo das repreſalias. Chega, e ſua irmã recebe-o de braços abertos; uma immenſa alegria illumina o bello e energico roſto da donzella. Mas é eſſa alegria porventura a ſanta manifeſtação dos affectos fraternaes? Não. O que Colomba vê em Orſo não é o irmão, é o vingador. Logo lhe expõe as veſtes enſanguentadas de ſeu pae, e o incita, e o faſcina com lagrimas, com exhortações, com ſupplicas ardentes. O mancebo foge áquella tentação, mas perſeguem-n'o outras. Sobe á montanha, e os bandidos fallam-lhe do

crime e do caſtigo; vae preſtar os ultimos officios a um viſinho, e, ao lado do cadaver, perante uma aſſembléa numeroſa, Colomba recomeça as ſuas imprecações. Embalde. A Corſega não vence.

Intervem então o deſtino. Os filhos do criminoſo travam-ſe com Orſo, e os punhaes chegam a ſair da bainha. Colomba aterra os inimigos com as ſuas ameaças, e, para accender a ira no peito de ſeu irmão, que ainda não vê convencido do crime dos Barricini, attribue-lhes a elles um inſulto que ella propria ſe encarrega de praticar. Orſo, meio abalado, deſafia os contrarios, porque o aſſaſſinato repugna-lhe; mas o terror que ſe apoderara dos Barricini impelle-os a dar os primeiros paſſos no caminho de um novo crime. O moço tenente, atacado á falſa fé pelos ſeus inimigos, ſatiſfaz emfim o dever nacional e a vingança de Colomba.

Comtudo o romance não eſtá acabado. Orſo, ferido e acoſſado pelos ſoldados no *maquis* onde ſe refugiara, é ſalvo pela coragem de ſua irmã, e pela dedicação de um bandido que militara com elle no exercito de Napoleão. A joven Ingleza que é o anjo do amor d'aquella ſimples e pathetica tragedia, guiada por Colomba á guarida de Orſo, não tem animo para occultar ao ſeu amante os ſentimentos que elle ſoubera inſpirar-lhe. O pudor britannico foge deſpeitado diante da franca confiſſão de miſs Nevil, e a excentricidade britan-

nica do coronel Nevil aceita de bom grado uma união apparentemente defegual. O romance vae findar por um cafamento, como qualquer comedia de Scribe. Mas o principal criminofo, o velho Barricini, vive ainda. Proftrado pela morte de feus filhos, quafi idiota, o defgraçado parece eftar, pela miferia da fua condição, fóra do alcance de Colomba. Engano completo! A vingança é o prazer dos deufes e das donzellas da Corfega. A implacavel montanheza vae procurar o mifero velho ao feu ultimo retiro, e, levantando-lhe diante dos olhos defvairados o quadro horrendo dos feus crimes e do caftigo de Deus, efgota até á ultima gota o calix do licor divino. Agora pode acabar o romance. A *vendetta* eftá completa. Colomba triumpha e o auctor tambem.

A compofição verdadeiramente admiravel d'efte livro não deve porém fechar-nos os olhos aos feus outros meritos. Os caracteres fão de uma coherencia pouco vulgar. Defde Colomba e Orfo della Rebbia até ao coronel Nevil e ao bandido Brandolaccio, nenhum fe defmente. O eftylo e a linguagem teem todas as qualidades que alcançaram ao nome de Profper Mérimée o glorifo anagramma defcoberto por Victor Hugo, *première profe;* a fabula é a mais intereffante de todas quantas lhe teem fervido para encantar os feus leitores; e a fobriedade nos incidentes, a que

fôra ſempre fiel, não impede que a ſua obra ſeja uma compoſição vaſta, muito mais vaſta ſeguramente do que outras que ſe eſtendem em centenas e milhares de paginas. *Colomba* é grande, como todas obras primas, porque nada ahi ha de mais ou de menos. É completa e perfeita.

O *Duplo engano, Carmen* e *Arſène Guillot* ſão eſtudos curioſiſſimos. A primeira d'eſtas narrações moſtra profundo conhecimento, não ſó do coração humano, mas dos ſentimentos e das paixões proprias da ſociedade artificial a que os Francezes chamam *le monde. Arſène Guillot* e *Carmen* ſão a hiſtoria de duas creaturas perdidas, uma, victima paſſiva, votada ao vicio deſde o berço, e reſgatada nos ſeus ultimos dias pela dôr e pelo arrependimento; a outra, cheia de fogo e de vida, alma vigoroſa e depravada, indifferente á dôr, inacceſſivel ao arrependimento, mas purificada por uma morte ſingular, quaſi voluntaria, e indubitavelmente relacionada com um phenomeno de regeneração moral ainda mais eſtranho. Ha n'eſtes livros, aſſim como nas outras compoſições litterarias de Mérimée, e nos trabalhos que teem reſultado dos ſeus eſtudos ſobre a litteratura da Ruſſia, evidente predilecção por tudo o que ſae dos limites da vida ordinaria. Parece-me que, n'eſte ponto, Mérimée tem ido demaſiadamente longe. O ſeu talento preſtava-ſe ſem duvida a obras menos excentricas; mas ſe-

ria reprehenſivel exigencia pedir mais a quem tanto nos tem dado.

Os ſeus trabalhos hiſtoricos ſão modelos de conſcienciosa inveſtigação. O *Enſaio ſobre a guerra ſocial* elucida um dos epiſodios mais intereſſantes e menos conhecidos da hiſtoria romana. Apeſar da exiguidade do volume, eſte trabalho é o mais completo que conheço ſobre o aſſumpto. Nem os hiſtoriadores gregos e romanos, nem os modernos, incluindo Mommſen, ſouberam traçar um quadro tão vivo e tão exacto d'aquellas luctas fratricidas que ſe travam com as leis agrarias dos Gracchos, e findam com as execuções methodicas de Sylla. É a vantagem das monographias. Outro tanto ſe pode dizer da *Conjuração de Catilina,* livro cuja leitura recommendo a todos os admiradores de Salluſtio.

Na hiſtoria, Proſper Mérimée é primeiro que tudo um ſabio. O ſeu talento de narrador e de pintor não o deixa nunca, mas a erudição predomina. Reconhecendo a juſteza d'eſta obſervação, que tem ſido feita por alguns criticos, aliás benevolos, devo dizer que não acho fundamento para a accuſação de reprehenſivel inſenſibilidade que os meſmos fazem ao auctor de *D. Pedro o Juſticeiro* e dos *Falſos Demetrios*. O hiſtoriador deve manter quanto poſſivel a imparcialidade de uma teſtemunha e de um magiſtrado; é o que faz Proſper Mérimée. Para elle a verdade é o que é,

não o que eſtimaria que foſſe. Mas que ſeja indifferente ao bem e ao mal, que as noções do juſto e do injuſto tenham aos ſeus olhos uma ſignificação differente d'aquella que teem aos noſſos, não poſſo aceitar. A paixão que ſe encobre é muitas vezes a mais forte. Proſper Mérimée não é um Suetonio.

Os eſtudos ſobre Grote, Merivale, Preſcott, Ticknor, revelam vaſtiſſimos conhecimentos, e um ſenſo critico dos mais apurados. Aqui ſó tenho que lamentar a extrema brevidade. Eſtes trabalhos ſão como os poemas de Archiloco: o maior é o melhor. A apreciação do livro de George Grote é, não ſó um excellente reſumo da obra mais conſideravel que ſe tem eſcripto, n'eſte noſſo ſeculo e em todos os ſeculos, ácerca das tradições hellenicas, mas uma verdadeira philoſophia da hiſtoria da Grecia. Ao lado dos admiraveis enſaios que o genio dos Addiſon, dos Steele, dos Macaulay, dos Arnold, populariſou em Inglaterra, os de Mérimée, concebidos n'um ponto de viſta diverſo, ſoffrem a comparação ſem deſvantagem.

Proſper Mérimée era caracteriſado em 1831, por um critico muito ſubtil[1], como o artiſta menos chriſtão da litteratura franceza d'aquella época. Outros accuſam-n'o, como vimos, de falta de

[1] Sainte-Beuve.

convicções moraes. Seja qual ſor a verdade, é innegavel que as ſuas obras dão pretexto a eſtas obſervações. Todavia a impreſſão que ellas produzem no animo do leitor eſtá muito longe de ſer perniciofa. A que deverá ſer attribuida eſta contradicção? A explicação reſulta de tudo o que tenho dito. As obras de Proſper Mérimée ſão verdadeiras. Independentemente das opiniões particulares do auctor, cuja indagação ſeria provavelmente inutil, e é de certo indiſcreta, a ſua acção devia ſer ſalutar. A verdade é ſempre moral.

1870.

DOIS HISTORIADORES

MODERNOS

AUG USTIN THIERRY—PRESCOTT

DOIS HISTORIADORES

MODERNOS

AUGUSTIN THIERRY—PRESCOTT

I

«Se, como quero crêr, o intereſſe da ſciencia é um dos grandes intereſſes nacionaes, tenho dado ao meu paiz tudo o que pode dar-lhe o ſoldado mutilado no campo da batalha. Qualquer que ſeja o deſtino dos meus trabalhos, eſpero que eſte exemplo não ſerá eſteril. Quizera eu que elle ſerviſſe para combater eſſa eſpecie de deſſallecimento moral que é a moleſtia da geração nova; que podeſſe reconduzir ao caminho direito algumas d'eſſas almas enervadas que ſe queixam de que lhes falta a fé, que não ſabem a que ſe appliquem, e andam buſcando por toda a parte, ſem nunca encontrarem, um objecto de culto e dedicação. Porque hão de elles ſuppôr, tão amargamente, que, n'eſte mundo, tal como ſe acha conſtituido, não ſe encontra ar para todos os pei-

tos, emprego para todas as intelligencias? Não vêem o eſtudo ſereno e ſerio? e não ha no eſtudo um refugio, uma eſperança, uma carreira ao alcance de todos nós? Com elle, paſſam os dias maus ſem lhes ſentirmos o peſo; cada um cria o ſeu proprio deſtino; empregam todos nobremente a ſua vida. Eis o que fiz, e eis o que faria, ſe tiveſſe de principiar outra vez: ſeguiria pela eſtrada que me trouxe aonde eſtou. Cego, padecendo ſem eſperança e quaſi ſem treguas, poſſo dar um teſtemunho, que da minha parte não ſerá ſuſpeito: ha n'eſte mundo alguma coiſa que vale mais do que os gozos materiaes, mais do que a fortuna, mais ainda do que a ſaude: é a dedicação á ſciencia.»

Quando Auguſtin Thierry eſcrevia eſtas nobres palavras, que ſão o eſpelho da ſua alma e da ſua vida, e o glorioſo brazão da ſciencia hiſtorica da França moderna, era ainda ignorado da Europa, do mundo litterario, o nome do eminente hiſtoriador americano que eſtava deſtinado a alcançar gloria não menos brilhante que a do chefe da eſcola franceza. Quaſi cego, como Thierry, como elle provado por uma doença nervoſa que ſó terminou com a ſua exiſtencia, William Hickling Preſcott tinha-ſe entregado com a meſma abſoluta dedicação aos eſtudos hiſtoricos; mas o ſeu primeiro livro, a *Hiſtoria do reinado de Fernando e Iſabel,* ſó foi publicado pouco antes das

Conſiderações ſobre a hiſtoria da França, e das *Narrações dos tempos merovingicos,* ultimos trabalhos completos de Thierry.

Eram os dois hiſtoriadores quaſi da meſma edade, mas varias circumſtancias, que mencionarei adiante, tinham concorrido para que as ſuas carreiras, em logar de ſeguir linhas paralellas, ſe diſtanceaſſem tanto, que a de Preſcott começou quando a de Thierry ia quaſi a acabar. Com effeito, em quanto Thierry conſumia os ſeus ultimos annos e o reſto das ſuas quaſi extinctas forças n'um trabalho de grande merito e de grande preſtimo, por certo, mas inferior em perfeição aos anteriores, o *Enſaio ſobre a hiſtoria da formação e do progreſſo do Terceiro-Eſtado,* Preſcott, animado pelo applauſo extraordinario que acolheu, nos dois mundos, a obra que tinha ſido, durante dez annos, o ſeu cuidado de todos os dias, proſeguia ſem deſcanſo nos eſtudos de que reſultaram a *Hiſtoria da conquiſta do Mexico,* a *Hiſtoria da conquiſta do Peru*, e a incompleta mas admiravel *Hiſtoria de Philippe II.* Não quero porém dizer que o aſtro de Preſcott ſe ergueu quando o de Thierry declinava. Não; o aſtro de Thierry é dos que ſe manteem immoveis no zenith, é d'aquelles que a barbaridade pode eclipſar, mas não conſegue extinguir. Comtudo é inconteſtavel que, na época em que o nome de Preſcott começou a ſer conhecido e

eſtimado na Europa, o de Thierry tinha alcançado as metas da celebridade.

A mais penoſa enfermidade que pode acommetter um homem de lettras é, ſem duvida alguma, a cegueira. Mas, para os que ſe occupam de trabalhos hiſtoricos, tem eſte flagello conſequencias taes que bem ſe pode dizer, em regra, que os inhabilita de proſeguir nos ſeus eſtudos. Só uma força de vontade extraordinaria, e não menos extraordinario amor da ſciencia, podem inſpirar a conſtancia e a fé neceſſaria para vencer os quaſi inſuperaveis obſtaculos que ſe lhes oppõem. O que é comparativamente facil para poetas, para romanciſtas, para todos os que tomam de ſi meſmos o tudo ou o quaſi tudo das ſuas obras, tranſforma-ſe n'uma immenſa difficuldade para aquelles que ſão forçados a ler, a compulſar e a examinar uma enorme quantidade de livros, de manuſcriptos, de monumentos figurados, a extractar e reſumir todos os documentos, a diſcutir e apurar todas as opiniões, emfim a incarnar o reſultado de tantos trabalhos preliminares n'uma obra que deve ſatiſfazer ás condições eſſenciaes da arte, achando-ſe ſubordinada ás condições não menos rigoroſas da ſciencia.

Eſta quaſi impoſſibilidade foi realiſada por Auguſtin Thierry e por William Preſcott, admiraveis artiſtas e eruditos completos; mas, ſe é

verdade que á ſua energia propria ſe deve principalmente o bom reſultado, cumpre reconhecer que ambos foram favorecidos pelas circumſtancias que, na ſua deploravel condição, mais efficazmente o podiam produzir.

Thierry foi acommettido pela terrivel enfermidade quando tratava de redigir os ultimos capitulos da *Hiſtoria da conquiſta da Inglaterra pelos Normandos*. Orçava então pelos trinta annos, e os immenſos trabalhos a que devia attribuir a privação da viſta tinham feito do ſeu eſpirito como um vaſto depoſito de conhecimentos precioſos, que ninguem em França poſſuia tão amplamente n'aquella época. Além d'eſte valioſo ſubſidio, tinham-lhe os ſeus dias felizes legado um habito excellente, que a ſua nova condição neceſſariamente havia de aperfeiçoar. Refiro-me ao habito que elle diz ter contrahido nas bibliothecas publicas de Paris, onde o deſejo de ſaber que o poſſuia concentrava a tal ponto todas as forças do ſeu eſpirito ſobre o livro ou manuſcripto a cujo exame eſtava procedendo, que conſeguia ſeparal-o do mundo exterior, tornando-o inteiramente extranho ao que ſe paſſava em derredor.

Com a vaſta bibliotheca interior de que diſpunha, e com a força de concentração, de inſulação intellectual, que as circumſtancias e depois a neceſſidade tinham deſenvolvido, tornou-ſe, não facil, mas poſſivel, a Thierry o eſcrever

eſſes dois livros que de outra fórma nunca teriam viſto a luz publica, e que ſão dois inexcediveis modelos de hiſtoria critica e de narração monographica, as *Conſiderações ſobre a hiſtoria da França,* e as *Narrações dos tempos merovingicos.*

Eſtes livros ſuppõem leitura aſſidua e recente. A mais feliz das memorias não alcançaria conſervar, um dia que foſſe, quanto mais annos e annos, a centeſſima parte dos factos que elles conteem. Thierry era indubitavelmente obrigado a ſoccorrer-ſe de auxilios eſtranhos para reunir os materiaes das ſuas obras, aſſim como para fixar o ſeu penſamento; mas a ſua erudição facilitava-lhe as indagações, e os ſeus poderoſos recurſos intellectuaes ſubminiſtravam-lhe o meio de redigir, por mão alheia, eſſas paginas, cujo eſtylo não cede em formuſura ao dos eſcriptos da ſua mocidade.

Thierry comprehendia a hiſtoria como os grandes meſtres da antiguidade, e praticava melhor. Para elle, aſſim como para Thucydides, para Salluſtio e para Tacito, a hiſtoria era uma ſciencia e uma arte. Comtudo nas obras claſſicas a arte toma evidentemente o primeiro logar; nas modernas (Niebuhr, Guizot, Grote, Mommſen) é a ſciencia que prevalece; e ſão rariſſimos os eſcriptos em que os dois elementos ſe combinam harmonioſamente. N'eſtes ultimos, occupam o logar

de honra não todos, mas alguns dos livros de Auguſtin Thierry, outros de ſeu irmão Amédée, e as quatro hiſtorias de Preſcott.

Podemos admirar as meſmas qualidades em varios eſcriptores do noſſo ſeculo. Washington Irving, Mignet, Macaulay, Michelet e outros, obtiveram mais de uma vez a feliz alliança; mas, a meu ver, com menos eſplendor, e mais raramente. As obras de Auguſtin e Amédée Thierry e as de William Preſcott ſão, de quantas conheço, as que mais completamente ſatiſfazem o meu eſpirito, offerecendo o mais elevado ideal da compoſição hiſtorica. Hoje que Auguſtin Thierry, Preſcott, Macaulay e Irving dormem o ſomno eterno, e que o auctor da *Hiſtoria dos Gaulezes,* bem como o auctor de *Maria Stuart* e o auctor da *Hiſtoria de França*[1], paſſaram os limites ordinarios da vida humana, a mais ſegura eſperança de novas obras que ſatiſfaçam ás verdadeiras exigencias da arte e da ſciencia hiſtorica reſide, creio eu, na peſſoa de um homem que ſe não tem dado ainda a trabalhos de hiſtoria civil, mas que, ſe um dia ſe reſolver a conſagrar-lhes excluſivamente o ſeu luminoſo engenho, a ſua vaſtiſſima erudição e o ſeu raro eſtylo, deve eſcrever livros dignos de ſer equiparados aos de Preſcott e de

[1] Quando eſte artigo foi publicado pela primeira vez viviam ainda Michelet e Amédée Thierry.

Thierry. Efte homem é o auctor da *Hiftoria das linguas femiticas,* Erneft Renan.

Comtudo, ainda nos efcriptos que, no meu entender, fe avantajam a todos os livros de hiftoria contemporaneos, algumas differenças devem fer indicadas. Prefcott, como acima deixei perceber, fatiffaz mais vezes, mas Auguftin Thierry fatiffaz mais completamente. Provém ifto, por uma parte, dos affumptos efcolhidos, pela outra, das circumftancias que acompanharam a compofição dos livros.

A obra capital de Thierry é, fegundo a opinião geral, a *Hiftoria da Conquifta.* O affumpto foi admiravelmente efcolhido; foi um achado, d'effes que Deus concede aos homens de genio, porque fó elles podem comprehendel-os e aproveital-os. Thierry, efcrevendo a hiftoria da ultima conquifta territorial que houve na Europa, eftudando, no unico paiz em que effe eftudo era poffivel, os annaes finiftros de muitos feculos de oppreffão e de miferia, explicou tambem, nos pontos principaes, a hiftoria das conquiftas de que toda a Europa occidental foi victima defde o principio do quinto feculo. Encheu por tanto d'efta fórma uma lacuna que não podiam encher, em razão das modificações fucceffivas que tinham apagado em grande parte os veftigios das invafões, os trabalhos directos feitos fobre a hiftoria dos primeiros tempos dos eftados modernos; e

a ſua obra, de ſubido valor, por outros lados, adquiriu, por eſte, eſpecial merecimento. As pacientes inveſtigações de Thierry ſobre a condição dos vencidos deſde que o duque de Normandia venceu em Haſtings o poder de Harold até que a conquiſta ſe achou conſummada, não pelo anniquilamento do povo anglo-ſaxonio, mas pela ſua definitiva ſujeição, lançaram um immenſo clarão, que foi allumiar os ſeculos anteriores dos outros eſtados europeus, e d'ahi ſe tranſmittiu aos tempos que nos ficam mais proximos. Com effeito, para comprehender as revoluções modernas é preciſo conhecer a monarchia abſoluta. A monarchia veiu do feudaliſmo; o feudaliſmo, das invaſões. Ora o verdadeiro caracter da conquiſta barbara ſó foi determinado pelos *Normandos* de Thierry.

Mas eſte livro é um eſcripto de mancebo, e, poſto que de ſi admiravel, valia ainda mais como promeſſa. O homem a quem a prodiga natureza concedera eſcrever, aos trinta annos, uma obra d'aquella ordem, devia, ſe a vida e a ſaude lhe não faltaſſem, erigir um monumento egual, talvez ſuperior, ás *Decadas,* aos *Annaes,* á *Hiſtoria da guerra do Peloponeso.* Não o quiz a ſorte avara. Quando chegou para Thierry a madureza do genio, chegaram tambem as crueis enfermidades, e, com ellas, a impoſſibilidade de realiſar as eſperanças inspiradas pelos ſeus primeiros livros.

O grande hiſtoriador não ſe deu por vencido, e travou com a adverſidade uma peleja feroz. Mas o triumphar era impoſſivel. As forças humanas ſão limitadiſſimas, e, pelo lado do inimigo, combatiam auxiliares formidaveis. Debelladas as trevas, com as quaes o padecente tinha, na ſua phraſe nobre e reſignada, «travado amizade» ſobrevieram padecimentos agudos, enfraquecimento geral, todos os indicios de uma grave doença nervoſa. O athleta não deſamparou o eſtadio, e a lucta continuou, mas o premio da victoria era todos os dias menor. As ambições litterarias de Thierry, que, ao principio, pretendia, em quanto ſeu irmão dava á França as origens celticas, offerecer-lhe elle as origens germanicas, foram-ſe tornando pouco a pouco mais modeſtas, e d'ahi vem que o ſeu unico livro de hiſtoria narrativa compoſto depois da publicação dos *Normandos* é uma ſerie de narrações parciaes, de grande merecimento intrinſeco, mas de nenhum modo comparaveis com o grande monumento que os annos vigoroſos tinham viſto levantar.

Os outros trabalhos do hiſtoriador martyr *(Conſiderações e Enſaio)* pertencem, pela ſua natureza, a um genero inferior. A hiſtoria critica não pode abrir ao genio do eſcriptor o vaſto campo que lhe abre a hiſtoria civil. Aqui triumpha abertamente a ſciencia. Por mais vivas que ſejam as côres, por mais inſpirado que ſeja o pin-

cel, que vale, ſe não ha que pintar? Eis o motivo porque o eloquente interprete da Academia franceza, Abel Villemain, que, nos ſeus relatorios annuaes, mencionava ſempre em primeiro logar o nome de Thierry, a quem as *Conſiderações* mereciam o grande premio Gobert, teve o cuidado de indicar uma vez, para que todos o ſoubeſſem, que o premio era dado oſtenſivamente, nos termos da inſtituição, ao auctor das *Conſiderações,* mas que ia recompenſar realmente o auctor dos *Normandos*.

É por tanto opinião minha que a expreſſão mais alta do genio de Thierry eſtá na *Hiſtoria da Conquiſta,* e que eſte meſmo livro, a obra prima da eſcola franceza, não nos dá, inda aſſim, tudo o que ſe achava virtualmente no eſpirito do grande eſcriptor. E eis tambem o motivo porque, apeſar do muito, do muitiſſimo que Preſcott vale para mim, apeſar de eu talvez lhe dever, não em inſtrucção, mas em deleite intellectual, mais do que devo a Thierry, não ouſo conceder o primeiro logar ao hiſtoriador americano.

Nem, para gloria de um ou de outro, vale a pena diſputar primazias. Nas alturas a que ambos chegaram a egualdade é lei. No Olympo litterario ignoram-ſe as diſtincções hierarchicas, e os dois hiſtoriadores já lá eſtão com os immortaes. Avaliando pela lição do paſſado, não podemos, inda mal, eſperar que o progreſſo da arte

dê logar, nos tempos por vir, á composição de obras superiores á *Historia da conquista da Inglaterra pelos Normandos,* e á *Historia da Conquista do Mexico.* Por isso, em quanto subsistir a civilisação franceza e a civilisação ingleza, nem o nome de Thierry nem o nome de Prescott podem perecer.

II

Os ſerviços preſtados á ſciencia por Auguſtin Thierry foram importantiſſimos; o ſeu nome, um dos primeiros do ſeculo, é d'aquelles que menos hão de perder com a cenſura da poſteridade; a ſua gloria aſſenta em fundamentos inabalaveis. Mas o exemplo da ſua vida, d'eſſa exiſtencia combatida de tantos e tão implacaveis flagellos, e todavia tão ſerena, tão conſtante, e de tão ſanta edificação, não é menos digno de ſer conſiderado. O hiſtoriador dos Normandos, o reſuſcitador dos primeiros reis merovingicos, o excellente apreciador dos narradores e dos criticos da hiſtoria de França, o inventor da lei hiſtorica que tem regido o deſenvolvimento politico e ſocial da nação franceza, foi, do primeiro ao ultimo dia da ſua trabalhada peregrinação terreſtre, um homem de bem e um eſpirito profundamente religioſo. Os noſſos vindouros, quando pronunciarem o ſeu

nome com a veneração que exige a ſua grande memoria, não ſe limitarão a invocar os ſeus titulos litterarios. Os titulos moraes, particularmente a ſua reſignação verdadeiramente chriſtã, hão de valer, ſem duvida, pelo menos tanto como os primeiros.

Egual harmonia nos offerece o exame da vida e dos eſcriptos de William Preſcott. Quem lê attentamente qualquer das ſuas obras, a *Hiſtoria da conquiſta do Mexico,* por exemplo, conhece logo que o auctor é uma alma bem formada, um eſpirito ſenſato, profundamente humano, imparcial e religioſo. As crenças de Preſcott eſtavam muito longe de ſer orthodoxas. Segundo a relação do ſeu biographo, um dos mais diſtinctos litteratos da America, e amigo da infancia do hiſtoriador, George Ticknor, o exame rigoroſo a que elle, por duas vezes, ſubmetteu os fundamentos da fé chriſtã tinha arreigado no ſeu eſpirito os principios da doutrina de Channing. Mas a fé dos unitarios, pouco fundada, aſſim como a das outras ſeitas proteſtantes, porém mais logica e d'ahi mais ſatiſfatoria, contém, apeſar dos ſeus erros, o germen inſpirador das altas crenças e das puras virtudes chriſtãs. De muitas d'eſtas foi Preſcott, em toda a ſua vida, um exemplar acabado.

A todos commove, e deve commover, a ſanta reſignação de Thierry. Um homem de genio, que

ſe vê atacado e vencido da cegueira, no meio dos mais importantes trabalhos, quando parecia ſorrir-lhe no horiſonte do ſeu futuro um largo periodo de glorioſa applicação, e que não deſanima, não ſolta um queixume, e proſegue, com os meios que Deus ſe dignava conſervar-lhe, na carreira que tinham piſado os ſeus primeiros paſſos, dá aos contemporaneos, e lega á poſteridade, um exemplo admiravel. Mas, aqui, bem como no campo litterario, o hiſtoriador americano não fica atraz do ſeu émulo europeu. Antes, pelo contrario, ſe, em factos d'eſta ordem, não foſſe, de certo modo, uma profanação o peſar merecimentos, a victoria deveria talvez pertencer a Preſcott.

Com effeito, Thierry era já homem quando ſe viu forçado a renunciar á leitura. A ſua vida anterior, os ſeus eſtudos, a conſciencia que elle ſeguramente tinha do valor da obra que eſtava terminando, tudo devia dar-lhe grande força moral. Preſcott foi, n'eſte particular, muito menos protegido. Os ſeus padecimentos, cauſados por um deſaſtre que lhe ſuccedera ainda no collegio, e interrompidos, depois d'eſta época, por um periodo de dois annos de apparente reſtabelecimento, renovaram-ſe, findo o praſo de miſericordia, com tamanha intenſidade e com tão pronunciado caracter, que o deixaram, aos dezenove annos de edade, ſem a minima eſperança.

Mas Deus ſabe medir as provações ſegundo a força das noſſas almas. Ainda nos golpes mais severos é viſivel a ſua mão providencial. Preſcott tinha uma grande alma, tão reſignada, que, durante os ſeus mais agudos e intoleraveis padecimentos, nunca entrava ſua mãe no eſcuro apoſento por elle habitado que não ouviſſe dos ſeus labios algumas palavras joviaes e conſoladoras; tão generoſa, que, por muitos annos, ninguem lhe ouviu pronunciar o nome do condiſcipulo que o havia ferido involuntariamente, a ponto de chegarem a julgar os ſeus amigos que elle não ſabia de que mão lhe tinha vindo o golpe fatal. Mas era ainda quaſi uma criança. A cegueira completa teria porventura levado a melhor da ſua conſtancia. Não o permittiu Deus. Até ao fim da ſua vida, Preſcott pôde ver os ſemblantes dos que lhe eram queridos, e contemplar as maravilhas da natureza. Quaſi todos os dias podia ler, cinco minutos, um quarto de hora, nunca mais de meia hora: eſpaço meſquinho para os que temos viſta, precioſo para os deſgraçados como elle. Finalmente, um apparelho engenhoſo, conhecido pelo nome de *noctographo,* cuja deſcripção é feita minucioſamente por George Ticknor, habilitava-o a eſcrever por ſua mão. Não via os caracteres que traçava; mas, inda aſſim, eſte inſtrumento era-lhe extremamente vantajoſo. Graças a elle, Preſcott nunca ſe viu obrigado a dictar.

Os que não crêem na Providencia poderão taxar de ſingulares as precedentes reflexões. Mas, ſem embargo, vou citar outro facto ainda mais deciſivo. Um dos olhos de Preſcott era inteiramente inutil. O outro, que preſtava algum ſerviço, ſoffreu, nos ultimos annos da vida do hiſtoriador, enfraquecimento ſenſivel. Não ſó diminuiu conſideravelmente o eſpaço em que era poſſivel applical-o á leitura, mas os objectos que ſe lhe achavam expoſtos iam-ſe tornando cada vez menos diſtinctos. Ao meſmo tempo começaram a denunciar-ſe uns ſymptomas de ſurdez, que levaram a conſternação ao animo dos ſeus parentes e dos ſeus amigos. Que vida a d'aquelle nobre eſpirito, do homem bondoſo e amavel, cujo trato era um encanto para todos, quando ſe lhe tiveſſem inutiliſado os dois orgãos informadores do mundo exterior! Que pavoroſa união havia de ſer eſſa de um eſpirito ardente e de um organiſmo mutilado, que não ſerviria ſenão para prolongar os mais acerbos padecimentos phyſicos e moraes! Mas eſta ultima e mais que todas horrenda calamidade deſviou-a de ſobre a cabeça do hiſtoriador uma filha do ceo, que a todos, juſtos e peccadores, cedo ou tarde, nos viſita. Antes que a cegueira e a ſurdez conſummaſſem a ſua obra deſtructiva, William Preſcott deixou eſte mundo, na edade de ſeſſenta e dois annos.

Comprehende-ſe agora o motivo por que eu

diſſe que o merecimento particular dos dois hiſtoriadores, como artiſtas, podia ſer explicado pelas circumſtancias que acompanharam a compoſição das ſuas obras. Como ſe vê, Preſcott nunca viveu em trevas completas. Tendo reconhecido, quando, depois do ſeu caſamento, ſe achou em excellente ſituação de fortuna, que a applicação intellectual era para elle uma condição eſſencial de felicidade, reſolveu conſagrar a ſua vida a trabalhos hiſtoricos, e, após algum tempo de heſitação entre a hiſtoria litteraria e a hiſtoria civil, preferiu eſta. Mas, com um eſcrupulo de conſciencia que lhe é extremamente honroſo, entendeu que, antes de começar a occupar-ſe de um aſſumpto eſpecial, devia preparar-ſe para o tratar dignamente, por meio de eſtudos preliminares, que o familiariſaſſem a elle com a hiſtoria da antiguidade e de todos os eſtados da Europa moderna, e com os correspondentes monumentos litterarios. As ſuas leituras, bem longe de ſer reſtrictas a um paiz, ou a um grupo de conhecimentos, comprehenderam, não ſó as obras litterarias propriamente ditas, mas, com eſtas, os ſyſtemas philoſophicos, as legiſlações, os tratados politicos, n'uma palavra, tudo, incluſivamente a rhetorica e os elementos das ſciencias. Com tão longa e laborioſa iniciação, e com o vagar que lhe era indiſpenſavel para compor, não admira que a ſua apparição perante o publico ſe demo-

raſſe muito. Ticknor, a quem a litteratura heſpanhola deve uma excellente hiſtoria, chamou a attenção do ſeu amigo para a lingua de Cervantes. Preſcott eſtudou-a com vivo ardor e prompto aproveitamento, e, por meio d'ella, deſcobriu o aſſumpto que, havia muito, procurava. D'ahi a *Hiſtoria do reinado de Fernando e Iſabel,* fructo de dez annos de conſtante applicação.

A eſta ſuccederam, com largos intervallos, as obras já apontadas. Todas ſe recommendam por qualidades muito apreciaveis e muito raras; mas a *Hiſtoria da conquiſta do Mexico* occupa, no conceito de quaſi todos os criticos, o primeiro logar. É n'eſte livro que mais eſplendidamente ſe revela o genio de Preſcott. Similhantemente ao que ſuccedera a Thierry com os *Normandos,* o aſſumpto d'eſta obra quadrava perfeitamente ao hiſtoriador americano. Ambos ſouberam eſcolher o aſſumpto que mais lhes convinha, e foram egualmente felizes na maneira por que o trataram. Por iſſo, quem quizer confrontar os dois eſcriptores deve tomar para baſe da comparação eſſas obras, que ſão hoje claſſicas, tanto na Europa como na America.

Nos outros eſcriptos, Preſcott leva vantagem ao auctor dos *Normandos.* Os ſeus proceſſos de compoſição, inventados logo que elle começou a occupar-ſe de lettras, e aperfeiçoados no decurſo

dos annos, não ſoffreram nunca modificação importante. Para a leitura dos eſcriptos que preciſava de conſultar não podia preſcindir de ſecretario; mas, eſcrevendo, por meio do *noctographo,* e corrigindo, nos curtos eſpaços em que lhe era permittido ler, o que tinha eſcripto, repetindo as reviſões tantas vezes quantas eram preciſas para chegar ao ſeu ideal, conſeguiu vencer os obſtaculos que a cegueira oppõe ao hiſtoriador.

Não admira pois que encontremos nas ſuas obras certa unidade de eſtylo e de compoſição, ſeguramente muito invejavel. Comtudo todas as victorias, ainda as mais deciſivas, teem de ſer pagas por doloroſos ſacrificios. Apeſar das grandes bellezas que diſtinguem o *Mexico,* parece-me que eſta obra não ſe aproxima da perfeição tanto como os *Normandos*. E mais o aſſumpto favorecia Preſcott. Poucos ſe encontram na hiſtoria tão ſimples, tão dramaticos e tão intereſſantes. Mas, por iſſo meſmo, creio que é mais digna de admiração a obra do eſcriptor que ſoube tirar de um aſſumpto por todos tido como ingratiſſimo, de um acervo de factos eſcuros, conſtantes de monumentos incompletos, pouco acceſſiveis, e alguns quaſi inteiramente inexplorados, um primor de riqueza e de energia, rico de noticias, e, de certo modo, com o caracter de uma revelação.

Resumindo em poucas linhas o reſultado de

todas eſtas conſiderações, pode-ſe dizer que os livros de Thierry foram, depois dos *Normandos,* eſcriptos por um cego, mas que todos os de Preſcott ſairam da penna de um homem quaſi cego. A obra principal de Thierry foi compoſta por elle dos vinte e cinco aos trinta annos; quando appareceu a *Hiſtoria do reinado de Fernando e Iſabel,* Preſcott contava mais de quarenta. As hiſtorias d'eſte ultimo deviam por tanto ſer mais eguaes, e diſtinguir-ſe das de Thierry por um caracter mais pronunciado de madureza. Finalmente, as doenças que os affligiram provaram mais ſeveramente o hiſtoriador francez. Preſcott, graças a uma vida tão regular, que paſſava a mania, conſervou ſempre actividade baſtante para ſair a pé e a cavallo, e para fazer viagens a paizes diſtantes, ao paſſo que Thierry teve de paſſar os ſeus ultimos annos preſo no leito ou n'uma cadeira de rodas, completamente cego, paralytico e padecendo inceſſantemente.

Os trabalhos de hiſtoria critica que devemos á penna de Auguſtin Thierry ſão, como já indiquei, e todos reconhecem, de ſubido valor. Mas tudo nos leva a crer que o deſventurado eſcriptor, ſe Deus lhe tiveſſe dado outra ſorte, teria conſagrado com preferencia as ſuas vigilias a trabalhos de hiſtoria narrativa. Eſte caminho tem ſeguido Amédée Thierry, que ſó ſe diſtraiu, um inſtante e com grande proveito noſſo, para eſ-

crever o *Quadro do imperio romano;* e o mesmo exemplo offerecem quasi todos os grandes historiadores do seculo. Prescott, pela sua parte, foi sempre fiel ao genero que do principio escolhera. Exceptuando os ensaios que occasionalmente escrevia para a *North American Review,* todos os seus trabalhos foram exclusivamente applicados á historia civil; e tão escrupuloso era em não confundir o que deve ser distincto, que preferia tratar na introducção e nos appendices dos seus livros as questões ethnographicas, religiosas e litterarias, que o assumpto lhe propunha, a fundil-as no seu texto, como tão maravilhosamente, e com arte incomparavel, fez Thierry nos *Normandos.*

O que este conseguiu é tentador; mas eu creio que o systema de Prescott, em regra, é mais seguro. Hoje, que as sciencias auxiliares da historia teem tomado grande desenvolvimento, será muito difficil, n'uma obra que abranja um periodo consideravel, ou que se occupe de factos muito remotos no tempo, tratar o que pertence á historia narrativa juntamente com os dados fornecidos pela archeologia, pela philologia e pela critica, sem que d'ahi resulte certa confusão. O proprio Augustin Thierry seguiu outro systema, quando preparou os volumes que conteem, com as *Narrações dos tempos merovingicos,* as *Considerações sobre a historia de França.*

Uma qualidade precioſa ſe tornava ſaliente no caracter dos dois hiſtoriadores, que em tantos pontos ſe aſſimelham, e que, ſeja dito de paſſagem, ſabiam eſtimar-ſe reciprocamente, como conſta da ſua correſpondencia, do diario de Preſcott e das informações de Ticknor: era a modeſtia. Seguramente, ambos tinham conſciencia do que valiam, mas nenhum procurava exaltar os ſeus merecimentos, ou conſentia que outros o fizeſſem, affirmando factos pouco exactos. Thierry, tendo em pouco a enorme difficuldade que todos os dias eſtava vencendo, aconſelhava a Preſcott que ſe habituaſſe a dictar, o que, accreſcentava elle, era *facil,* logo que houveſſe perſeverança; e Preſcott, pelo ſeu lado, tendo viſto que a *Edinburg Review* o dava por cego, apreſſava-ſe a eſcrever ao director, rogando-lhe que rectificaſſe eſta noticia, e, não ſatiſfeito com a declaração, repetia-a, no prefacio da *Hiſtoria da conquiſta do Peru,* a todos os ſeus leitores, inſiſtindo em que a ſua enfermidade, apeſar de ſevera, lhe deixava ainda muitos meios de trabalhar.

A modeſtia tem ſido ſempre uma qualidade muito amavel, mas é tão rara em noſſos dias, que me pareceu opportuno apreſentar aqui eſta indicação. Mas, ſe foſſe a entrar nas conſiderações que ſuſcita a biographia de Preſcott, ſe procuraſſe dar aos leitores d'eſte artigo uma idéa

do que foi a vida d'aquelle juſto, teria de eſcrever extenſas paginas. Quem ſentir o nobre deſejo de conhecer de perto o caracter do hiſtoriador americano pode recorrer ao livro[1] em que George Ticknor como que nos apreſenta uma photographia do ſeu amigo: tão minucioſa é a ſua relação, e tão amplos ſão os documentos, correspondencia, diario, notas, informações particulares em que a fundamenta.

A memoria de Auguſtin Thierry não recebeu ainda dos ſeus amigos tão piedoſo tributo. Mas baſta ler os prefacios das ſuas obras, eſpecialmente o dos *Dez annos de eſtudos hiſtoricos,* d'onde extractei as linhas que figuram no principio d'eſte artigo, para alcançar uma noção exacta do ſeu nobre caracter, e para ficar conhecendo a ſua vida litteraria. Qualquer dos dois hiſtoriadores pode ſer tomado como guia, não ſó nas lettras, mas na pratica da vida. Os principios da moral chriſtã ſão indiſpenſaveis para alumiar e dirigir o entendimento, mas exemplos d'eſtes ſervem efficazmente para fortalecer a vontade. Da meſma ſorte, os principios da arte regem inflexivelmente o eſpirito dos grandes eſcriptores; mas a ſua realiſação, iſto é, o modelo, deve, quando eſtudado com independencia, concorrer de modo não menos poderoſo para a

[1] *Life of Preſcott, by George Ticknor* — Boſton.

compoſição de obras duraveis e verdadeiramente bellas. No campo das lettras hiſtoricas não conheço, no ſeculo actual, eſcriptos de mais ſeguro conſelho do que os d'eſſes dois homens, que, vivendo na meſma época mas em paizes totalmente differentes, eſpontaneamente ſouberam crear o bello e praticar o bem.

1872.

"ENTRE PALMEIRAS"

"ENTRE PALMEIRAS"

Nos tempos em que ſe eſcrevia a grande epopea maritima que é o noſſo livro nacional, uſavam os Portuguezes ſair frequentemente de ſua caſa, ir ver o que ſe fazia lá por fóra, e contar depois o que tinham viſto aos amigos que durante a ſua auſencia ſe haviam conſervado junto dos lares. Monumentos eternos atteſtam e atteſtarão a benefica influencia das tres largas correntes de civiliſação que a fé, a ſciencia e o amor da patria, levavam ás mais remotas regiões do globo. Eſſes padrões ſão os noſſos deſcobrimentos, a propagação da noſſa crença religioſa, e as noſſas conquiſtas.

Porém o incanſavel viajante enfaſtiou-ſe um dia de eſtar ſempre a mudar de clima, de região, de coſtumes; o nomada começou a aborrecer-ſe

da ſua tenda, e no logar d'ella edificou uma caſa. E, como o genio nacional não admitte tranſacções, como a tendencia do noſſo eſpirito é levar tudo ao extremo, o povo mais inquieto e ouſado que tem exiſtido para logo ſe tornou o mais timido e o mais caſeiro.

Aſſim eramos no fim do ſeculo paſſado, e tão deciſivamente nos haviamos deixado vencer pelos novos habitos, que nem os ſucceſſos extraordinarios do primeiro terço d'eſte ſeculo conſeguiram arrancar-nos do lethargico torpor. Duas vezes obrigados violentamente a deixar a patria, pela aggreſſão eſtrangeira e pelas diſſenſões internas, tivemos de nos ſujeitar a ver terras eſtranhas e eſtranhos coſtumes; percorremos eſſas terras, vivemos ſegundo eſſes coſtumes; mas, quando a ſorte nos reſtituiu ao ſolo natal, precioſamente guardámos debaixo do alqueire a lição das noſſas peregrinações, o ſegredo das noſſas aventuras, as noſſas obſervações e as noſſas impreſſões. Livros de viagens, ninguem os quiz eſcrever.

Por felicidade noſſa, a immovel China fica na Aſia oriental, e a nação portugueza habita o territorio europeu. Aquelle eſtado de coiſas não podia conſervar-ſe; tinha de ſer ſubſtituido por outro. Comtudo a revolução não era das mais faceis. Preciſava-ſe de um homem grande, grande e ouſado, emprehendedor e popular, um d'eſſes

homens que ſó de ſeculos a ſeculos apparecem. Outro que a tal ſe abalançaſſe veria baldados os ſeus eſforços. Fazer viajar Portuguezes era obra para gigantes, que não para pigmeus.

O homem exiſtia, e tinha por coſtume acabar o que começava. Lembrou-ſe um dia de ir a Santarem, foi; quiz que foſſemos com elle, e ficaſſemos com vontade e tenção de lá voltar, uma e muitas vezes, ſempre pelo meſmo caminho e com o meſmo companheiro: eſcreveu as *Viagens na minha terra.*

D'eſte livro admiravel, que muitos comparam com a *Viagem em redor do meu quarto,* mas cujos legitimos congeneres ſão a *Viagem ſentimental* e os *Reiſibilder,* data a moderna litteratura de viagens em Portugal. No tempo de Garrett tudo convidava a ficar em caſa: ſó um grande eſforço arroſtava felizmente com os incommodos e obſtaculos inſeparaveis de qualquer excurſão. Mas as condições melhoraram, fizeram-ſe os caminhos de ferro dos barões em que o auctor de *D. Branca* proteſtava não andar, e outro notavel eſcriptor quebrou o encanto que nos prendia áquem das fronteiras.

Ab Jove principium, ſicut ait Aratus. Veiu de Paris o ſr. Teixeira de Vasconcellos, e com tão diſcreto e experiente companheiro encetámos agradavelmente as noſſas viagens na terra alheia. E, como os que viajamos commodamente ſenta-

dos em noſſas cadeiras, ou indolentemente reclinados em noſſos leitos não ſabemos o que é canſar, acudimos depois preſſuroſos ao convite de quantos amaveis guias teem vindo ſollicitar a noſſa curioſidade. Fomos a Paris com o ſr. Ramalho Ortigão, a Madrid com o ſr. Pinheiro Chagas, do Chiado a Veneza com o ſr. Julio Ceſar Machado, a Vienna com o ſr. viſconde de Benalcanfor, á India com o ſr. Thomaz Ribeiro, e o anno paſſado, aproveitando o dom de ubiquidade que nós os leitores poſſuimos, viajámos ao meſmo tempo no Minho, na Heſpanha, na França e na Allemanha, com o ſr. D. Antonio da Coſta, com o ſr. Teixeira de Vaſconcellos, e com o ſr. Luciano Cordeiro. Actualmente eſtamos viajando *entre palmeiras,* com o ſr. Thomaz Ribeiro.

Viajamos . . . viajam os felizes mortaes que ainda não acabaram de ler o ſegundo volume das *Jornadas*. Não me ſuccede a mim outro tanto. O livro eſtá lido, a viagem terminada. Cumpria-me agora reſumir as minhas impreſſões ácerca d'ella, e com tão boa ou má intenção peguei na penna; mas não ſei que voluptuoſa inercia ſe apodera do meu eſpirito, e lhe prohibe a analyſe do praſer que acabou de experimentar. O ſr. Thomaz Ribeiro ſabe provavelmente o que iſto é, elle que conhece de perto a exuberante natureza da India, e de perto lhe ſentiu as myſterioſas in-

fluições. O meu eſpirito, em logar de ſe prender ao livro, teima em ſe voltar para um aſſumpto ainda mais grato, que é o auctor; deixa a obra, e conſidera o poeta: e, procurando formular em breve e conceituoſa ſentença os juizos que lhe acodem, ſae-ſe com eſta: *Original!*

«Boa novidade!» haverá logo quem diga. «Iſſo ſabiamos nós ha muito tempo. Quando appareceu o *D. Jayme,* quizeram os invejoſos encontrar n'elle a inſpiração dos poetas caſtelhanos, mas os bons eſpiritos comprehenderam logo que o poema era uma obra excellente e por tanto original, viſto que a imaginação não gera nem pode gerar ſenão coiſas mediocres. Eſta opinião tem ſido reforçada pelas obras ſubſequentes do ſr. Thomaz Ribeiro, hoje é corrente: ninguem a conteſta. Não valia a pena gaſtar tempo a enuncial-a.»

Tudo iſſo é verdade, mas eu fico no que diſſe, e não ponho duvida em o repetir. Quando digo que o ſr. Thomaz Ribeiro é original, não é ſó ao poeta, é ao homem principalmente que me refiro. Eis a minha deſcoberta, eis o que deſejo provar.

Abro a ſegunda parte das *Jornadas,* e dou logo com uma coiſa ſingular. O ſr. Thomaz Ribeiro crê em Deus, na acção ſalutar da religião, na virtude e na caridade. Não pretendo inquirir ſe as ſuas opiniões ſão orthodoxas, e não inculco

que o ſão as minhas; mas baſta eſta obſervação para moſtrar que o auctor das *Jornadas* pertence ao grupo, cada vez menos numeroſo, d'aquelles para quem a materia e a força (eſſas modernas divindades que a Allemanha talvez conheça mas não define) não ſão a ultima palavra da natureza e do deſtino do homem. Qualquer que ſeja o noſſo ſymbolo, todos os que cremos em alguma coiſa para além das revelações da experiencia, ſomos membros da meſma communhão, da pequena phalange que reſiſte inabalavel aos aſſaltos do materialiſmo, do pantheiſmo, do ſcepticiſmo, do peſſimiſmo, do nihiliſmo, da doutrina do abſoluto, da philoſophia do inconſciente... e *tutti quanti*. O ſr. Thomaz Ribeiro, quando alguem eſpirra, tem o direito de lhe dizer: Deus vos ſalve! em logar de dizer, como ha poucos dias em Paris um philoſopho profundo: A materia vos ſalve! Primeira originalidade.

Vamos á ſegunda. O ſr. Thomaz Ribeiro ſabe que as pequenas ſociedades chamadas nações não teem razão de ſer, e que não exiſte já, em nome da ſciencia, ſenão uma ſó, a humanidade. Sabe iſto, e conhece, como todos nós, os dias faſtos da nova era, Woerth e Saint-Privat, Sedan e Paris; vê de todas as partes unirem-ſe os povos n'uma grande e admiravel aſſociação de idéas e inſtituições, levantando exercitos formidaveis, fabricando ſem deſcanſo e á porfia eſpingardas, ca-

nhões, couraçados, torpedos e mil outros engenhos civiliſadores; ouve os ſoluços dos vencidos e as chufas dos victorioſos; e mais que tudo, e acima de tudo, vê e ouve a immenſa, univerſal adheſão que ſauda o triumpho. Pois, ſem embargo, o fr. Thomaz Ribeiro crê na patria. Ama o paiz que o viu naſcer, e não ſó o preſente mas o paſſado, não ſó os parentes e os amigos mas os avós, ama os Cruzados da fé e da ſciencia, os cavalleiros e os navegadores, os que venceram o iſlamiſmo, e os que devaſſaram o incognito. Entende que Portugal é uma unidade hiſtorica, membro da communidade europea mas não da familia caſtelhana, que tem vida propria, creações originaes, direito a viver, e crê que ha de viver, peſe a quem peſar. Não ſoltou elle dos labios indignados o formidavel conſelho:

«*Se Portugal tem hydras, colha-as ás mãos e eſmague-as!*»

Segunda originalidade.

Reſta a terceira, a mais extraordinaria. O fr. Thomaz Ribeiro crê na liberdade politica (que ſonho!), na liberdade de conſciencia (que utopia!), na... liberdade (que blaſſemia!) Ó ſabia Allemanha, vela o rubor de tuas faces com as tuas venerandas mãos! Tu, para quem é um eſcandalo a doutrina do livre arbitrio, que realiſaſte no teu

imperio o Eſtado ideal, que tens nas tuas leis confeſſionaes o codigo mais perfeito da legiſlação religioſa, e no teu *fundo de reptis* o mais ſeguro *palladium* da liberdade de penſamento, tu, para quem Hegel é Hegel e Biſmarck o ſeu propheta, deixa-te mover de um ſentimento que outr'ora ſe chamava commiſeração, e dize a eſte ſciſmador do meio dia que não exiſte o dever nem a reſponſabilidade nem a juſtiça. Mas não... entoa antes um hymno enthuſiaſtico á caſta *Vaterland,* colhe penſativa um ramo de *vergiſſmeinnicht,* empina com olympica ſerenidade um copo de cerveja, e, em quanto te diſpões para a nocturna ronda habitual d'aquellas praças e d'aquelles jardins que bem conheces, encolhe os hombros, e pronuncia *fatalmente* a fatal ſentença: É um original!

E a madre Germania, a India do Occidente, tem razão. Crer na patria, na liberdade, no ideal... *Quantas originalidades!*

Não ſó nas grandes coiſas ſe revelam os caracteres. As pequenas ſão ás vezes ainda mais claros eſpelhos, mais ſeguros informadores. Um dos maiores cuidados do eſcriptor portuguez é aproveitar bem a primeira occaſião opportuna para deixar de o ſer. Raros ſão os martyres e confeſſores que vivem e morrem na grande religião das lettras. Pois ainda aqui foi original o fr. Thomaz Ribeiro. Chamado ha quinze ou deze-

ſeis mezes para um dos cargos mais importantes da adminiſtração publica, mil conſiderações lhe aconſelhavam que fiaſſe a ſua gloria dos livros que tinha publicado, e que ſe limitaſſe a fazer imprimir de vez em quando o ſeu nome na folha official. O que muitos, quaſi todos, fariam, não o quiz elle fazer, e do ſeu gabinte de director geral já nos enviou dois volumes excellentes. Agora promette terceiro. Que dizia eu?

É vulgar entre nós que as obras fiquem incompletas ou que a ſua conclufão ſe demore muito. A culpa temol-a todos, auctores, leitores, homens de eſtado principalmente, que ainda não chegámos a entender que nem ſó de pão vive o homem. É verdade que Théophile Gautier dizia: *mieux vaut un poeme épique manqué qu'un vaudeville réuſſi,* e reconheço que é melhor começar e deixar incompleto um monumento admiravel tal como a *Hiſtoria de Portugal* do que acabar um artigo para o *Diario de Noticias* ou uma reviſta do anno para o theatro das Variedades. Mas eſte ſymptoma é triſtiſſimo. Reaja o ſr. Thomaz Ribeiro contra a terrivel enfermidade. Publique muito breve a terceira parte das ſuas *Jornadas*. Seja mais uma vez original, que o pode ſer e que o deve ſer. Deve, tem obrigação. Sem conſultar a noſſa vontade, pela força magica do ſeu talento, levou-nos a todo o vapor *do Tejo ao*

Mandovy; demorou-nos lá em quanto bem lhe pareceu, guiando os noſſos paſſos indolentes *entre palmeiras;* o ſeu dever impreterivel é reſtituir-nos á patria, quanto antes, *entre primores* [1].

1874.

[1] *Do Tejo ao Mandovy* é o titulo da primeira e *Entre primores* o da terceira parte das *Jornadas.*

O CESARISMO

O CESARISMO[1]

O livro de que vou fallar viu, não ha muito, em França, a luz publica. Comtudo, a maior parte dos capitulos que o compõem appareceram em 1868 e 1869 na *Revista dos Dois Mundos,* e alguns tinham sido anteriormente communicados aos ouvintes da Bibliotheca Imperial sob a fórma de prelecções. O juizo severo que Beulé proferira, no seu curso de archeologia, sobre duas sinistras figuras da historia romana, Augusto e Tiberio, provocou numerosas refutações, que não podiam ficar sem resposta. A vossa severidade para com estes dois imperadores, diziam os adversarios, é a um tempo injusta e de applicação puramente pessoal. Os erros d'estes dois grandes

[1] Beulé.—*Le Sang de Germanicus.*

perſonagens provam contra elles, mas nada provam contra a theoria que elles repreſentam. A inferioridade humana não deve comprometter a mageſtade do poder. Auguſto é um *parvenu,* formado pela guerra civil: Tiberio, um intruſo, deformado pela tyrannia de Auguſto. Nenhuma d'eſtas duas almas ſe deſenvolveu eſpontaneamente, no berço encantador, na ſerena atmosphera, nas claridades vivificantes da omnipotencia.

O *Sangue de Germanico* é a reſpoſta cabal á objecção. Ainda quando ella colheſſe, nada poderia juſtificar, perante a hiſtoria, Tiberio e Auguſto, e muito menos ainda Julio Ceſar, o parricida, juſtificação que tem ſido tentada por muitos e dos menos deſintereſſados apologiſtas da theoria que eſſes imperadores repreſentaram. Mas que não colhe, provam-n'o exuberantemente, não ſó o *Sangue de Germanico,* mas todos os livros imparciaes a que tem dado origem a hiſtoria do imperio romano.

Eſte livro não nos offerece por tanto novidade, quanto á idéa fundamental, nem quanto aos principaes deſenvolvimentos. É mais um quadro da inſtructiva decadencia da republica romana durante o principado dos Ceſares, quadro muito bem concebido, e admiravelmente executado, é mais uma expoſição dos temeroſos e inevitaveis reſultados do poder illimitado, mais uma lição

ſevera aos contemporaneos; não é um informador. Mas, ſe não é novo o aſſumpto principal, grande parte dos factos ſecundarios ſão dos que pertenciam ao dominio dos eruditos e dos curioſos. N'eſte ponto, Beulé indemniſa-ſe largamente das repetições a que ſe viu obrigado, revelando-nos muitas coiſas que, ſem o ſeu livro, bem podiam ficar eternamente ſubtrahidas ao noſſo conhecimento, e que, deſde já, fazem parte do dominio da communidade litteraria.

Como obra de arte, o *Sangue de Germanico* ſó merece elogios. Beulé é um ſabio, na rigoroſa accepção d'eſta palavra. Lá eſtão para moſtrar a ſua competencia archeologica a *Acropole de Athenas,* a *Hiſtoria da arte grega antes de Pericles,* e muitos outros excellentes trabalhos que devemos á penna do illuſtre ſecretario da Academia das Bellas Artes. Mas, por um raro e apreciavel privilegio, em Beulé, a ſciencia, bem longe de contrariar a arte, ſó tem ſervido para offerecer baſe ſolida ao ſeu eſplendido deſenvolvimento. Nada lhe falta, nem a ſciencia da compoſição, nem o dom de crear, nem o eſtylo, nem a paixão.

A paixão! Eis a razão por que o *Sangue de Germanico,* aſſim com os dois livros que o precederam, *Auguſto, ſua familia e ſeus amigos*, e *Tiberio e a herança de Auguſto,* não ſão propriamente livros de hiſtoria. Sente-ſe a cada li-

nha que o auctor não é imparcial. As ſuas opiniões politicas, as ſuas ſympathias hiſtoricas, a profunda averſão que ao ſeu eſpirito generoſo e liberal inſpiram as theorias dos ſeus antagoniſtas, não podem tanto com elle, que o levem a alterar os factos voluntariamente, ou ainda a apreſental-os debaixo de côres favoraveis á ſua convicção. A ſua probidade litteraria eſtá immaculada. Mas embora. Onde reconhecemos paixão, vemos o partidario, não podemos ver o juiz. Aſſim como o juiz, o hiſtoriador não ſe limita a interrogar o reu, a ouvir as teſtemunhas e os advogados; o ſeu officio é mais lato: depois de examinar e expor, cabe-lhe pronunciar a ſentença. Poderá fazel-o, ſem offenſa dos ſeus deveres, ſe não levantar o eſpirito acima das conſiderações de partido? Seguro que não.

Beulé figura-ſe-me, pois, como repreſentando, no proceſſo do deſpotiſmo imperial, antes o papel de advogado. Examina os autos, inquire as teſtemunhas, e expõe o facto como a ſua conſciencia lh'o repreſenta, mas com a mira no triumpho da cauſa que defende. A ſua oração, vehemente e ſincera, vae ſer um dos elementos da ſentença; não é a ſentença.

Todavia, eſte livro apaixonado e convicto merece ſéria attenção. Além das eminentes qualidades que o recommendam, e que admiramos nas outras obras do ſeu auctor, o eſpirito em que foi

eſcripto, as idéas que n'elle ſão advogadas, a lição inſtructiva que d'ahi reſulta, devem provocar a ſympathia de todos os que amam ſinceramente a liberdade.

A ſociedade moderna, tal como a formou a hiſtoria dos quatorze ſeculos que nos ſeparam do imperio romano, hiſtoria de que o noſſo ſeculo é o reſultado, vê diante de ſi muitos e terriveis inimigos, que é dever de todos nós combater incanſavelmente, ſegundo as noſſas forças. Em religião, o inimigo é o paganiſmo. Em philoſophia é o materialiſmo. Na hiſtoria, o fatalismo. Na arte, o realiſmo. Em politica, finalmente, é o deſpotiſmo.

Eſtes inimigos não ſão forças diſcordes, que emprehendam e executem a ſua obra maldita independentemente; ſão alliados, ſão irmãos, ſão todos filhos de um meſmo principio: o erro. *Nihil ſub ſole novum.* Não é de hoje que o erro combate a verdade. Mas é talvez a noſſa época uma d'aquellas em que a guerra do ſophiſma tem ſido mais temeroſa, mais audaz, e ao meſmo tempo mais declarada.

A franqueza é que nos vale. O materialiſmo do ſeculo XIX é mais rigoroſo que o da antiguidade, mas não encobre a ſua hediondez com a brilhante poeſia da doutrina de Epicuro e de Lucrecio. O paganiſmo contemporaneo não é eſſa religião ſenſual a que ſe devem em parte as maravilhas da arte grega, nem eſſa tocante tradição

da decadencia romana, cuja influencia modificou ſenſivelmente as praticas auſteras da primitiva Egreja; é o culto do prazer inſtinctivo, groſſeiro, ignominioſo. O fataliſmo dos noſſos hiſtoriadores ſignifica uma coiſa muito mais abſurda do que a crença dos antigos no deſtino. Emfim, a arte inſpirada pelo realiſmo não vale nada ao pé dos mais imperfeitos eſboços que os Gregos e os Romanos nos deixaram.

Em politica, porém, temos ſido mais habeis e mais ſyſtematicos do que os antigos. Aqui é que o ſophiſma tem atacado com mais perſiſtencia, e tão vigoroſamente, que ameaça triumphar. O que, no mundo greco-romano, nunca paſſou de um facto deploravel, ſó para alguns juſtificado pela neceſſidade, real ou ſuppoſta, parece deſtinado a receber de nós a conſagração da theoria, aſſim como tem recebido a prova da experiencia. Eſta não lhe tem ſido favoravel. Acautelemo-nos d'aquella.

Todos amam a liberdade. Falla-ſe a miudo dos ſeus inimigos, mas ha impropriedade no termo. A liberdade não tem inimigos. De uns homens para outros, a differença eſtá ſó no grau da affeição que lhe teem, ou na extenſão em que a conſideram. Uns querem-lhe muito, mas querem-n'a ſó para ſi. São os Ceſares, os Napoleões. Outros preferem-lhe o oiro, as diſtincções ſociaes, os prazeres, a ſegurança. São os parti-

darios, os ſervidores, os eſcravos dos primeiros. Outros, finalmente, prezam-n'a com tão puro e deſintereſſado affecto, que a querem, não ſó para ſi, mas para todos. São a tribu eterna dos que proteſtam contra os factos injuſtos, os homens magros de que Ceſar ſe receava, os ideologos que Napoleão não podia ver, ſão os verdadeiros amigos da liberdade.

O deſpotiſmo theorico dos tempos modernos não ſe contenta com a hiſtoria europea poſterior á revolução franceza, para ſua juſtificação; pretendendo fundar-ſe em baſes ſolidas e inabalaveis, vae procurar o exemplo mais celebre da antiguidade, para com elle demonſtrar *a poſteriori* a verdade das ſuas doutrinas.

Aqui era inevitavel a adulteração dos factos. O deſpotiſmo moderno é o contrario da tradição. A dictadura imperial foi o reſultado da decadencia. Hoje os povos, emancipados das tutelas da edade média e dos ſeus tres ſeculos complementares, ſão contrariados nas ſuas aſpirações para a liberdade pelo ſyſtema das miſſões providenciaes e das delegações nos homens neceſſarios. Em Roma, foi a licença que diſſolveu a republica, entregando-a a uma ſerie de deſpotas extremamente habeis, que ſouberam aproveitar as diſcordias em beneficio do ſeu proprio poder.

Quer iſto dizer que a dictadura dos Ceſares pode explicar-ſe pela hiſtoria anterior da repu-

blica, e, aſſim como ſe explica, juſtifica-ſe a idéa da revolução que elles realiſaram, e que foi, em certo ponto, vantajoſa, não para a republica mas para a humanidade. Quer dizer tambem que o deſpotiſmo revolucionario, pretendendo quebrar com o paſſado, e impôr á ſociedade uma fórma repugnante com os ſeus direitos e com as ſuas neceſſidades, fica ſem juſtificação poſſivel.

Moſtra-nos a hiſtoria que a liberdade politica pereceu em Roma ſob a violencia de Julio Ceſar, e que, vibrados os primeiros golpes, ſe tornou impoſſivel aos bons cidadãos reſuſcital-a, nos raros e breves intervallos que a ſorte, de tempos a tempos, concedeu, entre duas tyrannias. Comtudo, apeſar da centraliſação adminiſtrativa, que os imperadores eſtabeleceram, e que ſó nós, modernos, ſoubemos exceder, imitando-a, a liberdade local não deſappareceu de todo. Os municipios eſcaparam ao nivelamento. Depois, interveiu o chriſtianiſmo com a ſua ſublime doutrina, que fazia dos ſervos de Deus os mais livres dos homens. Depois, ſurgiram as nações congregadas para a obra da renovação, os povos teutonicos, Germanos, Godos, Lombardos, com os ſeus coſtumes eſtranhos, e com o ſeu energico ſentimento de independencia.

A Egreja refreou o impeto dos barbaros, converteu-os, e fundou com elles as ſociedades de que vimos. A tradição municipal de Roma pro-

duziu, combinando-ſe com os coſtumes germanicos, as communas. Mas, antes do ſeu completo deſenvolvimento, duas idéas eſſencialmente barbaras, a identificação da ſoberania com a poſſe da terra, e outra que apparece nas épocas de grandes tranſtornos ſociaes, o patronato e a fidelidade, tinham conſtituido o feudaliſmo. Offereceu-lhe batalha a tradição de Roma imperial, e os ſeus interpretes, os legiſtas, foram os mais fieis auxiliares dos ſenhores poderoſos que procuravam engrandecer-ſe.

D'aqui a realeza. Alliada com as communas, combateu os nobres feudaes, e fortalecida pelo accreſcimo de poder que a victoria lhe ia dando, entrou pelas liberdades dos ſeus alliados. Ao principio ninguem pedia garantias. A realeza era tão fraca! A verdadeira garantia era a facilidade com que os opprimidos ſe levantavam, era a efficacia com que pediam juſtiça. Mas a realeza creſcia ſempre, porque ſó n'ella é que havia unidade e previſão. Chegou o ſeculo xv, onde appareceram ou ſe generaliſaram os tres inſtrumentos providenciaes da acção das modernas ſociedades, a buſſola, a artilharia e a imprenſa. Quem lucrou immediatamente com elles? A realeza. A buſſola dilatou os ſeus dominios, o canhão derrocou as ultimas cidadellas feudaes que ſe lhe oppunham, a imprenſa divulgou as ſciencias e as lettras de Roma, cuja auctoridade lhe tinha ſido

legada. Depois, a guerra tornou-ſe uma ſciencia. Foi preciſo eſtabelecer exercitos permanentes. As nações continentaes, tomadas de ſobreſalto, cederam n'eſte ponto; e, quando quizeram voltar atraz, era já tarde. Só a Inglaterra, paiz excluſivamente barbaro, onde a tradição romana não deitara raizes, teve a fortuna de lhe ſer propoſta a lucta muito mais tarde, quando o exemplo do continente a tinha já precatada. A grande Rebellião fez triumphar o direito nacional, e o parlamento inglez eſcapou á annullação que tiveram por ſorte as Côrtes de Portugal, de Caſtella e de Aragão, os Eſtados Geraes da França, da Suecia, da Noruega e da Dinamarca.

A realeza continental é por tanto um facto que ſe propõe neceſſariamente ao exame dos que eſtudam a hiſtoria, e que deve ſer julgado com a ponderação que reclama o ſeu grande papel. É a noſſa hiſtoria, de tres ſeculos a eſta parte. Fez muito bem. Fez tambem muito mal, mas não tanto ſeguramente como poderia ter feito, como lh'o conſentia a abdicação dos povos, não tanto talvez como teria produzido a lucta entre o feudaliſmo e as communas, ſe ella ſe não tiveſſe levantado como arbitro, e ſe não tiveſſe amortecido no ſeu immenſo eſcudo os golpes de uns e de outros. Tem direito ao noſſo reſpeito. Mais, á noſſa gratidão. O ſeculo XIX reſulta das ſuas creações. Os homens da geração que inaugurou

a noſſa era deſenvolveram-ſe ſob o ſeu influxo. Além d'iſſo, a ſua reſiſtencia foi pouco tenaz. O que ainda hoje exiſte, n'eſſe ſentido, é apenas um reſto de fidelidade tradicional e poetica, que não ameaça ſeriamente a liberdade.

As noſſas idéas mudaram. A realeza antiga podia muito. Nós apenas exigimos que o eſtado ſeja impotente para o mal. Limitamos a ſua acção a que o impeça nos outros. É verdade que o tornamos impotente para o bem, mas antes aſſim. Exerça cada qual a ſua liberdade, e o eſtado garanta a de todos.

Vê-ſe já qual é o inimigo. Acima o deixei indicado. O inimigo é o deſpotiſmo, não a monarchia abſoluta dos ſeculos precedentes, a que devemos muitos e grandes beneficios, e que, entre outros, nos concedeu o de acabar, logo que a ſua miſſão ſe achou cumprida, mas o deſpotiſmo revolucionario, e particularmente uma das ſuas fórmas, a que impropriamente ſe dá o nome de *ceſariſmo*.

Digo impropriamente, porque o ceſariſmo de Roma foi, como a monarchia abſoluta das nações occidentaes, uma evolução. Ora o ceſariſmo moderno não é uma evolução, nem ainda uma revolução, é, em theoria, a violação de todos os noſſos direitos, a contradicção das noſſas mais ardentes aſpirações, a ſuppreſſão das noſſas mais caras liberdades, é a força infrene illimitada, ſe-

cunda em ruinas, abſolutamente eſteril para o bem. Na pratica não tem ido tão longe. Que teria ſido de nós? Mas para lá tende, e lá chegará, ſe lh'o conſentirmos.

O combate tem ſido e ha de ſer multiplice. O deſpotiſmo não eſtá ſó. As outras fórmas do erro que lhe ſão congenitas pelejam a ſeu lado. Mas eſte é o ponto deciſivo. Triumphemos nós pela liberdade, pela ordem, pelo reſpeito de todos os direitos, quaeſquer que ſejam, ſem repugnancias, ſem receios pueris, e a victoria ſerá noſſa em toda a parte. Nas coiſas da terra, a liberdade é a fonte de tudo que é grande e bom.

Mas é preciſo levantar os olhos e os corações. *Non in ſolo pane vivit homo.* Vive de eſperança, de anhelos para uma vida melhor, vive de ideal. No mundo ſenſivel, não conhecemos ſenão apparencias. Tudo ſe nos occulta, tudo nos faſcina, tudo nos engana. A realidade, dil-o-hei affoutamente, apeſar da contradicção das palavras, a realidade é o ideal.

É o ideal que tem feito viver a humanidade. Foi elle que creou a religião na Judea, na Grecia a arte, em Roma o eſtado, as ſciencias poſitivas nos ultimos ſeculos, e a caridade, e a ſociabilidade, e a fraternidade, e o ſentimento da honra, do pudor, do reſpeito, tudo o que nos ennobrece, tudo o que nos exalta, tudo o que nos faz ſair dos eſtreitos limites da noſſa condição ter-

reſtre; emſim, como complemento, em todos os tempos, a liberdade.

O deſpotiſmo póde ſer combatido philoſophicamente e hiſtoricamente. A philoſophia demonſtra. A hiſtoria moſtra. Ambos os ſyſtemas ſão aceitaveis, ambos teem razão de ſer. Eu porém tenho maior predilecção pelo ſegundo. Eſtá menos ſujeito a refutações. É mais concludente: mais acceſſivel a todos. O livro de Beulé torna manifeſta uma verdade, cuja divulgação tenho por coiſa importante. O deſpotiſmo é eſſencialmente corruptor, e começa por corromper os ſeus proprios inſtrumentos. Auguſto e Tiberio não ſignificam nada, dizem, porque ſão meras excepções. Mas eſſa nobre familia de Druſo e Germanico, de Antonia e Agrippina, dando ao imperio um Caligula, um Claudio, um Nero, «um louco, um parvo e um hiſtrião», eſta moſtruoſidade, talvez ſem parallelo, não ſignificará alguma coiſa? É o que poderá moſtrar o exame dos factos narrados no *Sangue de Germanico,* mórmente a quem ſe não diſpenſar de recorrer a outros informadores. Nunca ſerão de mais as forças congregadas para eſta cruzada da verdade contra o erro, das legitimas pretenſões da liberdade contra as ſelvagens exigencias da tyrannia.

1870.

OS PRIMEIROS SECULOS

DA

REPUBLICA ROMANA

OS PRIMEIROS SECULOS

DA

REPUBLICA ROMANA

I

Um dos maiores eſpectaculos da hiſtoria é, ſem duvida alguma, a conquiſta do mundo pelos Romanos. Por mais elevada idéa que façamos d'eſſes homens cujo deſtino foi, como dizia Curio Dentato, não poſſuir, mas imperar aos que poſſuiam, ſe não recorrermos a conſiderações de outra ordem, o facto ficará ſem explicação.

Como prova, baſta enumerar de corrida as qualidades que caracteriſavam as diverſas nações com quem elles tiveram que luctar, e as circumſtancias naturaes e accidentaes que ſe lhes oppoſeram.

Na Heſpanha, o amor á independencia, e uma tenacidade digna da conſtancia romana. Nas Gallias, grandes forças corporaes e um valor militar ſuperior. «Com Gallos,» dizia Salluſtio, «peleja-

ſe pela ſalvação, não pela gloria[1].» Na Macedonia, a phalange. Na Grecia, a philoſophia, as artes, a eloquencia, a poeſia, e as mais brilhantes tradições. Na Aſia Menor e na Syria, o genio hellenico e a memoria de Alexandre. No Egypto, a herança da Grecia, prodigioſo fanatiſmo religioſo, e uma indifferença politica ſummamente perigoſa para os dominadores. Em Carthago, a ſciencia da navegação e do commercio, que Roma não teve nunca, os ſombrios myſterios e os ardis do eſpirito ſemitico, e um homem verdadeiramente grande. Na Sicilia, uma civiliſação ſuperior, e Archimedes. Emfim, ás portas da cidade, a inimizade dos Latinos, a bravura dos Volſcos e dos Equos, o antagoniſmo dos Etruſcos, o patriotiſmo e o valor indomavel dos Samnitas, a quem a fortuna, não a juſtiça, negou o ſceptro da Italia.

Se as guerras Medicas immortaliſaram o nome grego, e mais que todos o nome athenienſe, Roma pelejou inceſſantes batalhas com inimigos vindos do norte, do ſul, do oriente, e muitas vezes em condições deſſavoraveis. Mas nem os Gaulezes, nem a confederação do Samnio, nem Pyrrho, nem Annibal, nem os Cimbros, nada, até ao imperio, pôde prevalecer contra ella.

[1] *Cum Gallis pro ſalute, non pro gloria, certare.* (Jugurtha, 114).

Em nenhum povo ſe encontrou ainda tão bem eſtabelecido como em Roma o equilibrio dos dois principios fundamentaes das ſociedades, a auctoridade e a liberdade. Os Romanos, com o ſeu profundo genio pratico, tinham deſcoberto a melhor combinação poſſivel de dois elementos que, por ſua natureza, parecem excluir-ſe reciprocamente. A auctoridade, na familia. A liberdade, no eſtado.

Em Roma, o pae de familias exercia ſoberanamente o patrio poder, o poder marital, e o poder dominical. Filhos, mulher, eſcravos, todos lhe eram ſujeitos, todos ſe curvavam a um aceno ſeu. A auctoridade tribunicia, a mageſtade conſular, a propria omnipotencia dictatorial, cediam perante a vontade paterna. O poder era illimitado, o ſeu exercicio independente das leis, ou antes ſuperior a todas as leis, oriundo de uma lei antiquiſſima e anterior á conſtituição da ſociedade romana. A immobilidade apparente das inſtituições politicas exiſtiu de facto aqui, e, ſe a auctoridade ſuprema do chefe da familia veiu por fim a acabar diante dos novos principios do direito e de outras neceſſidades ſociaes, não acabou ſem ter cooperado de modo importante na formação d'eſſes caracteres que tanto exaltaram a gloria do nome romano.

A conſtituição do eſtado teve outros deſtinos. Durante o governo dos reis, a politica d'eſtes ti-

nha ſido procurar apoio nas claſſes inferiores dos cidadãos, para reſiſtir ao poder do ſenado e dos patricios. Conſeguiram-n'o, aggregando á cidade, por adjuncções ſucceſſivas, os povos vencidos, e modificando o ſyſtema eleitoral. É iſto o que parece reſultar do eſtudo que tem ſido applicado a uma época, de que temos a lenda, e de que nos falta a hiſtoria. Servio Tullio inſtituiu os comicios por centurias, onde predominavam os ricos, e attribue-ſe-lhe o projecto de modificar a fórma do governo no ſentido em que eſta modificação foi realiſada depois da expulſão dos Tarquinios, mas indubitavelmente dando maior expanſão á cidade, e cerceando os privilegios ariſtocraticos.

A revolução que Servio projectara para favorecer os plebeus, foi (ſegundo a poetica tradição romana) provocada por um attentado infame. Os chefes da nobreza, vencidos os Tarquinios, conſtituiram a republica, guardando toda a auctoridade e toda a influencia, e não concedendo realmente á plebe ſenão os direitos civis, que pouco valem, ſem a garantia dos direitos politicos. Para a grandeza dos Romanos foi util que aſſim ſuccedeſſe, porque ſó ao ſenado e á ordem patricia podia então ſer commettido o difficil encargo de reger o eſtado. Os plebeus não ſe tornaram homens de governo ſenão durante a lucta que por tanto tempo ſe pelejou entre as duas ordens, e

nunca provavelmente teriam conſeguido ſel-o, ſe a egualdade politica, que lhes levou duzentos annos a alcançar, tiveſſe ſido deſde logo decretada. A reforma que com o tempo vieram a ſoffrer as inſtituições republicanas realiſou-ſe vagaroſamente, e podemos dizer que, depois da forte conſtituição da familia, foi a eſſas dilações que Roma deveu principalmente a prudencia e a firmeza dos ſeus homens do eſtado, o valor das ſuas legiões, o patriotiſmo e a diſciplina dos ſeus cidadãos.

No principio da republica acharam-ſe frente a frente e em hoſtilidade aberta duas claſſes de cidadãos. De uma parte, a ordem patricia, diſpondo do ſenado, dos comicios, das magiſtraturas. Da outra, os plebeus, tendo como attribuições politicas unicamente o ſerviço nas legiões, e o voto, que o ſyſtema eleitoral annullava. No preſente era muito pouco. Para o futuro era tudo.

Na grande lucta travada entre as duas ordens pela retirada da plebe para o Monte Sacro, e terminada pela conquiſta definitiva da egualdade politica em 302, quando finalmente aceita dos patricios a capacidade dos plebeus para os cargos ſacerdotaes, ambas lucraram muito. A ordem plebea adquiriu a diſciplina, o amor da juſtiça, o reſpeito ás claſſes elevadas e a averſão ás reſoluções extremas, raras vezes bem fadadas e ſempre periogoſas: de ſorte que, no dia em que o tribuno Sextio exerceu pela primeira vez com um

collega patricio a magiſtratura conſular, todos ſe viram forçados a reconhecer que o poder ſupremo não podia cair em mais dignas mãos.

É verdade que a eſſe tempo já o conſulado não ſubſiſtia em toda a ſua integridade. O conſul era ainda general, adminiſtrador e inconteſtavelmente o primeiro magiſtrado da republica; porém muitas das ſuas antigas attribuições pertenciam a outras magiſtraturas, cujo ingreſſo não pôde ſer negado aos plebeus, a queſtura, a edilidade, a cenſura, a pretura. Eſtabelecera-ſe d'eſta fórma, regularmente e ſem quebra violenta das tradições, a diviſão dos poderes, que tão uteis reſultados produz. A conſtante ſollicitação dos plebeus concorreu para que os ſeus antagoniſtas levaſſem ao extremo, quaſi ao ideal, as virtudes que as inſtituições e as circumſtancias particulares da ſua origem e da ſua condição n'elles deſenvolviam. Gozando da auctoridade que a ſua poſição ſocial lhes grangeava e do preſtigio de um paſſado glorioſo, cujo aſpecto eſtavam ſempre modificando as creações populares da lenda; realçando-lhes os dotes peſſoaes, privilegio das verdadeiras ariſtocracias, a gloria militar, o conhecimento dos negocios, e o exercicio do poder que, com o ſyſtema das magiſtraturas annuaes, a todos vinha a tocar, os patricios corriam o graviſſimo riſco de iniciarem cedo eſſe periodo de decadencia, fatal para as caſtas que ſe não reno-

vam, e de chegarem por fim a converter a auctoridade de que dispunham em mero instrumento de satisfação particular. Diante dos plebeus, forçoso lhes foi converter todas as faculdades em instrumentos de gloria nacional, e pela victoria que afinal recompensou os trabalhos dos seus adversarios, a ordem patricia recebeu nas veias sangue mais quente e talvez não menos generoso.

Uma das originalidades da historia romana é o caracter quasi pacifico e legal d'esta importante reforma, que tão grandes resultados produziu. O genio dos Romanos era proceder assim. Logo que o systema mudou, logo que todos os pelejadores, consules e tribunos, começaram a recorrer a meios violentos e á intervenção da força bruta, não foi senão um decair incessante da anarchia no despotismo.

Não quero dizer com isto que na grande lucta a que me refiro foram sempre respeitadas as fórmas legaes. Legalidade absoluta, ninguem a espere de um povo que pugna pelos direitos politicos. É certo que os *arrufos* da plebe, e a reluctancia ao alistamento, que se verificou mais vezes do que podia consentir a gloria do nome romano, não são meios justificaveis, e outro tanto devemos dizer das violencias exercidas pelos patricios; mas estes factos contam-se. Em regra, sobretudo depois que o tribunado começou a influir energicamente, procedeu-se pelo modo que

a boa razão e o direito prefcreviam, e as grandes conceffões foram quafi todos alcançadas affim.

De uma e de outra parte, os chefes parecem pleitear em grandeza. A Coriolano, a Appio Claudio e a Cincinnato, oppõem-fe fem defvantagem o enigmatico Spurio Caffio, Volero, Virginio, Licinio Stolon e Sextio. Porém maior do que todos foi effe Camillo, em que fe refumem as glorias da primeira época da republica, e que teve a honra de congraçar as duas ordens.

II

Se é verdade, como diz Monteſquieu, que, «ao naſcer das ſociedades, ſão os chefes das republicas que formam a inſtituição, e é depois a inſtituição que fórma os chefes das republicas,» o mais completo elogio das inſtituições romanas eſtá nos homens que d'ellas procederam.

Os ſentimentos fundamentaes de um Romano eram o amor da liberdade, o amor da juſtiça, a veneração religioſa para com a divindade, e a confiança nos deſtinos da patria. Ora, como a cada um d'eſtes ſentimentos correſponde uma virtude, a hiſtoria dos primeiros ſeculos da republica não regiſtra ſenão grandes exemplos.

O que o ſenado decidia, e os magiſtrados ordenavam, era a norma por que todos ſe dirigiam. Ninguem ouſaria ſubſtituir o dever da obediencia pela ſua vontade peſſoal. Eſte ſentimento de diſciplina, tão fecundo em reſultados excellentes,

não é porém, na ordem das virtudes publicas dos Romanos, o que mais ſympathias chama. Mais grandioſa é, ſem duvida alguma, a conſtancia e a fortaleza patriotica, que nunca os deſamparou.

Eſtou que ſuccede a muita gente deixar-ſe illudir, quando ſe lhe deſenrola diante dos olhos o quadro das conquiſtas romanas, pelas grandes vantagens que tocaram á cidade, a ſua poſição, unica na Italia, o eſpirito bellicoſo dos ſeus habitantes, formado pela guerra e para a guerra, as raras qualidades dos chefes que os guiavam, e a deſunião dos povos viſinhos, não reconhecendo por tanto as difficuldades reaes que tantos tropeços pozeram ao ſeu progredir, e não tomando na devida conta a ſituação critica em que ella tantas vezes ſe encontrou. Comtudo, taes foram eſſas criſes, que é muito para admirar que a republica ſaiſſe d'ellas, como de facto ſaiu, ſempre victorioſa, e ſempre mais forte. A invaſão gauleza e a deſtruição da cidade, a ſublevação dos povos ſubmettidos que ſeguiu immediatamente eſta grande cataſtrophe, as quatro encarniçadas guerras de Samnio, Pyrrho e os ſeus elephantes, Annibal e os ſeus mercenarios, ſão prova cabal do que acabo de dizer.

Quanto mais temeroſo era o lance, tanto mais ſe elevava a tenacidade romana, e tanto mais ſe exaltavam as virtudes civicas, ſem as quaes o va-

lor guerreiro mal baſta para defender um paiz. O legionario era valeroſo no campo da batalha, arriſcava goſtoſamente a vida pela patria, e, tendo em pouco os deſpojos, tão vivo deſejo de gloria o animava, que, no dizer de Salluſtio, «mais vezes eram punidos na guerra os que contra ordem com o inimigo pelejavam, e os que depois da chamada mais tarde ſaiam do combate, que os que deſamparavam as bandeiras, ou carregados cediam o poſto [1].» Porém a ſorte das armas é caprichoſa; a victoria, que os poetas imaginam alada, nenhum exercito, por denodado e familiar com ſeus favores, pode contar com ella; e, ſe o eſpirito publico não tiveſſe renovado permanentemente as legiões defenſoras, fazendo de cada cidadão um ſoldado, certo que Roma ſe não teria levantado de alguma das grandes invaſões.

[1] *Quod in bello ſaepius vindicatum eſt in eos qui contra imperium in hoſtem pugnaverant, quique tardius, revocati, praelio exceſſerant, quam qui ſigna relinquere, aut, pulſi, loco cedere auſi erant.* (Catilina, 9).

III

Eſſes homens, que o amor da patria improviſava, ſempre que as circumſtancias o exigiam, ſoldados, adminiſtradores e generaes, ſão os meſmos que ainda hoje dão ao mundo o exemplo das virtudes humildes, que viviam parcamente do grangeio das ſuas propriedades ruſticas, ſem que, além d'eſtas, conheceſſem outras occupações que não foſſem os negocios contencioſos e o ſerviço do eſtado, e que de boa vontade diſpenſavam as commodidades da vida e os prazeres do luxo, pondo a ſua ventura em que a republica contaſſe muitos conſulados glorioſos, muitas dictaduras reparadoras e muitos triumphos eſplendidos.

Os exemplos ſão numeroſos, e fallam bem alto. Cincinnato é chamado do campo para a dictadura, Attilio Serrano para o conſulado. Os Decios dedicam-ſe pelo exercito. Manlio Torquato e Poſthumio Tuberto immolam ſeus filhos á diſ-

ciplina. Manio Curio e Fabricio, eſſes eſpelhos da inteireza, preparam por ſuas mãos ſeus frugaes alimentos. Fabio Rulliano, eſcolhendo Papirio Curſor para dictador, ſacrifica ao intereſſe da patria porventura a mais ardente das paixões, o odio. Attilio Regulo, triumphante na Africa, roga ao ſenado que o deixe voltar á Italia para olhar pelo ſeu predio d'onde lhe havia fugido o eſcravo com os bois; e eſſe meſmo homem ſoffre, por ſe conſervar fiel ao juramento, o mais affrontoſo ſupplicio. E ninguem tome eſſes exemplos por factos iſolados. As grandes acções não ſão aqui, como em outras épocas, o fructo de qualidades generoſas deſenvolvidas artificialmente. Não é agora o caſo dos Phocions e dos Catões. Se ha na hiſtoria homens cujo procedimento deve ſer em tudo referido á patria, eſtes ſão, por certo.

Quem aprecia a politica do ſenado não ſabe para onde deva inclinar a balança do louvor, ſe para a grandeza dos planos, ſe para a inquebrantavel firmeza, de que reſtam tão claros teſtemunhos, ſe para a dignidade, digamos o termo proprio, a mageſtade do proceder, ſe para a habilidade com que era aproveitada a victoria.

Com effeito, o ſenado, que Cineas denominava uma aſſembléa de reis, reſpondia, durante a guerra de Pyrrho, ás offertas de auxilio feitas pelos Carthaginezes que a republica romana não empre-

hendia guerras com que não podeſſe, e rejeitava indignado a imfame propoſta do medico do rei epirota. Depois da batalha de Cannas, concedia apenas trinta dias de luto á dôr dos cidadãos, ia em corporação agradecer ao inhabil conſul plebeu Terencio Varrão, que tinha perdido o exercito, o não ter deſeſperado da republica, e mandava vender em praça o terreno onde eſtava aſſente a tenda de Annibal. Quaeſquer que foſſem as circumſtancias, a *aſſembléa de reis* não ſe eſquecia nunca de que repreſentava o povo romano.

Mas onde, na minha opinião, mais ha que admirar e aprender é no ſyſtema ſeguido em relação aos vencidos.

Nenhum outro povo da antiguidade pôde conſervar as ſuas conquiſtas, porque nenhum quiz renunciar aos direitos que lhe cabiam como vencedor. As grandes republicas da Grecia, ſobretudo Athenas, que tão digna foi de exercer uma dominação bemfazeja, nunca poderam acabar comſigo que cedeſſem das ſuas pretenſões municipaes, e aggregaſſem voluntariamente á cidade os povos que a victoria lhes rendia. O ſyſtema dos Romanos foi, n'eſte ponto como em outros muitos, inteiramente oppoſto, e d'ahi lhes reſultou a amplidão e a permanencia do ſeu imperio.

Em relação aos vencidos, a politica dos reis tinha ſido, como já indiquei, augmentar com elles a cidade, forçando-os a deixar os ſeus lares. A

revolução conſular não foi favoravel a eſte ſyſtema, e as adjuncções collectivas de cidadãos ceſſaram immediatamente. Havia n'iſto calculo ariſtocratico, mas deve-ſe reconhecer tambem que as tranſſuſões forçadas, cuja execução era extremamente barbara, ſe iam tornando pouco a pouco quaſi impraticaveis. Qualquer porém que foſſe o motivo, é certo que o antigo ſyſtema foi poſto de parte, e que o ſenado ſe viu obrigado a recorrer a outro.

O novo ſyſtema, muito mais habil e de muito mais fecundos reſultados, conſiſtia em expandir a cidade, creando cidadãos romanos fóra de Roma e do territorio romano, e fraccionando o direito de cidadão, ſegundo certas e determinadas regras. A alguns povos couberam todos os direitos derivados do titulo de cidade, a outros ſómente a communicação do direito quiritario, ſem participação nos actos do governo, e ſem capacidade politica. Deſde então a cidade poſſuiu fóra do ſeu territorio muitos filhos que eram admittidos no ſenado, votavam no Campo, e pelejavam nas legiões, e, atraz d'eſtes, outros menos favorecidos, que no decorrer do tempo podiam chegar a conſeguir os privilegios dos primeiros.

As cidades aggregadas á ſociedade romana tinham o nome de municipios. Havia-os de tres claſſes. Na primeira, os habitantes gozavam da plenitude do direito de cidade, iſto é, do direito

quiritario e dos direitos politicos. Os da ſegunda honravam-ſe com o titulo de cidadão, e ſerviam nas legiões, mas não votavam nem eram admittidos como candidatos ás magiſtraturas. Aos da terceira ſó era concedido o direito quiritario, ſem o apreciado privilegio de fazer parte do povo romano. Abaixo dos municipios eſtavam as prefeituras, os povos ſujeitos (de todos os menos favorecidos), e os alliados, que ſe achavam ligados a Roma por convenções em que a egualdade apparente mal diſſarçava a ſujeição real.

O que ſuccedera com o titulo de cidadão ſuccedeu tambem com o titulo de Latino e de Italiano. Conſtituiu-ſe um direito abſtracto, que, creando Latinos fóra do Lacio, e Italianos fóra da Italia, outorgava, com o direito civil de Roma, maior ou menor capacidade para o conſeguimento do titulo de cidadão.

D'eſta fórma, exigindo a cada povo e a cada cidade um tratado eſpecial, e prohibindo que communicaſſem uns com os outros, já formando ligas, já contratando, já unindo-ſe pelo matrimonio, o ſenado logrou dividir profundamente os intereſſes dos vencidos. Para obſtar a que os bons effeitos do ſyſtema foſſem annullados por ſucceſſos impreviſtos é que foram eſtabelecidas as colonias. Eſtas guarnições, formadas originariamente de veteranos e de plebeus pouco favorecidos da fortuna, reſidentes em territorio que

fôra dos ſeus viſinhos, e por tanto rodeadas de inimigos que as traziam ſempre apercebidas, vigiavam os vencidos, e fruſtravam as ſuas revoltas, propagavam a lingua, as leis e os coſtumes dos Romanos, alliviavam a cidade pelo facto da ſua emigração, e defendiam-lhe os poſtos avançados.

O que valiam as colonias, e qual era a ſua importancia no ſyſtema defenſivo de Roma, bem o conheceram Pyrrho e Annibal, quando ſe viram apertados no circulo de ferro que eſſes baluartes vivos lhes fecharam na rectaguarda, e que ſó o ſeu genio militar conſeguiu partir.

Depois da victoria, aſſim como no mais rijo da peleja, a politica do ſenado, que conſiſtia ſobretudo em tranſigir imperialmente com os vencidos, e em fazer do titulo de cidadão a mais deſejada de todas as conceſſões, é digna do conſelho de um grande povo. O ſyſtema tão habilmente applicado não foi conſtruido artificialmente, mas ſaiu da natureza das coiſas e dos ſucceſſos. Aqui, bem como na lucta das ordens, o caminhar vagaroſo mas inceſſante produziu os ſeus maravilhoſos reſultados.

Cumpre notar todavia que, ſe o caracter publico dos Romanos e muitas das ſuas virtudes privadas teem juſto titulo á noſſa admiração, nem eſſe caracter nem eſſas virtudes excitam em nós a ſympathia que nos attrahe para outros povos,

por exemplo, para os Athenienſes. Aqui as virtudes, ainda as mais humanas, ſão todas marcadas com um ſêllo de tão grande auſteridade, que a eſtima vae para ellas primeiro do que a inclinação, e nada ſe encontra que poſſa ſer comparado ás qualidades amaveis e aos raſgos brilhantes dos vencedores de Marathonia e de Salamina. A luz que inunda eſplendida a terra abençoada da Grecia paſſa diſcretamente através das nuvens ſeveras do ceo italiano. Além, illumina um povo de heroes e de artiſtas. Aqui, illumina um povo de cidadãos.

A gloria civica é porém a maior de todas, e, n'eſte ſeculo, em que, mau grado da generoſidade com que elle acolhe tudo o que é grande, a idéa de liberdade anda expoſta a tão ſingulares aventuras, não creio que haja eſpectaculo mais fortalecedor do que os quatro ſeculos de conſtituição livre de um povo que naſceu n'um couto, e acabou por conquiſtar o mundo.

1865.

AMÉDÉE THIERRY

AMÉDÉE THIERRY

I[1]

Foi Roma, na primeira época da ſua hiſtoria, um eſtado monarchico limitado por poderes mal definidos, mas de tal fórma combinados que o ſeu exercicio obſtava a que a acção do po-

[1] *Tableau de l'empire romain.* A idéa fundamental d'eſte livro admiravel, um dos melhores trabalhos de hiſtoria do noſſo ſeculo, inſpirou o modeſto artigo que apparece protegido pelo nome do grande hiſtoriador. Devo advertir porém que Amédée Thierry julga a revolução ceſarea com muito mais indulgencia do que a mim me é poſſivel fazel-o. Não que eu veja Roma como, ſegundo elle diz, a via Monteſquieu, do alto do Capitolio. Eſſe ponto de viſta enganar-me-hia de certo. Os Celtas, cujo ſangue gira nas veias de Amédée Thierry, contam-ſe entre os aſcendentes do noſſo povo; a Gallia e a Heſpanha tiveram identicos deſtinos. Ambas foram ſubjugadas após uma reſiſtencia admiravel, ambas entraram humilhadas no ſyſtema ro-

der central degeneraſſe em tyrannia. Mas, como o patriciado gozava da força que dão as riquezas, a união e a ſciencia, os reis procuraram oppor-lhe na plebe um elemento que conſeguiſſe contrabalançal-o. D'aqui vieram as continuas guerras de conquiſta, e a aggregação de cidadãos dos povos vencidos á população primitiva. D'aqui proveiu tambem a ſubſtituição dos comicios curiatos pelos comicios por centurias; e, como conſequencia, a manutenção temporaria do equilibrio entre a nobreza e a plebe. Porém, ſegundo a tradição, o ferreo deſpotiſmo do ſegundo Tarquinio provocou a exploſão do ſentimento ariſtocratico, e a revolução de 510 levou ao poder os chefes dos antigos cidadãos.

A republica conſular acabou com o ſyſtema da tranſſuſão dos povos, que lhe não era favoravel, e inaugurou o da conceſſão ſingular dos direitos

mano. Mas o filho dos vencidos pode reconciliar-ſe com a memoria dos vencedores. Roma republicana impoz-nos uma lei iniqua, mas Roma imperial eſtendeu por ſobre o mundo um immenſo veu negro, cujas orlas luctuoſas não deſappareceram ainda do noſſo horiſonte. Aquelles cujo credo politico ſe reſume em duas palavras: legitimidade (direito) e liberdade, devem ſeguir as partes da republica romana. O noſſo heroe não é Ceſar em Pharſalia, nem Antonio no Forum, nem Auguſto em Accio. É Catão em Utica, Labieno em Munda, Bruto e Caſſio em Philippes. São os que morreram com a liberdade, não os que a deſtruiram. A victoria não é um argumento.

de cidadão, mais ou menos fraccionados. Desprezando as tradições das republicas municipaes da Grecia, cujo direito publico externo era o odio do estrangeiro, Roma, implacavel com os inimigos, abriu o seio aos vencidos, mais ou menos liberalmente, mas sempre no sentido da expansão da cidade. As colonias enterraram-se nos povos adversos como valentes cunhas, que deviam no decurso do tempo abrir o enorme tronco das rivalidades e dos rancores; os municipios foram outros tantos exemplares mais ou menos parecidos com o typo que os produzia; os tratados particulares que ligaram Roma successivamente aos Latinos e aos Italianos constituiram um direito abstracto, que, sob as denominações de *direito do Lacio* e *direito italico,* outorgava, com os beneficios do direito civil romano, certa capacidade para o conseguimento do foro de cidadão.

A constituição interior modificou-se incessantemente sob a influencia da acção aristocratica, e da reacção dos novos cidadãos, dos plebeus. Estes, extincta a dependencia do patronato originario ou sollicitado, constituiram em Roma uma classe importante, privada na realidade de todos os direitos politicos, inferior aos patricios em organisação, em riqueza e em saber, mas poderosa pelo numero e pelas ambições. Travou-se o combate na primeira retirada da plebe para o

Monte Sacro, e prolongou-ſe com varia fortuna até o anno em que os plebeus conſeguiram a admiſſão aos cargos ſacerdotaes, ultima cidadella dos ſeus adverſarios. Os patricios reſiſtiram tenazmente, mas ſouberam ceder a tempo, evitando a guerra civil e a diſſolução da cidade, e é n'eſta lucta porfioſa que ſe deve procurar a origem das diverſas magiſtraturas para onde paſſaram ſucceſſivamente muitas attribuições do conſulado, a queſtura, a edilidade, a cenſura, a pretura. Os patricios não recuavam aqui ſenão para ſe recobrarem além, e, ſe os plebeus lograram afinal, por intervenção dos ſeus magiſtrados proprios, os tribunos da plebe, exercer todas as magiſtraturas curues, nenhum chegou a poſſuir a auctoridade completa que a conſtituição de 510 concedera aos primeiros conſules.

Eram os plebeus os patronos naturaes dos Latinos, dos Italianos, e, ao depois, dos Sicilianos, dos Heſpanhoes, dos Gregos e dos outros povos que a conquiſta ia ſujeitando ao dominio romano. Paſſada eſſa época aurea de equilibrio, bom governo e ordem, que ſuccedeu á ſegunda guerra punica, a queſtão ſocial propoz-ſe imperioſamente com todas as ſuas tremendas eventualidades. O eſtado romano tinha mudado de natureza; os coſtumes primitivos, as virtudes que tinham ſido a gloria e a força dos primeiros ſeculos tinham deſapparecido; a claſſe média, formi-

davel inſtrumento de conquiſta, que era nas legiões o que o ſenado era na cidade, perecera nas terras eſtranhas ſob o ferro inimigo ou na Italia aos golpes deſpiedados dos uſurarios, dos publicanos e dos grandes proprietarios; a velha ariſtocracia quiritaria cedera o campo a uma ariſtocracia nova, que tinha todos os vicios da antiga, ſem nenhuma das ſuas grandes qualidades.

A tentativa de regeneração interna de Catão, plebeu tradicionaliſta, foi baldada. Seguiram-ſe os Gracchos, que propozeram audazmente a reivindicação do dominio publico, e a conceſſão dos direitos de cidade em mais larga eſcala. Ambos pereceram ás mãos da oligarchia. Druſo teve egual ſorte, aſſim como Saturnino: de maneira que nenhuma tranſacção opportuna veiu obſtar á ſublevação dos Italianos. Roma levou a melhor, porque os plebeus eſqueceram as diſſidencias que os ſeparavam dos patricios, diante do perigo da patria, e o ſeu heroe, Caio Mario, pelejou ſem grande diligencia, mas lealmente, nas fileiras romanas: porém o reſultado da victoria foi, apeſar da cruel reacção ariſtocratica de Sylla, a conceſſão da cidade aos povos vencidos na guerra ſocial.

Morto o dictador, começou eſſa época extraordinaria, fecunda em agitações lamentaveis na cidade, e em conquiſtas glorioſas no exterior. Em quanto os cavalleiros diſputavam a judicatura aos

ſenadores, a Heſpanha, romaniſada por Sertorio, cedia ás armas romanas. Quando Catilina tramava o levantamento de todos os deſeſperados da Italia, Pompeu acabava no Oriente a obra de Lucullo. Finalmente, as pelejas ſangrentas e eſtereis de Clodio e Milão no Forum, no Campo Marcio e na Via Appia coincidiam com a ſujeição da Gallia, levada a cabo, após nove annos de lucta encarniçada, por Julio Ceſar.

Não é aqui o logar proprio para avaliar a origem, as cauſas occaſionaes, a neceſſidade e as conſequencias da revolução que acabou com a liberdade. Por maior que na hiſtoria ſe nos apreſente Julio Ceſar, não poſſo em conſciencia attribuir-lhe as intenções que muitos hiſtoriadores lhe attribuem, concedendo-lhe um dom de previſão mais extraordinario do que o ſeu genio e do que os ſeus feitos. Não vejo n'elle ſenão um ambicioſo, mas a revolução que effectuou é o maior acontecimento politico da antiguidade, e foi até certo ponto um beneficio para os povos que obedeciam á lei de Roma.

Digo *até certo ponto,* porque me parece que a unidade romana eſtava quaſi perfeita. O Oriente tinha ſido unificado pela eſpada de Alexandre e pela litteratura hellenica; todo elle reconhecia a auctoridade, ou pelo menos a hegemonia da cidade do Tibre. O Occidente eſtava mais atrazado; porém muitos dos povos que n'eſſe grupo

ſe comprehendiam tinham entrado na orbita romana quanto baſtava para que ſe lhes podeſſe applicar o ſyſtema ſeguido em relação á Italia. A vez dos outros chegaria brevemente.

Por tanto a queda da republica não era indiſpenſavel. O chriſtianiſmo teria encontrado em todo o caſo eſſa unidade ſocial que tanto concorreu para a ſua rapida propagação. Se Julio Ceſar não tiveſſe conſummado o parricidio, o imperio não teria durado tanto, mas figura-ſe-me que os reſultados não haveriam ſido funeſtos.

Em primeiro logar, a liberdade, que é a grandeza moral dos eſtados, não teria deſapparecido do ceo do mundo antigo. A fórma conſular não convinha ás neceſſidades da occaſião, mas podia ſer ſubſtituida por outra mais larga, ſem que o deſpotiſmo prevaleceſſe. Por outra parte, ſe a manutenção da conſtituição republicana tinha de produzir a diſſolução do eſtado romano dois ou tres ſeculos antes da grande invaſão barbara, quer-me parecer que não era contrario aos intereſſes da civiliſação que os povos do Norte encontraſſem, em logar do imperio decadente, nações jovens e vigoroſas, ſeparadas da grande arvore na época da ſua vida activa, e proprias para reſiſtir a quaeſquer inimigos.

É comtudo verdade, como acima apontei, que os membros da aſſociação romana lucraram em geral com a tranſformação que ſe realiſou pouco

antes da vinda de Jeſus Chriſto. Foi Julio Ceſar quem inaugurou o imperio, porque a ſua intervenção nos negocios tornou quaſi impoſſivel a reſtauração da antiga ordem das coiſas, mas o verdadeiro fundador foi Auguſto. Do ſeu principado datam os grandes beneficios que as provincias receberam da revolução: a paz, a adminiſtração regular, a juſtiça equitativa.

Julio Ceſar tinha augmentado de modo prodigioſo o numero de cidadãos. Auguſto foi mais moderado, aſſim como Tiberio, excellente adminiſtrador, apeſar dos ſeus vicios e dos ſeus crimes; mas o ſyſtema continuou a ſer applicado largamente, ſobretudo por Claudio. Aos Ceſares ſuccederam tres uſurpadores militares, cuja lucta temeroſa moſtra evidentemente quão precaria era a paz e a ordem que reſultavam do eſtabelecimento do imperio; mas, tendo o genio de Roma ſuſcitado Veſpaſiano e Tito, a dynaſtia que ſuccedeu á dos Flavios inaugurou uma época de proſperidade nunca viſta e de emancipação para os ſubditos menos favorecidos.

Trajano, o ſegundo Ceſar; Adriano, o grande adminiſtrador; Antonino, o *ampliator civium;* Marco Aurelio, o philoſopho que praticava no throno as virtudes que o eſtoicicſmo tinha enſinado aos antigos ſenadores da oppoſição, aos Thraſeas, aos Helvidios Priſcos, todos concorreram para a extincção gradual da cidade, e para

o aperfeiçoamento da adminiſtração. A primeira obra tinha de ſer acabada por Caracalla, a ſegunda por Diocleciano.

As provincias iam-ſe ſuccedendo no throno ſegundo o ſeu grau de civiliſação. Os principes heſpanhoes foram ſubſtituidos pelos ſyro-africanos. O grande Septimio Severo organiſou admiravelmente o eſtado militar, poderoſo engenho de conquiſta, não menos poderoſo inſtrumento de dominação interior. A ſeu filho Caracalla coube a gloria de aſſignar a conſtituição que concedeu a cidade a todos os habitantes livres do imperio.

Pelo meado do terceiro ſeculo da era chriſtã, o imperio eſteve a ponto de ſe diſſolver. Os uſurpadores levantaram-ſe em quaſi todas as provincias, e os ſoberanos d'eſſe tempo não tinham força que baſtaſſe para lhes reſiſtir. Surgiram porém tres grandes imperadores, Claudio II, Aureliano, e Probo, todos tres Illyrios, que ſouberam a um tempo abater os tyrannos e repellir os barbaros, facultando por eſta energica repreſſão, o eſtabelecimento da fórma tetrarchica [1], que deu ao imperio do Occidente mais dois ſeculos, e ao do Oriente mais doze ſeculos de duração.

[1] A fórma tetrarchica deſappareceu e reappareceu por vezes, mas a idéa fundamental da inſtituição, iſto é «dois imperadores unanimes,» ſubſiſtiu.

O imperio não podia manter-ſe por mais tempo ſob a tutela de um ſó regedor. A diviſão da auctoridade foi a grande idéa de Diocleciano, produziu excellentes reſultados no ſeu tempo, e tornou-ſe deſde então a principal maxima politica até á queda do imperio do Occidente.

Conſtantino governou ſó, e Conſtancio, e Julião, mas iſto reſultou de circumſtancias excepcionaes, e o ſyſtema não foi abandonado. Se o imperio do Occidente não pôde reſiſtir aos barbaros, apeſar da diviſão em dois governos, cumpre notar todavia, em favor d'eſte ſyſtema, que a elle é que ſe deve a conſervação das reliquias da ſciencia, da philoſophia e das lettras antigas, depoſito precioſo que os ultimos litteratos gregos nos transmittiram no ſeculo XV, e que nas muralhas de Conſtantinopla foi quebrar-ſe a maré muſſulmana, cujas vagas dianteiras alcançaram ao Occidente as ſerranias eriçadas de lanças heſpanholas, e os campos de Poitiers onde ſcintillava o frankiſk de Karl Martel. Quando o imperio do Oriente cedeu ao eſforço de Mohammed II, a Europa moderna eſtava creada, e era baſtante forte para fazer frente a quaeſquer inimigos.

Nenhum imperador do Oriente pode ſer equiparado a Juſtiniano, nem o grande Theodoſio ſequer. A dupla gloria de conquiſtador e grande legiſlador ſó a elle podemos conceder. Depois de

Conſtantino, que outorgou a paz á egreja chriſtã, nenhum teve maior influencia no ſeu tempo e nos tempos futuros. As ſuas conquiſtas foram ephemeras, mas a legiſlação conſervada nas ſuas collecções é um monumento eterno.

Segundo d'aqui ſe vê, Roma, encarada, não no ponto de viſta eſtreitiſſimo da cidade, mas nas ſuas relações com os povos que ſucceſſivamente lhe foram ſubmettidos, progrediu, ao paſſo que a ſua conſtituição ſe foi amoldando ás neceſſidades reſultantes da extenſão do imperio. A conſtituição do tempo dos Scipiões é um progreſſo em relação á de 510, e a meſma lei rege as modificações provenientes da guerra ſocial, do eſtabelecimento da dictadura imperial, do governo dos Antoninos, da conceſſão de Caracalla, da tetrarchia, do reconhecimento official do chriſtianiſmo, da diviſão final em dois imperios. Primeiro os plebeus, depois os Latinos e os Italianos, em ſeguida os habitantes das provincias, ultimamente os chriſtãos e os barbaros, mudaram de condição, e contribuiram efficazmente para o deſenvolvimento d'eſſe grande vulto hiſtorico que ſe chama o imperio romano.

1869.

II[1]

A hiſtoria das relações do imperio romano com os povos do Norte e do Oriente, que ſão conhecidos pela denominação de barbaros, e particularmente a hiſtoria das luctas do quinto ſeculo, cujo reſultado foi a interrupção do imperio no Occidente, e o eſtabelecimento das dominações teutonicas, deve, por mais de um motivo, chamar a attenção dos eſtudioſos. Por um lado, o conhecimento d'eſſes factos é indiſpenſavel para a hiſtoria dos eſtados que procedem do deſmembramento do imperio occidental. A par do elemento romano e do elemento chriſtão, importa conſiderar o elemento barbaro. Como todos ſabem, a acção dos invaſores não conſiſtiu ſómente em deſtruir. Vedava-lh'o a ſua propria força, e a

[1] *Hiſtoire d'Attila et de ſes ſucceſſeurs.*

grandeza do adverſario que tinham diante. Roma, canſada de pelejar inceſſantemente com eſſa hydra indeſtructivel, cujas cabeças, mal tinham caido ao corte da eſpada legionaria, para logo renaſciam, mais vivazes e ameaçadoras, ſuſpendera no tropheu das glorias extinctas as armas que as ſuas debeis mãos já não alcançavam brandir, e dobrara o collo reſignada. Mas quando um povo deſempenha no mundo miſſão tão ſublime como aquella que tinha ſido commettida ao povo romano, o poderio militar, a dominação armada, não ſão a fórma unica da ſua acção univerſal. A propria annullação politica não obſta ao deſenvolvimento da ſua capacidade civiliſadora. Aſſim como o povo helleno, deſtinado á creação da philoſophia e da arte, depois de ſubjugado por Alexandre formou no Oriente uma vaſta e fecunda unidade litteraria, e, quando incorporado no univerſo romano conquiſtou os vencedores pela ſua ſuperioridade intellectual, eſtampando profundamente o ſello do ſeu genio livre e original em todos os productos da imaginação latina, o povo romano, cuja miſſão hiſtorica foi a creação do direito, e a união das nações da bacia do Mediterraneo n'uma grande communidade religioſa, civil e litteraria, ainda depois de vencido proſeguiu na ſua obra ſecular, ſenão com tanta energia, porventura com mais efficacia.

Os barbaros encontraram pois na ſociedade romana um elemento reſiſtente que lhes não era dado aniquilar. Nem, que foſſe poſſivel, teria ſido eſſe o reſultado da acção e da reacção entre os dois elementos. Como acima indiquei, os barbaros eram fortes. Os violentos deſtroem, os fortes edificam. Ora quem funda aproveita todos os materiaes. Foi o que fizeram os invaſores.

A parte dos povos barbaros na fundação das nações modernas foi importantiſſima. Entraram n'eſſa combinação como elemento eſſencial. Não creio que a ſua parte foſſe a mais importante, pelo que reſpeita ao Occidente, legitimo producto do Evangelho, do direito romano, das inſtituições municipaes e ceſareas, e das lettras claſſicas; mas as differenças profundas que ſeparam a noſſa ſociedade da ſociedade romana devem-ſe quaſi todas á influencia germanica.

Baſtam eſtas conſiderações para moſtrar qual o alcance do eſtudo das origens barbaras em relação á hiſtoria nacional; mas, por outro lado ainda, é eſſe eſtudo ſummamente intereſſante. O quadro d'aquella prodigioſa batalha de cinco ſeculos, ferida entre tantas e tão eſtranhas gentes, não pode deixar de commover profundamente a alma dos homens dos noſſos dias, tão acceſſivel ás impreſſões dramaticas, quando ſeja pintado com as vivas côres da realidade. Não ſe encon-

tra no livro da hiſtoria pagina mais pathetica do que eſſa defeſa de uma ſociedade que fez grandes coiſas, e que ſe ſente deſtinada a fazer outras maiores, contra os implacaveis inimigos da ſua fé, das ſuas inſtituições, dos ſeus coſtumes, das fórmas da ſua civiliſação. Enorme tragedia, cujos actores ſão Arminio e Germanico, Marco Aurelio, Decio, Aureliano, Julião, Theodoſio, Stilico, Alarico, Attila, Aecio, Genſerico, Ricimerio, Odoacro, as creaturas mais ſantas e as mais criminoſas, mas todas de eſtatura gigante; cujo theatro ſe eſtende das floreſtas germanicas a Carthago, e d'ahi ao Capitolio, dos montes Carpathos ao Danubio e d'ahi a Conſtantinopla; cujo deſſecho, ao envez das tradições claſſicas, e após uma accumulação de dôres e ruinas, como a eſpecie humana não tornará talvez a ſupportar, é a ſalvação da ſociedade civiliſada, e a regeneração do mundo.

O triumpho apparente pertenceu aos barbaros, mas quem na realidade o obteve foi a ſociedade romana, foi, primeiro que todos, o Evangelho. O caracter de Roma é a univerſalidade, a religião do Crucificado é univerſal. Por tanto, nem Roma, nem a Egreja, podiam, ſob pena de faltarem ao cumprimento da ſua miſſão, iſolar-ſe das nações eſtranhas que limitavam o imperio, nem d'aquellas que ſucceſſivamente ſe lhe foram aviſinhando. O encontro era fatal (melhor diria-

mos providencial). Não menos fatal era a lucta do mal com o bem, do erro com a verdade, da barbaria com a civilisação.

Foi glorioso e fecundo o desfecho; mas, considerando as coisas sob o ponto de vista terrestre, podia ter sido bem differente. Aqui é que principalmente reside o interesse da titanica tragedia. Eliminemos tres ou quatro seculos da historia, supponhamos Roma entrada e destruida por Arminio, por Decebalo, ou ainda pelos Godos, na época da sua apparição historica: qual teria sido o resultado d'essa catastrophe? O mesmo que o da victoria dos Persas em Salamina, ou dos Arabes em Poitiers. O mundo retrocedia.

Importava que as raças barbaras sentissem durante seculos a influencia de uma civilisação superior, para que o dia da sua victoria não fosse um dia nefasto na vida da humanidade. Cumpria que a sociedade romana se defendesse a todo o transe, e conservasse a sua independencia, até que os seus inimigos radicaes se convertessem em puros adversarios politicos. As datas variaram com as circumstancias. Roma entrega o sceptro da dominação occidental em 476 aos semicivilisados Germanos, ao passo que a sua irmã do Bosphoro tem de luctar heroicamente na brecha por mais dez seculos, até o dia em que a sua queda deixa de ser um desastre universal.

É por iſſo que, de todas as ſucceſſivas invaſões, a que mais fortemente commove os noſſos animos é a invaſão dos Hunos. A ſua apparição nas margens do Boryſthenes determinou um grande movimento de povos, e apreſſou a queda do imperio do Occidente. Os fugidios Viſigodos, que o imperador Valente acolhera no territorio romano, vieram, na geração ſeguinte, eſcalar o Capitolio ao mando de Alarico, e aſſentaram depois as ſuas tendas no meio-dia da Gallia, d'onde ſe tranſferiram para a Heſpanha. Os Alanos, que ali os tinham precedido, emprehenderam a ſua incurſão devaſtadora ſob a preſſão do medo que os dominadores aſiaticos lhes incutiam. Os Vandalos, que acompanhavam os Alanos e os Suevos, aſſenhorearam-ſe de Carthago, eſpalharam pelas regiões maritimas do imperio eſſas vaſtas ruinas que deram ao ſeu nome uma ſiniſtra nomeada, e violaram, pela ſegunda vez, a cidade eterna. Finalmente, rotos e diſperſos n'um dos ultimos dias glorioſos de Roma os bandos do ferociſſimo Radagaſio, que o progreſſo dos Hunos impelliu para o occidente e para o ſul da Europa, outros povos da meſma raça alcançaram com Odoacro quebrar o laço que mantinha a unidade romana, arrancando dos hombros do ultimo Auguſto do Occidente a purpura imperial.

A influencia indirecta dos Hunos foi terrivel,

a ſua acção directa, ſó muito depois do ſeu eſtabelecimento na Europa ſe fez ſentir; mas o que teria ſido a ſua victoria apreſenta-ſe com tão hediondo caracter, que a imaginação reſoge de o conſiderar. Gente fera, ſem moradas, ſem artes, ſem religião, quaſi ſem leis; de todos os ſeres que o Septentrião e a Aſia deſencadearam ſobre nós, os menos humanos, conſtituiam um perigo immenſo para a civiliſação, que eſcapou em Châlons[1], como por milagre, graças ao valor dos federados da Gallia, e ao genio do patricio Aecio.

A deſmarcada figura do ſeu chefe principal preſtava-ſe extremamente á tranſformação popular. Para Attila, a lenda começou quaſi em vida, e por tal fórma modificou a ſua phyſionomia e as ſuas acções, que foi preciſo um paciente trabalho de moderna reconſtrucção, para lhe reſtituir as feições, e eſtabelecer as baſes da ſua hiſtoria real.

O auctor do trabalho que acabo de indicar, Amédée Thierry, é um dos eſcriptores que mais ſe tem occupado, áquem do Rheno, das origens barbaras. A *hiſtoria* dos Celtas da Gallia, ſeguida, tanto no territorio gaulez, como nos paizes para onde os levaram as ſuas emigrações, foi a ſua eſtreia litteraria, onde logo ſe revelou gran-

[1] Châlons ou Méry.

de eſcriptor. Depois, principalmente de vinte annos a eſta parte, os ſeus trabalhos hiſtoricos, numeroſos, ſe vamos a conſiderar-lhes a natureza e o primor, teem levado a luz ſucceſſivamente a cada uma das épocas importantes das ultimas luctas de Roma com a barbaria. O livro intitulado *Tres miniſtros do imperio romano no tempo dos filhos de Theodoſio* encara, do ponto de viſta romano, a hiſtoria de Alarico; as *Narrações da hiſtoria romana no quinto ſeculo* contam a deſtruição do imperio occidental e o eſtabelecimento do reino oſtrogothico de Italia; a *Hiſtoria de Attila e de ſeus ſucceſſores até o eſtabelecimento dos Hungaros na Europa* acompanha os Hunos nas ſuas tres grandes invaſões, já Hunos de Balamir, já Avares, já Magyares, e traça o mais vaſto quadro de hiſtoria barbara de que tenho noticia.

Ainda nos ſeus ultimos trabalhos, conſagrados a S. Jeronymo, a Santo Agoſtinho, a S. João Chryſoſtomo, não ceſſa o eminente hiſtoriador de nos fornecer dados importantiſſimos para a hiſtoria das origens da ſociedade moderna. O que eſtes livros ſão para a hiſtoria da Egreja é para a da ſociedade romana a *Hiſtoria da Gallia ſob a adminiſtração romana;* e as lacunas que o leitor pode encontrar, em relação ás épocas que não foram eſpecialmente tratadas, enche-as um livro breve porém magiſtral, o *Quadro do impe-*

rio romano, que tenho ſempre conſiderado um dos melhores livros do ſeculo.

Os eſtudos hiſtoricos ſão pouco populares em Portugal, ſobretudo os de hiſtoria antiga. Creio que vae n'iſto grave inconveniente, a todos os reſpeitos. A hiſtoria, não ſó é de grande enſinamento, mas conſtitue a mais intereſſante das leituras. Eſta verdade, ha muito evidente para quem conhece os narradores antigos e os eſcriptores que crearam no ſeculo actual uma eſcola ſuperior, ou antes vinte eſcolas excellentes, devia calar em todos os eſpiritos. Ganharia com iſſo o paiz por mais de um lado, Os eſtudos hiſtoricos haviam de deſenvolver o eſpirito do noſſo povo, onde não falta engenho, mas falta cultura, e poderiam revelar alguma vocação precioſa. Importa que a hiſtoria nacional ſeja eſcripta por nós ſem detença, para que não ſucceda que venham eſtranhos eſcrevel-a, com gloria ſua, e deſdouro noſſo. O que Preſcott e Ticknor fizeram á Heſpanha, o que George Grote fez á Allemanha, que conſiderava a Grecia como territorio germanico, corremos grave riſco de que nol-o façam em breve. Eu ſou dos que ſe não hão de queixar, mas deſejo que os noſſos bons talentos nos poupem a vergonha de taes eſmolas.

Tenho por tanto como util ſerviço indicar quaes os eſcriptores a que ſe deve pedir conſelho. Não faltam elles; o que talvez faltará é quem

os entenda e attenda. Para a hiſtoria da Peninſula, anterior á fundação da monarchia, hiſtoria de grande importancia para a intelligencia da noſſa, não conheço livros mais dignos de ſer conſultados do que as obras de Amédée Thierry[1].

1871.

[1] Eſtes dois artigos foram publicados no *Inſtituto* de Coimbra antes da morte de Amédée Thierry.

INDICE

Os tragicos da Grecia 1
Os primeiros Cefares 35
O fatalifmo na hiftoria 97
As obras de Profper Mérimée 127
Dois hiftoriadores modernos 165
«Entre Palmeiras» 193
O Cefarifmo 205
Os primeiros feculos da republica romana 221
Amédée Thierry 241

Á VENDA NA LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50 — RUA AUGUSTA — 52

QUADROS DA VIDA ROMANA, por Luiz Garrido, 400 rs.

DO ADULTERIO DO MARIDO, pelo mesmo, 200 rs.

O VISCONDE DE PAIVA MANSO, pelo mesmo, 200 rs.

ESTUDOS DE HISTORIA E DE LITTERATURA, pelo mesmo, 600 rs.

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS, contendo: Diccionario dos escriptores estrangeiros que escreveram obras consagradas a Portugal, ou a assumptos portuguezes; diccionario dos traductores estrangeiros que verteram para os seus idiomas obras portuguezas; resenha das obras de auctores portuguezes reimpressas em paizes estrangeiros; noticia dos monumentos levantados por portuguezes ou erigidos em honra d'elles, em diversas partes do mundo, por Manuel Bernardes Branco, 2 vol. com retratos, 4.º br. 6$000 rs.

ELOGIOS ACADEMICOS, por J. M. Latino Coelho, 2 vol. contendo as biographias de Rodrigo da Fonseca Magalhães, Fr. Francisco de S. Luiz, e Barão de Humboldt. 8.º br. 1$800 rs.

CURSO DE GEOGRAPHIA ANTIGA E MODERNA, CHRONOLOGIA E HISTORIA DA GEOGRAPHIA, por M. F. de Medeiros Botelho, 3.ª edição, 8.º gr. br. 1$700 rs.

PORTUGAL DESDE 1820 A 1834, HISTORIA DOS SUCCESSOS POLITICOS D'ESTE TEMPO, por Francisco Antonio da Cunha de Pina Manique, 1 vol., 8.º br. 600 rs.

SELECTA NACIONAL, CURSO PRATICO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, 3 vol., litteratura, oratoria e poetica, por F. J. Caldas Aulete, 8.º cart. 1$800 rs.

FEIRA DOS ANNEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA, por D. Francisco Manuel de Mello, edição revista e dirigida por Innocencio Francisco da Silva, 1 vol., 8.º br. 500 rs.

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO DA EUROPA, por Guizot, traducção do Marquez de Sousa Holstein, 2 vol. com estampas br. 1$000 rs.

ELOGIO HISTORICO DE JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA, por José Maria Latino Coelho, 1 vol. com o retrato do biographado, 8.º br. 500 rs.

CAMÕES E OS LUSIADAS, VIDA DO POETA E ANALYSE IMPARCIAL DAS BELLEZAS E DEFEITOS DO SEU IMMORTAL POEMA OS LUSIADAS, por Francisco Evaristo Leoni, 1 vol. 8.º br. 1$000 rs.

ULTRAMAR, THEORIAS NA METROPOLE, PRATICAS NA AFRICA por José Maria da Ponte Horta, 4.º br. 200 rs.

LBMr 20

Deacidified using the Bookkeeper proc
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: MAY 2002

Preservation Technologi
A WORLD LEADER IN PAPER PRESERVAT
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066

LIBRARY OF CONGRESS
0 009 435 121 2